

EDIÇÃO ILUSTRADA

DR. JOHN A. THOMPSON
PREFÁCIO DE F. F. BRUCE



A BÍBLIA E A ARQUEOLOGIA

QUANDO A CIÊNCIA DESCOBRE A FÉ

SUMÁRIO

<u>Apresentação da Edição em Língua Portuguesa</u>	<u>13</u>
<u>Prefácio de E. E. Bruce</u>	<u>15</u>
<u>Prefácio do autor</u>	<u>17</u>
<u>Introdução: A Arqueologia Bíblica nos Dias de Hoje</u>	<u>21</u>

PARTE 1:

A Arqueologia e a História do Antigo Testamento até 587 a.C.

<u>1. O Migrante Abraão</u>	<u>31</u>
<u>O Primeiro Lar de Abraão - 35</u>	
<u>Povos do Oriente nos Dias de Abraão - 37</u>	
<u>As Viagens de Abraão - 42</u>	
<u>Cidades Patriarcais, Nomes e Animais de Carga na Era Patriarcal - 43</u>	
<u>Costumes Retratos nas Narrativas Patriarcais - 46</u>	
<u>2. Na Terra dos Faraós</u>	<u>59</u>
<u>Chegada dos Reis Hicsos ao Egito - 59</u>	
<u>O que os Reis Hicsos Deram ao Egito - 60</u>	
<u>Palestina nos Séculos XVII e XVI a.C. - 61</u>	
<u>Capital dos Hicsos em Avaris - 62</u>	
<u>Fatos e Cultura Egípcia na História de José - 63</u>	
<u>Anos Silenciosos na Terra de Gózen - 69</u>	
<u>3. Do Egito para Canaã</u>	<u>75</u>
<u>O Pano de Fundo do Êxodo - 76</u>	
<u>A Opressão - 78</u>	
<u>A Data do Êxodo - 78</u>	
<u>A Viagem do Egito para o Deserto - 83</u>	
<u>Notas Arqueológicas Sobre o Período do Deserto - 89</u>	
<u>Última Parte da Jornada à Terra Prometida - 92</u>	
<u>A Conquista da Terra - 94</u>	

4. Colonização da Terra	99
<u>Os Vizinhos Hostis de Israel - 102</u>	
<u>Os Filisteus - 103</u>	
<u>Os Cananeus - 106</u>	
<u>Os Arameus - 110</u>	
<u>Os Grupos Nômades - 111</u>	
<u>Os Reinos da Transjordânia - 112</u>	
<u>As Dificuldades de Israel e a Necessidade de Unidade - 113</u>	
5. Uma Nação, Um Rei	115
<u>A Arqueologia e os Dias do Rei Saul - 115</u>	
<u>Davi, O Maior Rei de Israel - 119</u>	
<u>Os Empreendimentos de Salomão - 124</u>	
<u>O Fim da Vida de Salomão - 134</u>	
6. Os Reis de Israel	137
<u>Os Assírios: História, Cultura e Importância para a História Bíblica - 138</u>	
<u>As Três Primeiras Dinastias de Israel - 146</u>	
<u>A Dinastia de Onri - 147</u>	
<u>A Dinastia de Jeú - 154</u>	
<u>Os Últimos Reis de Israel - 160</u>	
7. Os Reis de Judá	165
<u>Os Primeiros Oitenta Anos: 922-842 a.C. - 165</u>	
<u>Da Revolução de Jeú à Queda de Samaria - 167</u>	
<u>De Ezequias à Queda de Judá - 170</u>	
8. Cidades de Judá e Israel nos Dias dos Reis	183
<u>Projeto de Construção de uma Cidade Israelita - 184</u>	
<u>Suprimento de Água - 188</u>	
<u>Casas - 193</u>	
<u>Edifícios Públicos e Arquitetura - 195</u>	
<u>Indústria - 197</u>	
<u>Lugares Altos, Santuários e Templos - 201</u>	
<u>Trabalho Artístico - 205</u>	

PARTE 2:

A Arqueologia e os Séculos Pré-Cristãos

9. Dias de Exílio	211
<u>O Destino dos Exilados de Israel - 211</u>	
<u>O Lar dos Exilados na Babilônia - 213</u>	
<u>A Grande Babilônia - 215</u>	

<u>A Arqueologia e o Profeta Ezequiel - 220</u>	
<u>Explorações Militares Tardias de Nabucodonosor - 222</u>	
<u>Os Últimos Dias do Poder Caldeu - 223</u>	
<u>A Arqueologia e o Profeta Daniel - 227</u>	
<u>Os Exilados Voltam para Casa - 229</u>	
10. A Volta do Exílio 231	
<u>Os Decretos de Ciro - 231</u>	
<u>A Terra de Judá na Época da Volta - 238</u>	
<u>Breve Revisão dos Reis da Pérsia até 500 a.C. - 239</u>	
<u>A Volta dos Exilados - 242</u>	
<u>A Província de Judá em 500 a.C. - 246</u>	
11. O Período Persa na Palestina (500-330 a.C.) 249	
<u>Os Reis Persas (500-330 a.C.) - 250</u>	
<u>A Arqueologia e o Livro de Ester - 251</u>	
<u>O Escriba Esdras - 253</u>	
<u>Neemias, o Governador e Restaurador dos Muros de Jerusalém - 255</u>	
<u>Os Vizinhos de Judá à Luz da Arqueologia - 257</u>	
<u>Alguns Itens de Cultura Geral - 260</u>	
<u>Judá Sob Dario II - 269</u>	
12. Os Judeus Fora da Palestina (séc. V a.C.) 269	
<u>O Desenvolvimento do Aramaico como Idioma Internacional - 270</u>	
<u>Cólonia Judia em Nipur, na Babilônia - 272</u>	
<u>Vida na Fortaleza Yeb (Elefantina) - 275</u>	
<u>A Religião na Colônia Judaica - 279</u>	
<u>Carta para o Governador de Judá do Povo de Yeb - 281</u>	
<u>Data de Neemias - 284</u>	
<u>Papiros Hebraicos de Samaria - 285</u>	
13. A Chegada dos Gregos 289	
<u>Breve Esboço Histórico (331-63 a.C.) - 289</u>	
<u>Edomitas, Idumeus e Nabateus - 292</u>	
<u>Evidência Arqueológica dos Dias dos Ptolomeus - 294</u>	
<u>Evidência Arqueológica do Período 198-134 a.C. - 298</u>	
<u>Evidência Arqueológica do Período 135-63 a.C. - 305</u>	
14. A Comunidade Religiosa de Qumran 311	
<u>Helenização e Judeus Piedosos do Século II a.C. - 312</u>	
<u>Tesouros Escritos das Cavernas de Qumran - 314</u>	
<u>O Caráter da Comunidade de Qumran - 319</u>	
<u>Abordagem de Qumran ao Antigo Testamento - 323</u>	
<u>A Comunidade de Qumran e o Messias - 324</u>	

Os Rolos e o Texto do Antigo Testamento - 325

A Seita de Qumran e o Zadoquitas - 326

A Seita de Qumran e os Essênios - 328

A Seita de Qumran e o Cristianismo - 329

Identidade dos Povos e Eventos nos Rolos - 333

15. Os Dias de Herodes O Grande 333

História da Palestina de 63-4 a.C. - 333

Projetos Arquitetônicos de Herodes - 336

Mais Evidências Arqueológicas dos Dias de Herodes - 350

PARTE 3:

A Arqueologia e o Novo Testamento

16. História dos Tempos do Novo Testamento 353

História da Palestina de 4 a.C. a 54 d.C. - 353

Período de 54 a 138 d.C. - 359

17. A Arqueologia e a Ocupação Romana da Palestina ... 365

Elementos Culturais no Cenário da Palestina - 365

Cunhagem no Período 4 a.C. a 135 d.C. - 367

Inscrições e Registros Escritos - 377

Tumbas - 382

Cerâmica, Artigos de Vidro e Objetos de Metal - 388

Remanescentes das Construções Romanas - 391

Estradas Romanas na Palestina - 393

18. A Jerusalém Que Jesus Conhecia 395

Topografia Geral de Jerusalém - 398

A Jerusalém de Herodes - 399

Jesus em Jerusalém - 406

19. Cidades na Palestina e na Síria 415

Cidades da Fenícia e dos Domínios de Herodes Filipe - 415

Cidades da Galiléia e Peréia, Domínios de Herodes Antipas - 418

Cidades na Província Procuratorial da Judéia - 424

População da Palestina nos Dias de Jesus - 429

20. Lucas, o Historiador 433

Parte do Material do Evangelho de Lucas - 434

O Livro de Atos à Luz da Arqueologia

A Primeira Viagem Missionária de Paulo - 443

O Livro de Atos à Luz da Arqueologia	
A Segunda Viagem Missionária de Paulo - 443	
O Livro de Atos à Luz da Arqueologia	
A Terceira Viagem Missionária de Paulo e	
Os Últimos Anos do Apóstolo - 454	
21. <u>A Arqueologia, o Evangelho de João</u>	
<u>e o Livro de Apocalipse</u>	<u>461</u>
A Arqueologia e o Evangelho de João - 461	
A Arqueologia e o Livro de Apocalipse - 468	
22. <u>O Novo Testamento e os Papiros</u>	<u>475</u>
Natureza e Uso do Papiro - 476	
A Língua dos Papiros - 479	
Cartas do Primeiro Século d.C. - 481	
Documentos do Cotidiano - 484	
Exemplos do Vocabulário do Novo Testamento - 487	
Os Documentos Mais Antigos do Novo Testamento - 489	
<u>Conclusão Geral</u>	<u>493</u>
<u>Notas</u>	<u>495</u>

APRESENTAÇÃO DA EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA

Você, leitor, tem em suas mãos uma contribuição valiosíssima para os estudos bíblicos em língua portuguesa, com informações preciosas sobre o contexto histórico-cultural dos tempos bíblicos que ajudarão você a entender melhor o próprio texto da Bíblia.

Esta edição ilustrada traz dezenas de fotos de artefatos e locais mencionados na Bíblia, que podem ajudá-lo a visualizar melhor o texto, assim como entender o cotidiano dos tempos patriarcais, monárquicos e apostólicos.

Numa era em que muitos arqueólogos e historiadores vêm atacando frontalmente a confiabilidade dos relatos bíblicos, esta obra traz um panorama do texto bíblico à luz da arqueologia, sem tentativas de se encaixar os fatos ao texto, nem o texto aos fatos.

Nisto reside a chave para o estudo da Arqueologia Bíblica: é imprescindível que o leitor aceite o relato bíblico tal como ele é, mesmo que isso implique em contradições com os “fatos” que a Arqueologia e outras disciplinas vêm descobrindo. Se algo parece contradizer a Bíblia, não é a Bíblia que está errada, mas talvez simplesmente não compreendamos plenamente os “fatos” descobertos ou não tenhamos descoberto todos os fatos ainda.

Vez após vez, na História e na própria Arqueologia, os “fatos” são interpretados e reinterpretados. Por exemplo: até algumas décadas atrás, cria-se que não existia a escrita na época de Moisés. Isso foi provado falso. Ou: até poucos anos atrás, desconhecia-se o rei babilônico Belshazar e desmerecia-se o livro de Daniel como uma obra do século II a.C. Após uma descoberta fascinante de alguns registros reais da Babilônia, ficou claro que Nabonido, já conhecido por listas reais oficiais do império, realmente era rei na época, mas havia se retirado da capital do Império e se desli-

gado diretamente do poder, deixando seu filho, Belsazar, no papel de rei “de fato” naqueles dias. Não era a Bíblia que estava errada, mas a História que estava incompleta.

A edição de *A Bíblia e a Arqueologia* em português corrigiu pequenos equívocos da edição original em língua inglesa, entre os quais algumas datas de eventos e nomes de cidades antigas, assim como atualizou informações sobre expedições arqueológicas e descobertas recentes.

Que este livro possa servir de grande auxílio à sua busca pela compreensão plena da Palavra de Deus!

Sidney Alan Leite

Professor de Arqueologia Bíblica
Núcleo de Estudos Avançados do Centro de Estudos Teológicos
(São Paulo, Brasil)

PREFÁCIO DE F. F. BRUCE

Os três estudos mais curtos reunidos neste volume foram publicados numa série chamada *Pathway Books*. Por ter sido um dos editores e consultores dessa série, tive interesse prioritário em apresentar este trabalho; mas essa não é a minha principal razão. Meu motivo principal é crer que esta obra, agora revista e atualizada, profusamente ilustrada, virá a ser um manual muito útil para os leitores da Bíblia.

O Dr. Thompson fez há muito um estudo especial da arqueologia bíblica. Durante anos ele foi Diretor do Instituto Australiano de Arqueologia em Melbourne. Teve experiência prática em arqueologia de campo com a American Schools of Oriental Research nos sítios da Jericó e Dibom romanos. Como preletor de Estudos do Antigo Testamento numa escola de teologia, ele sabe como associar as descobertas arqueológicas com os interesses mais amplos do estudo bíblico.

A arqueologia certamente contribui de forma importante para o estudo da Bíblia. Grandes áreas, especialmente do Antigo Testamento, foram de tal forma iluminadas por ela que não é fácil imaginar o que os leitores pensavam a respeito antes dos dias da arqueologia bíblica. Todavia, a escala da sua contribuição pode ser exagerada e um dos méritos do livro do Dr. Thompson é que ele não faz reivindicações excessivas para a arqueologia, nem tenta fazer com que preencha um papel para o qual é inadequada. Apesar de toda luz que a arqueologia lança sobre o texto, linguagem e narrativa bíblicos, é impróprio, e praticamente desnecessário, apelar para ela a fim de “provar” a Bíblia. A arqueologia tem de fato corroborado a historicidade substancial do registro bíblico desde o período patriarcal até a era apostólica, mas não é por meio da arqueologia que a mensagem essencial da Bíblia pode ser verificada.

Algumas vezes, de fato, a arqueologia tornou a interpretação da narrativa bíblica mais difícil e não o contrário. Isso aconteceu em épocas em que uma fase anterior da pesquisa pareceu resolver satisfatoriamente um determinado problema, enquanto estudos posteriores lançaram novamente o assunto de volta ao cadinho. Isto ocorreu, por exemplo, com a interpretação do Professor Garstang sobre a história de Josué, em vista das suas escavações em Jericó, e com a solução de Sir William Ramsay do problema de Quirino no evangelho de Lucas.

A arqueologia bíblica não tem fim. À medida que mais peças do quebra-cabeça vêm à luz, percebemos que algumas vezes colocamos peças descobertas anteriormente nos lugares errados e produzimos um padrão distorcido. As pesquisas arqueológicas para o estudioso da Bíblia devem ser, portanto, submetidas a uma repetida revisão de acordo com os novos conhecimentos. Tal revisão se encontra agora diante de nós e esperamos que a pesquisa do Dr. Thompson tenha muitos leitores e os guie a uma compreensão melhor da história bíblica.

F. F. Bruce

PREFÁCIO DO AUTOR

O presente volume contém material publicado anteriormente em três Pathway Books menores: *Archaeology and the Old Testament* (1957, 2ª ed. 1959), *Archaeology and the Pre-Christian Centuries* (1958, 2ª ed. 1959) e *Archaeology and the New Testament* (1960). Esses volumes menores foram agora reunidos em um único, com alguns novos arranjos e adição de informação mais recente, novos mapas, várias fotografias relevantes e excelentes e citações adicionais dos registros antigos do Oriente Próximo, que foram entremeadas no texto.

O objetivo da obra é oferecer um resumo conciso da informação que está agora à disposição para o estudo dos registros bíblicos como resultado dos muitos anos de escavação nas terras bíblicas. Num espaço tão curto não pode haver pretensão de sermos completos. De fato, vários itens importantes foram mencionados apenas de passagem e livros significativos em francês e alemão com sua riqueza de detalhes, receberam menção bem escassa. Muitos não foram sequer citados.

É de lamentar que só uma leve referência possa ser feita, no momento, às contribuições dos arquivos de Ebla. Apesar do imenso potencial dos tablets para os estudos bíblicos, eles só foram até agora examinados apenas superficialmente e grande parte da interpretação erudita permanece envolvida em controvérsia.

É de alguma forma gratificante para o autor descobrir que o material dos três Pathway Books, que originalmente abrangiam palestras feitas em faculdades teológicas, faculdades bíblicas e classes universitárias na Austrália, na década passada, possa ter valor para classes similares ao redor do mundo.

Agradecimento especial deve ser novamente dado pela ajuda da esposa do autor na preparação deste volume e pelo encorajamento dos Editores.

A esperança do autor é que este volume maior continue a ser útil para os alunos que estão aprendendo as suas primeiras lições de Arqueologia Bíblica.

ABREVIACÕES

AASOR - *Annual of the American Schools of Oriental Research*

AJA - *American Journal of Archaeology*

ANET - *Ancient Near Eastern Texts*

BA - *Biblical Archaeologist*

BAR - *Biblical Archaeology Review*

BASOR - *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*

BJRL - *Bulletin of the John Rylands Library*

EAEHL - *Encyclopedia of Archaeological Excavations in the Holy Land*

ICC - *International Critical Commentary*

IDB - *Interpreter's Dictionary of the Bible*

IEJ - *Israel Exploration Journal*

JAOS - *Journal of the American Oriental Society*

JBL - *Journal of Biblical Literature*

JNES - *Journal of Near Eastern Studies*

JTS - *Journal of Theological Studies*

NBD - *New Bible Dictionary*

PEQ - *Palestine Exploration Quarterly*

QDAP - *Quarterly of the Department of Antiquities of Palestine*

RB - *Révue Biblique*

VT - *Vetus Testamentum*

INTRODUÇÃO

A ARQUEOLOGIA BÍBLICA NOS DIAS DE HOJE

Nos últimos quarenta anos, um novo assunto passou a fazer parte do currículo das faculdades bíblicas e teológicas: a Arqueologia Bíblica. Sua importância é indiscutível. Trata-se de um ramo vital da pesquisa bíblica em geral, cujo progresso tem sido tremendo em anos recentes. Um estudioso destacado no campo da arqueologia e pesquisa bíblica em geral escreveu recentemente:

São poucos os campos do conhecimento humano em que o progresso da descoberta torna mais necessária a revisão dos manuais e outros recursos de estudo do que na pesquisa bíblica.¹

A arqueologia bíblica possui toda a fascinação da ciência da arqueologia, que busca desvendar a história das eras passadas escavando seus remanescentes materiais. Mas, ela acrescenta o interesse de que, mediante este estudo, podemos entender e interpretar melhor o manual da nossa fé. Uma parte não menos fascinante desses estudos modernos é que eles ajudam bastante na autenticação da história dos registros escritos que são a base da nossa fé. É claro que é impossível autenticar arqueologicamente tudo o que se encontra na Bíblia. Muitas das suas declarações estão além da esfera da investigação arqueológica. Nenhum escavador pode comentar, em termos da sua ciência, a simples declaração: “Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado para justiça” (Tg 2.23). Mas, na sua própria esfera, esta ciência contribui muito para o estudioso do registro sagrado.

O valor da arqueologia bíblica

Quando extraímos do campo da arqueologia em geral todo o material relevante para a Bíblia e depois organizamos o mesmo num estudo formal, temos a substância de um curso sobre Arqueologia Bíblica. Esse material tem importância para o estudante da Bíblia em pelo menos quatro aspectos.

Em primeiro lugar, ele fornece o pano de fundo geral da história bíblica. Não é suficiente ler apenas a Bíblia se quisermos apreciar o significado das suas narrativas. Os homens da história bíblica viveram em um determinado ambiente. Abraão, por exemplo, moveu-se em um mundo com costumes peculiares; é necessário aprendermos, mediante a informação não-bíblica, como era este mundo dele se quisermos compreender mais claramente a importância das coisas ditas e feitas por esse indivíduo. Compreendemos que a idéia que obtemos de Abraão na Bíblia lembra muita coisa do Oriente Médio da antigüidade, no período que vai de 1800 a 1500 a.C. A mesma coisa poderia ser dita sobre José, Moisés, Josué, Davi e toda a família das personalidades bíblicas.

Em segundo lugar, a Bíblia não é de forma alguma um registro completo. Seria necessária uma biblioteca inteira para poder recapitular todos os eventos necessários, com o fito de apresentar um relato abrangente das experiências do povo de Deus. Mas, já existe agora uma grande quantidade de material extra-bíblico disponível para suplementar a nossa história bíblica. Os autores da Bíblia selecionaram somente certos aspectos da vida de um homem específico. Eles não queriam nos dar um quadro completo, mas simplesmente escreveram o que era importante para o seu propósito e deixaram passar em silêncio outras coisas. O arqueólogo nos ajuda a preencher o quadro. Aprendemos, por exemplo, que o rei Onri, descrito em apenas seis versículos no livro de Reis, era conhecido dos assírios e conquistou Moabe. Descobrimos que o rei Acabe enviou um enorme contingente de tropas para uma grande batalha contra os assírios. Nenhum desses fatos é mencionado na Bíblia. Estes e muitos outros informes são colocados à nossa disposição pelo arqueólogo. Nas páginas seguintes iremos descobrir vários deles.

Em terceiro lugar, a arqueologia bíblica nos ajuda na tradução e explanação de muitas passagens bíblicas difíceis de entender. Algumas vezes encontramos uma passagem num idioma semelhante que nos dá um sentido alternativo, o qual se ajusta melhor ao contexto bíblico. Outras vezes, aprendemos que a Bíblia preservou informação geográfica valiosa, à qual não demos importância por não haver compreendido bem o trecho. Outras vezes, obtemos uma impressão totalmente nova de uma passagem à luz de conhecimento histórico mais completo.

Em último lugar, é perfeitamente verdadeiro dizer que a arqueologia bíblica fez mais para corrigir a impressão existente em fins do século passado e na primeira parte deste século, de que a história bíblica era passível de suspeita em muitos pontos. Se uma impressão se destaca mais claramente do que qualquer outra hoje, é que em todos os setores a historicidade geral da tradição do Antigo Testamento é admitida. Neste particular, as palavras de W. F. Albright podem ser citadas: “Não há dúvidas de que a arqueologia confirmou a historicidade substancial da tradição do Antigo Testamento”.²

Mesmo que alguns escritores desejem falar de divergências do quadro histórico, eles fazem isso com cautela e admitem que não há modificações sérias quanto a esse quadro.

As fontes de informação

O arqueólogo obtém a sua informação de objetos materiais deixados pelos povos desses dias distantes. Eles são encontrados nas ruínas de cidades, túmulos e inscrições do povo. Os objetos investigados pelo escavador podem estar completamente expostos aos olhos humanos ainda hoje, ou cobertos total ou parcialmente com terra.

Diversas estruturas continuam ainda expostas. É suficiente nos referir às pirâmides e aos templos do Egito, ao Panteão e a outras estruturas na Acrópole de Atenas, o grande zigurate de Ur dos caldeus, vários templos romanos, aquedutos, estradas e outros, espalhados por todo o Oriente e também na Europa, e os maciços castelos dos Cruzados que podem ser ainda vistos em muitas ter-

ras. Esses edifícios estão praticamente expostos e suas inscrições, obras de arte e aspectos arquitetônicos gerais acham-se facilmente à disposição do arqueólogo.

Alguns edifícios estão parcialmente cobertos e precisam ser limpos. É possível que entulho tenha se acumulado nas suas partes mais baixas. Isto precisa ser removido antes da estrutura completa ficar visível. Alguns dos prédios já referidos exigiram uma certa limpeza antes de poderem contar sua história.

Os remanescentes completamente cobertos, porém, são aqueles que exigem a habilidade de um escavador treinado. Como eles foram cobertos? Por vários meios. Talvez os prédios ficassem na parte baixa de uma cidade. Uma vez que a cidade fosse abandonada, as chuvas trouxeram sedimentos das montanhas ao redor, os quais, com o correr dos séculos, cobriram a cidade. A praça do mercado de Atenas e o forum de Roma foram cobertos desta forma.

É possível que uma cidade tivesse sido destruída por meios como cinzas vulcânicas. Este foi o destino de Pompéia e Herculano, perto da moderna Nápoles, em 79 d.C. O arqueólogo pode remover, hoje, as cinzas e encontrar uma cidade romana do primeiro século d.C.

Alguns dos restos cobertos se acham em tumbas e sepulturas. Estes são muito importantes porque quando eram enterrados os mortos do mundo antigo, as pessoas colocavam no túmulo objetos que acreditavam iriam ser necessários, na vida além-túmulo, aos seus amigos falecidos. Nessas sepulturas é que obtemos muitas de nossas peças raras. Não havia razão para elas se quebrarem, desde que fossem protegidas pelos muros da tumba.

O tipo mais importante de ruínas cobertas é aquele em que encontramos os remanescentes de várias cidades, uma por sobre a outra. Isto é estranho para nós, modernos. Mas, no mundo antigo, quando uma cidade murada era incendiada, ou derrubada por arietes, ou destruída por um terremoto, os recém-chegados que a reconstruíam não removiam os escombros e os alicerces da antiga cidade. Eles escolhiam o melhor material para reutilizar, nivelavam o entulho e reconstruíam por cima dele. Vários centímetros de restos da antiga cidade ficavam então selados. O padrão

geral das casas e ruas permaneceria e grande número de pequenos itens ficava entre os escombros.³

A maioria das cidades na Palestina que conhecemos através da Bíblia são deste tipo: Betel, Jericó, Samaria, Jerusalém, Meguido, Bete-Seã, Bete-Semes, Debir, Gezer e outras. Algumas dessas cidades tinham dez ou doze ou até vinte camadas (strata) de cidades destruídas. Cada uma conta a sua história. Quando o todo é escavado, cortando grandes trincheiras ao redor do monte e comparando as descobertas, a história da cidade emerge lentamente. Esses sítios são conhecidos pelos arqueólogos como “tells” ou “montes artificiais”.

Essas são as fontes a partir das quais o escavador reconstrói a história. Os itens que falam são os prédios arruinados com suas paredes, aposentos e pisos, a cerâmica, os implementos e ferramentas de metal, as armas, as obras em marfim e vidro, as moedas, o material gravado e escrito, quer na pedra, em ossos, ou argila queimada. De fato, qualquer item contribui para o quadro final.

Entre as descobertas mais importantes numa escavação acham-se os registros escritos, cartas, receitas, lista dos censos, contratos e peças literárias, escritas em pedra, cerâmica quebrada, couro ou papiro. Material deste tipo tem sido encontrado em cavernas, enrolados em múmias, espalhado nos prédios em ruínas, ou jogado em um monte de lixo. Material perecível como o couro e o papiro requer um clima seco, de modo que só é normalmente encontrado no Egito acima do nível das enchentes do Nilo, ou nas regiões secas da Palestina. As inscrições em pedra têm probabilidade de ser encontradas em toda parte. As inscrições eram muitas vezes forradas com chumbo, mas algumas vezes não passavam de pequenas ranhuras na pedra (*graffiti*). Informações escritas eram ocasionalmente pintadas nas paredes de um túmulo, ou marcadas com carbono num caixão ou numa parede. Embora este material escrito não seja muito popular, ele é provavelmente a informação mais importante de todas as que podem ser recuperadas de uma civilização antiga, pois registra os nomes das pessoas e lugares, dando informação detalhada a respeito dos eventos, leis e costumes.

As moedas se enquadram numa classe especial, pois têm valor não só em relação a datas, como também contêm material histórico valioso. Elas são instrumentos importantes da máquina de propaganda no mundo antigo e um estudo das mesmas nos fornece muita informação sobre a aparência dos reis e imperadores, assim como sobre eventos.



Tabletes de argila babilônicos (ca. 3100 a.C.) inscritos com caracteres lineares pictográficos (escrita sintética). Os tabletes contêm relatos de campos, colheitas e mercadorias. (Museu Britânico)

Existem várias referências a moedas no Novo Testamento; por exemplo, a ocasião em que perguntaram a Jesus sobre o pagamento de impostos e ele pediu para ver uma moeda. Isto deu ensejo a uma importante lição sobre lealdade: “Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus” (Mt 22.21).

Finalmente, depois de várias etapas do trabalho, a história é contada. O arqueólogo bíblico se apressa em descobrir se existem itens importantes no relatório do escavador, associados à história bíblica e que serão úteis de uma das maneiras que sugerimos acima.

A Arqueologia Bíblica e o Novo Testamento

O leitor comum da Bíblia fica às vezes com a impressão de que as descobertas espetaculares do arqueólogo se aplicam apenas ao Antigo Testamento. Esta é uma interpretação completamente errada. O Novo Testamento também se beneficiou grandemente das descobertas arqueológicas.⁴ Para crédito do escavador moderno, existe uma grande quantidade de material que não só lançou luz sobre a história do período do Novo Testamento, como também teve importantes repercussões no campo do estudo geral do Novo Testamento. Não é demasiado afirmar que importantes modificações ocorreram nas teorias eruditas sobre o Novo Testamento, quase inteiramente como resultado de descobertas arqueológicas. Iremos notar algumas delas neste volume.

Há provavelmente boa razão para o desenvolvimento da idéia de que a arqueologia tem pouco a dizer sobre o Novo Testamento. As descobertas realmente significativas ligadas a ele não são tão marcantes como as que se referem ao Antigo Testamento. Muitas pessoas com pouco conhecimento da história bíblica teriam, não obstante, ouvido falar de Sir Leonard Woolley e de suas escavações em Ur, a cidade de Abraão, ou do Professor Garstang e seu trabalho em Jericó. As escavações do Professor Koldewey, na Babilônia, capital do famoso Nabucodonosor, parecem também ser comuns nos livros de história. Os empreendimentos dos grandes assírios se tornaram conhecidos há mais de um século, desde que Sir Henry Layard, H. Rassam e George Smith realizaram suas notáveis pesquisas nas ruínas de Nínive e Ninrode. Mas, todas elas são principalmente interessantes para o estudioso do Antigo Testamento. Até mesmo quem visita casualmente o Egito, Palestina, Síria, Líbano, Iraque e outros países do Oriente pode ver estruturas maciças como as pirâmides do Egito, o grande zigurate de Ur, as amplas ruínas da Babilônia, os palácios assírios de Nínive, Khorsabad e Ninrode, e os palácios dos persas, todos de interesse específico para o leitor do Antigo Testamento.

Além disso, todos são tão antigos e possuem tanto mistério ligado àqueles dias do passado longínquo que, em comparação, as ruínas romanas parecem recentes e lhes falta o deslumbramen-

to da antigüidade. Sem este fascínio, as antigüidades do período do Novo Testamento tiveram menos apelo para o público e aumentou então a impressão de que há pouca coisa de valor a ser encontrada nas escavações das ruínas dos tempos do Novo Testamento.

Apesar da ausência de apelo popular, não faltam descobertas arqueológicas relativas ao Novo Testamento. As mais importantes delas são os registros escritos, inscrições e papiros. Há também alguns remanescentes de prédios e uma considerável variedade de outros itens que têm o seu próprio e especial interesse.

Muitas das cidades mencionadas no Novo Testamento ainda conservam restos consideráveis acima do solo. Muitas outras foram cobertas com o passar dos séculos e precisam ser escavadas. A importante cidade de Jerusalém, que discutiremos em detalhe mais tarde, é rica em material arqueológico.⁵ Todavia, quando essas cidades são finalmente expostas pelo arqueólogo, há muito para ser descoberto, tanto sobre a vida dos habitantes da cidade como sobre alguns dos prédios mencionados no Novo Testamento. Basta lembrar do grande templo de Diana, em Éfeso, ou da praça do mercado em Atenas. Outras cidades escavadas pelo arqueólogo, embora não mencionadas na Bíblia, nos contam, não obstante, muito sobre a vida da época. Uma delas é Pompéia, que foi destruída pelo vulcão do Monte Vesúvio, em 79 d.C. Esta é uma cidade típica dos dias de Paulo e um estudo de suas ruínas nos dará uma idéia clara do tipo de cidade em que Paulo transmitiu a sua mensagem.

PARTE 1

A Arqueologia e a História do Antigo Testamento até 587 a.C.

1

O MIGRANTE ABRAÃO

O escritor do livro de Gênesis parece estar interessado apenas em fazer algumas declarações gerais sobre a humanidade nos dez primeiros capítulos e passar o mais rapidamente possível para a história de Abraão. Essas declarações gerais se referem à mão criadora de Deus por trás de todas as coisas materiais e seres vivos, a universalidade da rebeldia humana e do juízo divino, o fato do desejo de Deus de salvar os homens e o fato dos homens poderem ser salvos pela fé em Deus e obediência a ele.

O autor de Gênesis extraiu da informação ao seu dispor certos dados para ilustrar seus princípios gerais. Infelizmente, seus esboços são tão resumidos e tão cuidadosamente escolhidos que é difícil encontrar apoio arqueológico para eles. Mas, algum material útil está disponível para comparação em pelo menos quatro aspectos.

A Criação. Há outras histórias antigas da criação, a mais conhecida sendo *Enuma Elish*, um épico babilônico-sumeriano, que conta a origem dos deuses desde o caos primevo, em que duas entidades estranhas, Apsu e Tiamat, foram reunidas em um só corpo. Delas vieram os deuses. Um dos deuses mais jovens, Marduque, finalmente venceu Tiamat, cortou-a em dois e formou o céu e a terra com o corpo dela. A seguir, ele criou o homem, assim como o resto do universo. Em comparação com esta estranha história registrada hoje em sete placas de barro, a narrativa majestosa de Gênesis 1 e 2 se destaca como uma obra-prima. O Deus único e verdadeiro criou todas as coisas numa série de pronunciamentos divinos.¹



Duas das sete placas na série assíria, contendo o épico da Criação. Trata-se de cópias do texto babilônio mais antigo e foram feitas para a biblioteca real assíria em Nínive. O texto pode reportar-se aos originais sumérios do terceiro milênio a.C. (Museu Britânico.)

Em certo estágio, vários eruditos do Antigo Testamento sugeriram que a história bíblica da criação devia muito ao poema *Enuma Elish* e deram grande importância à suposta relação entre o termo hebraico *tehom*, “as profundezas”, e o nome *Ti’amat*, a deusa que personificava as águas salgadas do mar. De fato, tanto *tehom* como *ti’amat* derivam de uma raiz semítica comum, *thm*, que em ugarítico, nos séculos XIV-XV a.C., e até mesmo em Ebla no século XXIII a.C., denotavam geralmente “as profundezas”, ou “o abismo do oceano”. O *Enuma Elish* babilônio não é em si mesmo a história original, mas derivado de uma fonte anterior. Temos hoje diversos fragmentos babilônicos que mostram bastante variação no que diz respeito a detalhes.²

O Dilúvio. As placas babilônicas também incluem uma história do dilúvio.³ O herói Utnapishtim foi salvo de uma grande enchente num navio, juntamente com pessoas e animais. Há paralelos interessantes com a história bíblica – o envio de pássaros para descobrir terra seca, a construção de um altar e a oferta de um sacrifício. Mas, novamente, enquanto a história bíblica do dilúvio é monoteísta, a história babilônica é inserida numa estranha estrutura politeísta. Existem, de fato, muitas diferenças entre as

duas histórias, apesar das semelhanças, e é mais provável que ambas se reportem a um evento original do que a história hebraica seja uma modificação do mito antigo.

Algumas características da história do Dilúvio Babilônico foram iluminadas pela arqueologia. O herói da história, Utnapish-tim, foi, de fato, um dos primeiros reis da cidade de Uruk, ao sul da Babilônia, durante o Período Dinástico Antigo II.⁴ Segundo a narrativa babilônica, este rei foi em busca da imortalidade.

A história era bastante conhecida no Oriente Próximo da antiguidade e escavações produziram vários textos ou fragmentos que se referem ao Dilúvio, embora os detalhes sejam diferentes.⁵ Ela é mencionada na Lista dos Reis Sumérios, que contém uma lista dos reis após o Dilúvio e data de cerca de 2000 a.C.⁶ Do século dezessete a.C., o mais tardar, temos o Épico de Atra-hasis. Este incluía originalmente o mais completo relato do Dilúvio.⁷ Existe uma história suméria do Dilúvio cerca de 1600 a.C.⁸ Uma placa babilônica sobre o Dilúvio, que se refere a Atra-hasis, foi encontrada em Ugarite, datando de 1400-1200 a.C.⁹ A maior parte do Épico Babilônico propriamente dito é confirmada por cópias do início do segundo milênio a.C., mas a placa principal, Placa XI, só é confirmada em cópias do século VII a.C. A Mesopotâmia Antiga forneceu, até o presente, várias histórias do Dilúvio. De especial interesse para os leitores bíblicos é um fragmento do Épico de Gilgamés de meados do segundo milênio a.C., isto é, da Idade do Bronze Médio, encontrado no Nível VIII em Meguido.¹⁰

Textos acadianos importantes foram encontrados na biblioteca do rei assírio, Assurbanípal, em Nínive, embora o Épico de Gilgamés seja conhecido de versões anteriores ao primeiro milênio a.C. Um fragmento acadiano foi encontrado nos Arquivos Hititas de Boghazkoy, assim como traduções hurrianas e hititas, ambas do segundo milênio. Fragmentos de Placas I-III e X são originárias da Babilônia antiga e datam da primeira metade do segundo milênio.

Depósitos consideráveis de sedimentos em vários sítios escavados, tais como Ur, Shuruppak, Ereque e Quis, onde camadas de argila foram depositadas por grandes enchentes, mostram que houve enormes inundações na Mesopotâmia, as quais deram lu-

gar à história do Dilúvio. A afirmação de Sir Leonard Wooley de que ele havia encontrado um depósito que marcava o Dilúvio bíblico não é mais aceita.¹¹ O depósito ali é espesso, mas muito localizado em uma área da cidade. Os depósitos de enchentes em outros sítios variam em espessura e idade. Nenhum pode ser realmente identificado como um depósito originário especificamente do Dilúvio bíblico. Tudo que podemos dizer é que a literatura da Mesopotâmia antiga fala constantemente de um dilúvio. Os depósitos do Dilúvio parecem apoiar a verdade geral deste quadro. Mas, a data e a extensão do Dilúvio bíblico estão até agora além do nosso conhecimento.¹²

Tentativas foram feitas para localizar¹³ os restos da Arca no moderno Monte Ararate. Tais tentativas são virtualmente sem significado, já que a Bíblia se refere às montanhas (plural) de Ararate (G. 8.4) como o lugar em que a Arca pousou, de modo que nenhuma montanha específica é identificada. Além disso, o próprio nome Ararate se refere à antiga terra de Arartu, que cobria uma extensa região. Pedacos de madeira encontrados no moderno Monte Ararate pareceram oferecer alguma esperança de identificação, mas quando foram datados por testes de radiocarbono modernos, soube-se que suas datas não eram anteriores aos séculos VII-VIII d.C.

As listas dos reis e sua longevidade na proto-história primeva. Um dos aspectos das listas dos reis mesopotâmicos é a considerável idade dos mesmos. A Lista Sumeriana dos Reis começa com as palavras:

Quando o reinado desceu dos céus, ele se estabeleceu (primeiro) em Eridu. (Em) Eridu A-lulim (tornou-se) rei e reinou 28800 anos. Alagar reinou 36000 anos. Dois reis (então) a governaram durante 64800 anos.¹⁴

A linha de reis continua até os tempos históricos que são bem conhecidos e a duração dos reinados diminui. A importância desses longos períodos não deve ser tomada literalmente e deve ter contido algum significado simbólico. Eles não foram provavel-

mente registrados para servir a um propósito cronológico estreito no sentido moderno. É de algum interesse que a Bíblia também atribui considerável duração à idade de alguns descendentes de Noé (Gn 11.10-32). Há, portanto, um certo paralelismo entre o material bíblico e o sumério. Mas, conforme o nosso conhecimento atual, o sentido não fica claro. Os números bíblicos são muito mais modestos do que seus paralelos sumérios.¹⁵

Estrutura literária do começo de Gênesis (1-9). Algum interesse está ligado à estrutura literária dos primeiros capítulos de Gênesis, que acompanha a seqüência da criação (caps. 1-2); o afastamento da humanidade do Senhor Deus (caps. 3-4), um elo mediante uma genealogia de dez gerações (cap.5) até o Dilúvio e a subsequente renovação (caps. 6-9), o progresso da humanidade (10-11.9), e outro elo genealógico de dezenove gerações que vão de Sem até Terá, pai de Abraão (11.10-25). Este esquema é bastante paralelo ao da Lista do rei sumério Atra-hasis e a história do Dilúvio Sumeriano.¹⁶ Parece clara a existência de uma tradição literária comum no Oriente Médio da antigüidade, diferindo em detalhes de lugar em lugar, mas mantendo uma certa semelhança no esboço literário.

As plenas implicações do trabalho arqueológico na Mesopotâmia não foram ainda compreendidas. À medida que o tempo corre, as escavações continuam a prover informação excitante sobre esse mundo antigo, permitindo que as primeiras histórias da Bíblia possam ser adequadamente compreendidas.

Depois destes capítulos introdutórios, o autor de Gênesis passa à história de Abraão, para a qual ele fornece informes muito mais completos.

O Primeiro Lar de Abraão

A Bíblia estabelece o lar de Abraão em Ur dos caldeus e sugere dois estágios da sua migração para a Palestina: primeiro de Ur para Harã e depois de Harã para Canaã. A identificação de Ur provocou algumas divergências entre os eruditos, alguns dos quais vêem na frase "Ur dos caldeus" uma nota editorial mais recente, desde que parece inadequada no segundo milênio a.C., quando

os caldeus ainda não haviam emergido na história registrada. Pode haver alguma verdade nisto, mas a tradição bíblica coloca o lar original de Abraão em Ur, na Baixa Mesopotâmia (Gn 11.31). Tentativas de colocar Ur na Alta Mesopotâmia não obtiveram qualquer sucesso.¹⁷ Muitos eruditos com certeza acham que há boas razões para dar crédito à teoria de que essa antiga Ur, a moderna Tell el-Muqayyar, é a cidade referida em Gênesis.¹⁸ Tal teoria não está necessariamente ligada a uma proposta de que Abraão fosse amorreu e que a sua migração deveria ser considerada como parte dos movimentos dos amorreus nos primeiros anos do segundo milênio a.C. Mas, se esta identificação da Ur bíblica for correta, então o ancestral de Israel tivera contato com uma civilização adiantada, embora talvez habitasse na zona rural e não na cidade. As escavações de Sir Leonard Woolley, durante os anos 1922 a 1934, mostraram algo do esplendor dos séculos antes de Abraão.¹⁹ As tumbas reais de Ur, datadas de cerca 2.500 a.C., produziram uma coleção de magníficas vasilhas de ouro, que continuam sendo o deleite e espanto dos estudiosos do mundo antigo. Ur era uma cidade com um sistema complexo de governo e um bem desenvolvido sistema de comércio, onde já se usava a escrita para a expedição de recibos, preparo de contratos e muitos outros propósitos. Havia na cidade esgotos, ruas, casas de dois andares, um templo com uma grande torre (zigurate), estradas comerciais unindo a cidade a outras grandes metrópoles ao norte e ao sul, e várias outras evidências de uma civilização altamente desenvolvida.

Esta região da Mesopotâmia tinha sido anteriormente ocupada principalmente pelos sumérios, que foram os primeiros a se estabelecer nas planícies de Sincar. Bem cedo os povos semíticos começaram a infiltrar-se nessas regiões e se tornaram conhecidos como acadianos. Esses povos viviam pacificamente entre os sumérios e adotaram a sua cultura. Com o passar do tempo, se tornaram o grupo dominante e substituíram os sumérios no governo dessas terras. Em séculos posteriores, outros semitas surgiram ali, tais como os amorreus e os arameus. Há uma boa evidência de que a área foi ocupada por semitas em data bem antiga. Não é de todo improvável, portanto, que um semita como Abraão

viesse do sul da Mesopotâmia, embora não possamos determinar o grupo semítico exato do qual ele procedia.

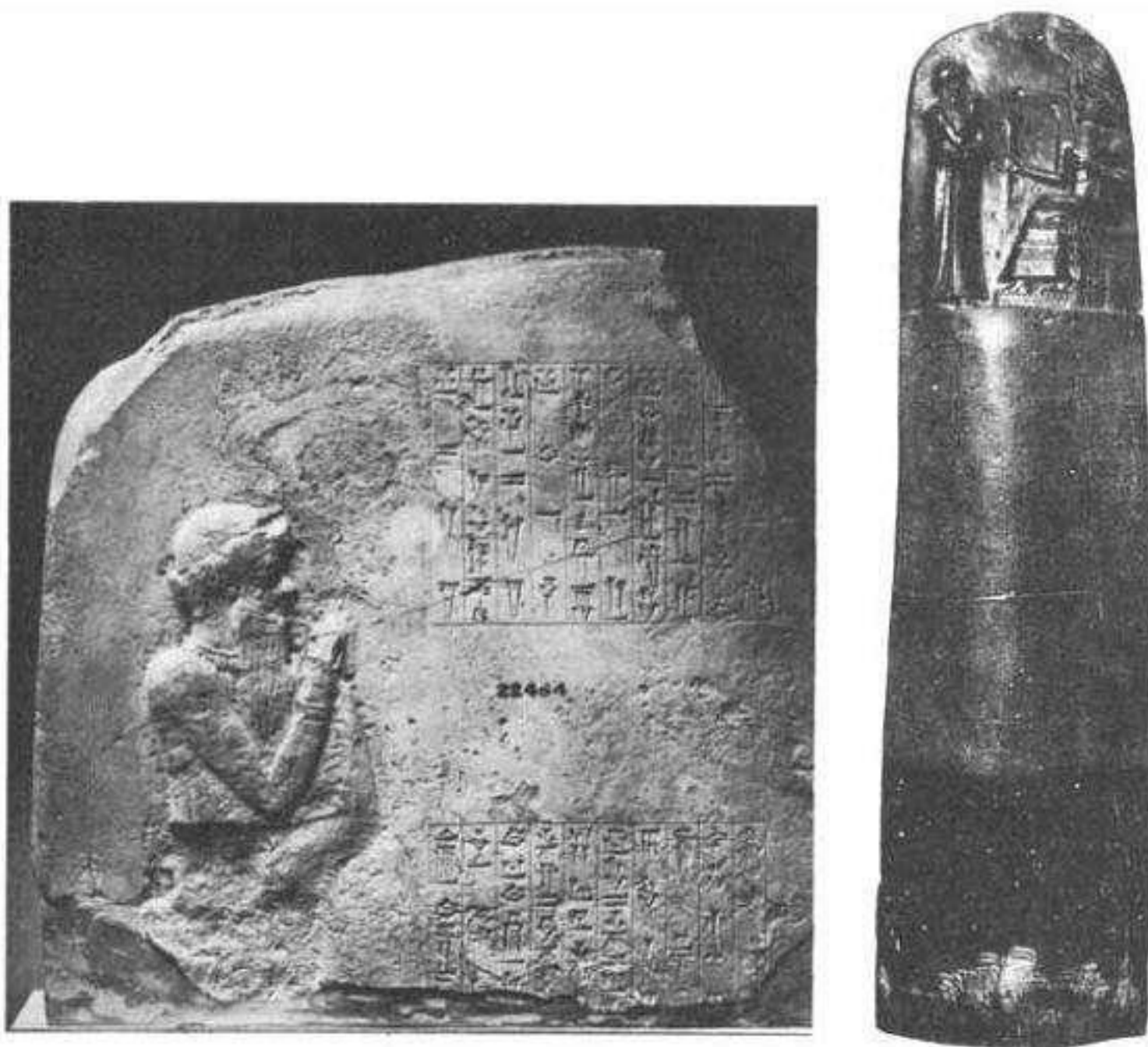
Povos do Oriente nos Dias de Abraão

É importante compreender que o mundo em que Abraão viveu era um mundo deveras ativo. Podemos dizer que os séculos que se seguiram a 2000 a.C. foram épocas de grandes mudanças em todo o Oriente. Além dos antigos sumérios e acadianos semíticos dispersos pela Mesopotâmia, encontramos outros grupos importantes, tais como os amorreus, os hurrianos e os hititas, que começaram a se destacar nessas terras.

Ouvimos falar dos amorreus, na Bíblia, entre os habitantes da Palestina e especialmente da Transjordânia. Eles podiam ser encontrados, porém, em muitas terras do Oriente Próximo naqueles dias. Pouco antes de 2000 a.C., eles começaram a se mover para a Baixa Mesopotâmia e, em 1800 a.C., tinham-se apossado da maior parte dessa região. Ao mesmo tempo, eram ativos, de modo geral, na área a nordeste da Galiléia, como aprendemos por meio de uma valiosa coleção de textos de execração (maldição) do Egito. Havia dois grupos desses textos, abrangendo maldições escritas sobre pequenas figurinhas ou vasos e dirigidas contra os prováveis vassalos rebeldes dos egípcios. A quebra dos objetos em que as maldições eram escritas libertava essas maldições, segundo se dizia. O primeiro grupo de textos escritos em vasos data do período entre 1925 e 1875 a.C. e lista cerca de trinta chefes palestinos e sírios, mas dificilmente uma cidade.²⁰ Um segundo grupo de textos escritos em figurinhas de barro cozido e datado da segunda metade do século dezenove a.C., isto é, um pouco mais tarde, refere-se a um número muito maior de cidades do que de chefes.²¹ Os dois conjuntos de textos dão uma idéia dos amorreus estabelecendo-se em regiões ao norte e ao leste da Galiléia. Desta região, eles devem ter-se movido para o sul, para a Transjordânia, e para o sudoeste da Palestina propriamente dita. Na época do Êxodo, os israelitas venceram Seom e Og, reis dos amorreus na Transjordânia (Nm 21.21-35), e lutaram com os amorreus na Palestina (Js 10).

Um interessante documento do Egito conta a história de Sinue, um oficial egípcio que fugiu para praticamente a mesma área no século vinte a.C. Ele viveu com um chefe amorreu da mesma espécie que Abraão, Labão ou Jacó.²²

Foram os amorreus que deram ao mundo o grande legislador Hamurábi, que governou durante os anos 1792-1750 a.C. Um estudo do seu código de leis mostra vários paralelos interessantes com o código de leis de Moisés.²³ Isto não surpreende realmente, desde que os patriarcas israelitas vieram dessas terras e Abraão deve ter conhecido e vivido sob leis similares antes dos dias de Hamurábi.



Dois retratos típicos do rei Hamurábi (1792-1750 a.C.) cercado pelo conhecido Código das Leis. A figura à esquerda foi esculpida em pedra calcária (Museu Britânico). A estela de diorito de 32cm mostra Hamurábi, à direita, recebendo os símbolos de autoridade, o cetro e o anel do deus Shamash, sentado. (Consulado Geral, República do Iraque)

Uma pergunta importante que ainda não foi satisfatoriamente respondida é se os patriarcas fizeram parte do movimento amorreu. Tanto os ancestrais de Israel nos últimos anos como os amor-

reus, e também os arameus e outros povos da Ásia Ocidental, fizeram, de modo geral, parte do bloco semítico ocidental. A tradição bíblica liga os patriarcas com os arameus (Gn 11.32ss; 24; 29; 30; 31). Há, no entanto, ainda bastante incerteza sobre as origens étnicas dos patriarcas.²⁴ É seguro afirmar, porém, que os amorreus foram um elemento deveras significativo na população da Ásia Ocidental na primeira metade do segundo milênio a.C. e fizeram parte do cenário em que os patriarcas viveram e se movimentaram.

O segundo grupo de pessoas que exige uma breve menção é formado pelos hurrianos. Eles começaram a entrar nas terras ao longo do Tigre cerca de 2000 a.C. Alguns tablets de barro desse período introduzem um novo tipo de nome, diferente dos outros nomes da região. Esses novos nomes são agora tidos como pertencendo aos hurrianos, que durante os dois séculos seguintes se dispersaram pela Mesopotâmia central e formaram a principal população em vários reinos muito importantes, como o reino Mitani que ocupou a área entre o Tigre e o Eufrates cerca de 1500 a.C. Em anos recentes, a importante cidade de Nuzi, a leste do Tigre, forneceu uma surpreendente coleção de objetos de barro que permitiram que tivéssemos uma noção dos costumes dessas terras.

Alguns desses costumes têm certa semelhança com os costumes patriarcais descritos em Gênesis. Esta questão será retomada mais tarde neste capítulo. Mas, muitos dos costumes correntes entre os hurrianos tiveram paralelos na sociedade do Oriente Médio durante vários séculos. Os hurrianos eram apenas uma seção de uma sociedade muito complexa, e não é inconcebível que alguns dos ancestrais de Israel tivessem contato com os mesmos em um ou outro lugar.

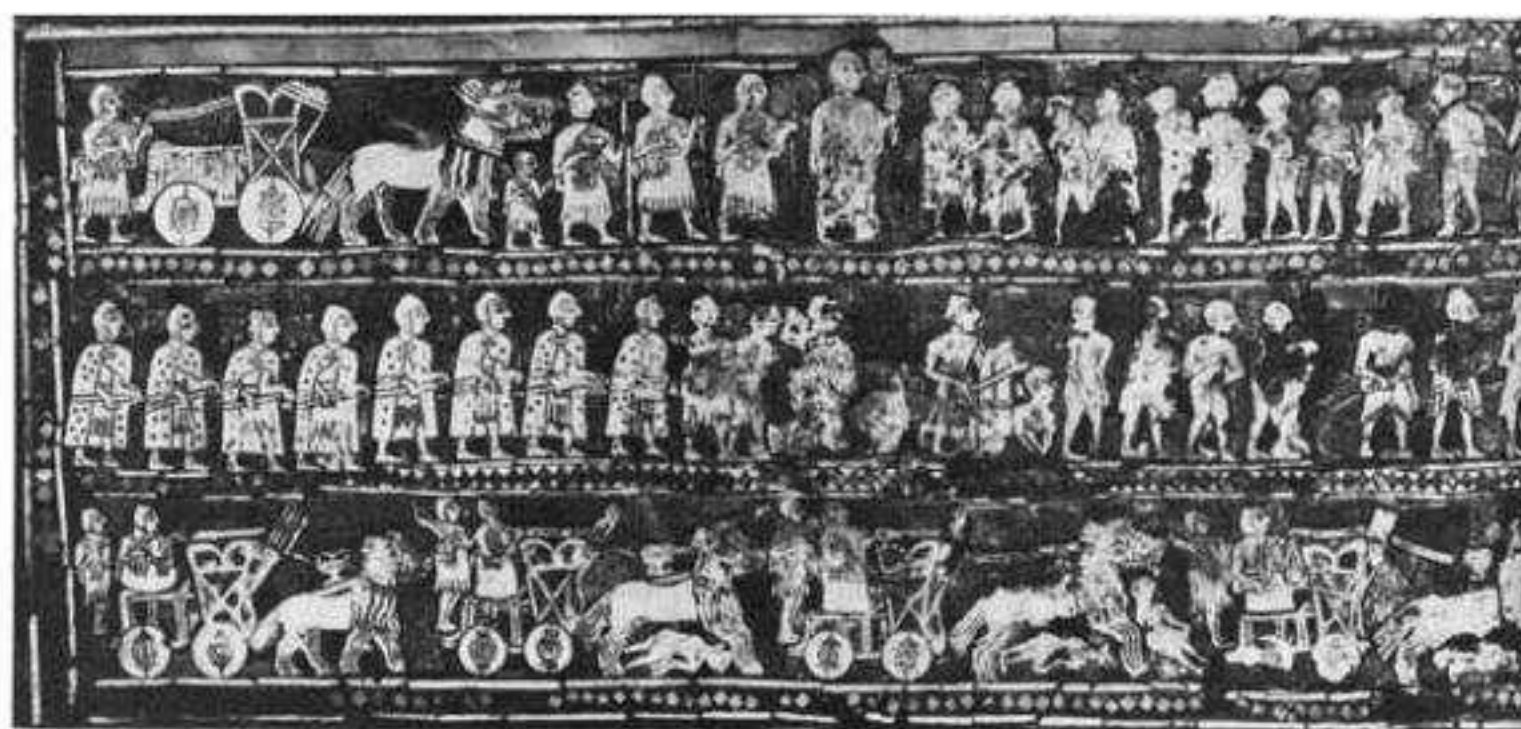
Pode ser perguntado se os hurrianos, como tal, são conhecidos na Bíblia. Alguns eruditos acham que os horcus correspondem aos hurrianos.²⁵

Os hititas eram um terceiro grupo que se tornou ativo cerca da época em que os patriarcas israelitas peregrinavam no Oriente. Este era um grupo de povos que se originaram em algum ponto da Europa e formaram parte da grande migração indo-européia que chegou até a Índia. Este grupo, que é de algum interesse para

o estudioso da Bíblia, se estabeleceu na Ásia Menor. Aqui eles encontraram um povo mais antigo conhecido como povo Hati. Os recém-chegados adotaram esse nome. As referências aos hititas na Bíblia podem não ser aos hititas da Ásia Menor. Segundo a lista genealógica de Gênesis 10.15, um certo Hete era filho de Canaã. Interpretado em termos étnicos, havia um elemento tribal em Canaã que poderia ser chamado de hitita. Abraão comprou, de um certo Efrom, o heteu (Gn 23.10), um campo para sepultar Sara, mas teve de fazer negócio com os anciãos de Macpelá que são chamados de “filhos de Hete” (Gn 23.3,5,7,10,16,18,20). Nada neste capítulo exige que o termo hitita (ou heteu) signifique mais que um grupo cananeu local. De fato, os hititas de Gênesis não devem ser ligados ao antigo povo Hati nem à comunidade indo-européia que entrou na Ásia Menor e ganhou controle sobre o planalto de Anatólia cerca de 1900 a.C. Já em tempos patriarcais, porém, eles se encontravam ativos na periferia do mundo patriarcal. Nos anos ca. 1700-1190 a.C. iriam formar um império, cuja capital era Hatusas e depois da sua queda alguns centros hititas permaneceram ao norte da Síria juntamente com os arameus. Não há evidência de penetração hitita direta na Palestina, embora influências culturais tenham sido sem dúvida introduzidas por mercadores.²⁶

Alguma referência deve ser também feita aos arameus, que ocupam lugar de destaque na história patriarcal (Gn 25.20; 28.1-7; 31.20,24; Dt 26.5). Este grupo não é muito mencionado nos documentos escritos na primeira parte do segundo milênio a.C., embora o nome Arã, como nome de lugar, seja conhecido numa inscrição de Naram-sin de Acade, já no século XXIII a.C. Há também referências em documentos de Drehem, uma cidade do Baixo Tigre, a uma região no Alto Eufrates ca. 2000 a.C. Encontramos igualmente referência a um nome pessoal nos textos de Mari (séc. XIV a.C.), Alalakh (séc. VII a.C.) e em Ugarite (séc. XIV a.C.). Do Egito temos uma referência ao nome de um sítio na Síria dos dias de Amenofis III (primeira metade do século XIV a.C.), como também em um diário de um oficial da fronteira egípcia nos dias do Faraó Mernepta (ca. 1220 a.C.). A partir de então, o nome ocorre freqüentemente em documentos assírios.

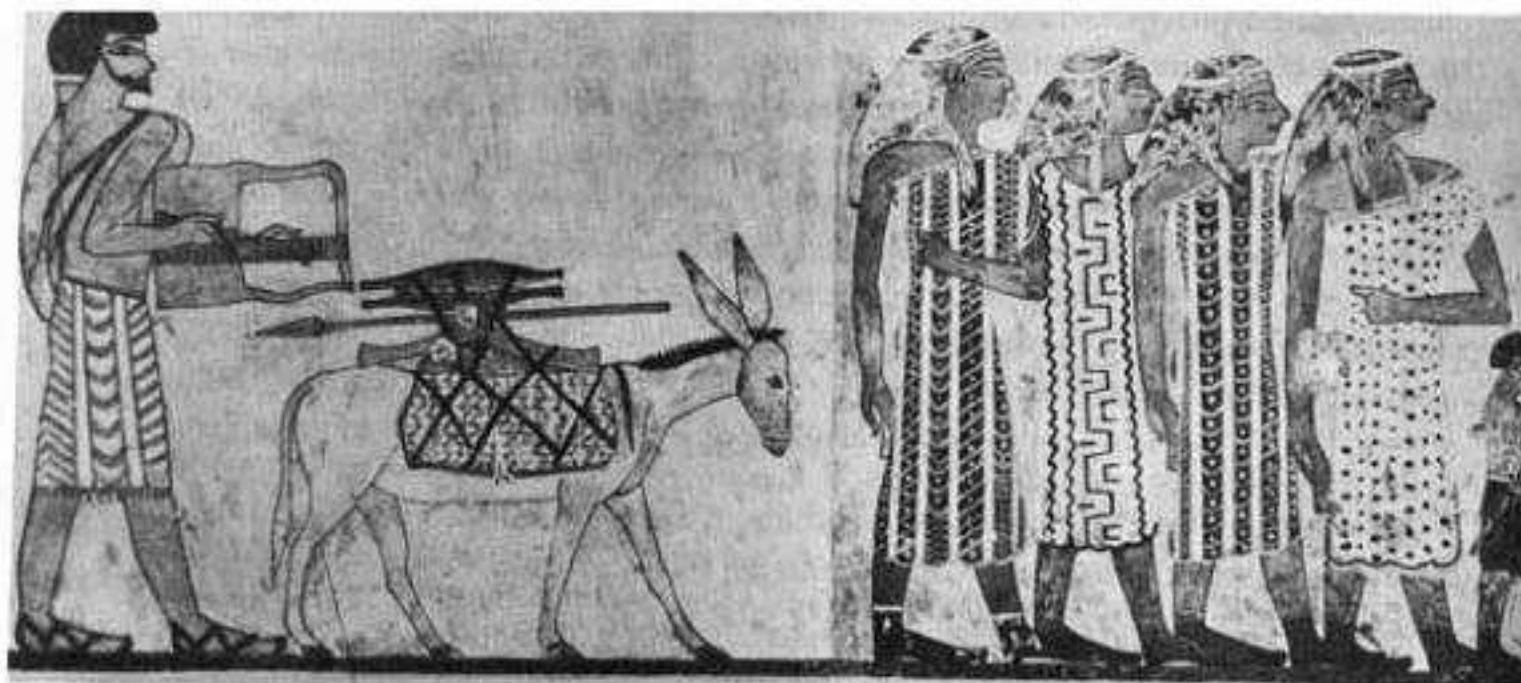
Parece claro que um grupo, que veio a ser conhecido mais tarde especificamente como os arameus da terra de Arã, já era conhecido na região do Alto Eufrates desde o início do segundo milênio. É entre esses povos que a tradição bíblica procura os patriarcas e, por mais erradamente definidos que eles sejam no presente, devemos contá-los como um dos grupos de pessoas que se achava presente nas regiões patriarcais na primeira parte do segundo milênio a.C.²⁷



Uma obra-prima da arte suméria primitiva, este mosaico-padrão de Ur (ca. 2500 a.C.) é feito de lapis lazuli, conchas e pedra calcária vermelha, tudo engastado com betume na madeira. A primeira fila mostra um carro, soldados, o príncipe (figura maior) e prisioneiros nus; a do meio, soldados e prisioneiros nus; a última, carros passando por um campo de batalha coberto de cadáveres. (Museu Britânico)

Devemos acrescentar a esses povos inúmeros grupos menores, muitos dos quais de tamanho subtribal e pertencentes a agrupamentos étnicos maiores. Na Palestina propriamente dita, desde muito cedo já havia uma população mista que recebera, e estava recebendo todo o tempo, infusões de migrantes de várias direções. Os patriarcas, então, não se moviam num vácuo, mas num mundo povoado por uma grande variedade de elementos étnicos e tribais, um quadro que é refletido nas narrativas patriarcais. Infelizmente, não temos condições para afirmar, com base na presença desses povos nas narrativas bíblicas, qualquer coisa a respeito da data dos patriarcas desde que os povos ali mencionados eram conhecidos e ativos no Oriente Médio durante muitos séculos. Com base apenas nos povos mencionados seria possível afirmar uma data para os patriarcas em algum ponto no segundo mi-

lênio a.C., ou até, com alguma modificação no sentido dos termos, no primeiro milênio a.C. Apesar disto, é certamente possível que os patriarcas se enquadrem na primeira metade do segundo milênio.



Trinta e sete semitas ("Asiáticos") levam tinta para os olhos a Khnemhotep III (ca. 1900 a.C.), numa pintura em sua tumba em Beni Hasan, no Egito. Este detalhe mostra um jovem com uma lança, quatro mulheres com roupas coloridas (que contrastam com as vestes brancas dos egípcios), um jumento carregando foles (talvez para trabalho em metal) e um homem tocando uma lira. (Oriental Institute, Universidade de Chicago)

As Viagens de Abraão

A Bíblia descreve as viagens de Abraão em algum detalhe. Ao sair de Ur, ele viajou primeiro para o norte, para a cidade de Harã, onde morou vários anos antes de partir novamente, com destino à Palestina (Gn 12).

Um autor bíblico descreveu esta primeira viagem de Abraão como aquela em que ele "partiu sem saber aonde ia" (Hb 11.8b). A pesquisa recente enfatiza que este versículo não deve ser aplicado num sentido físico. Havia estradas comerciais muito usadas em todas essas terras e não temos razão para pensar que Abraão se afastou das estradas conhecidas em sua viagem. Devemos, pelo contrário, interpretar este versículo num sentido espiritual, a saber: tendo partido em obediência ao chamado de Deus, ele não tinha muita noção de onde a sua resposta finalmente o levaria.

Não só havia grandes estradas que iam de Ur para Harã, como também outras delas ligavam o norte da Mesopotâmia à costa do

Mediterrâneo e à Palestina. Outras ainda ligavam a Palestina com o Egito. Havia bastante trânsito entre essas duas últimas terras. Isto é mostrado pelo grande número de itens egípcios encontrados nas tumbas da Palestina, datadas dos anos 2000-1500 a.C. Este período cobre os dias da grande XII Dinastia (ca. 1991-1786 a.C.), o segundo Período Intermediário e o Período dos Hicsos (ca. 1720-1550 a.C.) em que o Egito exerceu algum tipo de controle sobre a Palestina durante boa parte dele. Assim sendo, os *Textos de Execração*, já referidos, são da XII Dinastia, assim como um conjunto valioso de pinturas encontrado nas tumbas em Bení Hasan, a 402km Nilo abaixo, nas quais o artista retratou um grupo de semi-nômades que visitaram o Egito cerca de 1900 a.C.²⁸ Havia trinta e sete pessoas, guiadas por um homem com um nome semita perfeitamente aceito, Absha. As roupas e equipamento dessas pessoas nos dão uma boa noção dos trajes e objetos usados pela família patriarcal que estava entrando no Egito na época.

Durante os duzentos anos seguintes, houve um considerável movimento entre Egito e Palestina. De modo geral, havia um movimento comercial em diversas regiões do Oriente Médio. Um dos exemplos mais notáveis é o dos mercadores de Anatólia para a antiga Assíria. De um centro da Anatólia, em Kanesh (Kultepe), as caravanas iam e voltavam de Assur regularmente. Importantes documentos encontrados em Kanesh, os *Documentos da Capadócia*²⁹, datados de ca. 1900 a.C., fornecem informação valiosa sobre o comércio, caravanas, procedimentos legais e outros, lançando luz sobre os costumes do período.

É interessante descobrir que as cidades visitadas por Abraão, segundo os registros bíblicos, se encontram hoje na região em que o índice pluviométrico fica entre 254 a 508mm anualmente. Esta é uma região adequada à criação de ovelhas. Não temos qualquer motivo sério para pensar que o padrão geral das chuvas tenha mudado no decorrer dos séculos.

Cidades, Nomes e Animais de Carga da Era Patriarcal

Pode ser perguntado se possuímos qualquer evidência contemporânea sobre as cidades mencionadas nos registros bíblicos. É



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Isto não pode mais ser mantido. É provavelmente verdade que os camelos não eram de uso geral nos dias de Abraão e parece que só em 1300 a.C. é que este animal de carga veio a tornar-se popular. No entanto, existe evidência clara de que o camelo foi relativamente utilizado em períodos anteriores. Pequenas figuras de barro, algumas esculturas e algumas peças de osso e pêlo de camelo foram encontradas em túmulos, tanto no Egito como na Mesopotâmia antes de 2000 a.C.³³

Não há, portanto, necessidade de considerar anacrônicas essas referências nas narrativas patriarcais.

Toda a questão dos primórdios da domesticação do camelo é extremamente complexa. Uma origem do sul da Arábia para o camelo doméstico é largamente aceita hoje. Além disso, o modo de domesticar variava muito, desde que o camelo pode ser e tem sido ordenhado, usado como meio de transporte, carregado com bagagem, comido, arreado a um arado ou carroça, trocado por mercadorias ou mulheres, transformado em sandálias e casacos de pêlo de camelo, etc. As referências ao camelo na literatura do Oriente Médio dos derradeiros séculos do segundo milênio a.C. não dão uma idéia do processo de domesticação que precedeu tais referências. Mas, a domesticação do camelo deve ter sido conhecida na Arábia do Norte e na Síria muito antes. Um estudo recente propõe que o processo de domesticação do camelo começou entre 3000 e 2500 a.C.³⁴ Desde que é impossível fixar uma data para Abraão com qualquer tipo de certeza, deve-se exercer cautela ao considerar a referência a camelos em passagens como Gênesis 12.6; 24.10,19a,22,31,35,46,61,64; 37.25 como puro anacronismo.³⁵

Costumes Retratos nas Narrativas Patriarcais

Uma das contribuições mais importantes da arqueologia moderna para nossa compreensão da Bíblia, é a informação dada sobre as leis e costumes do povo. Este material procede dos códigos formais das leis ou de muitas referências incidentais aos costumes do povo, encontrados nos documentos da vida cotidiana, tais como recibos, cartas, contratos, licenças e outros.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Lullu (isto é, uma escrava) ao marido, embora a primeira esposa exercesse autoridade sobre quaisquer filhos nascidos da escrava. Neste respeito, este tablete oferece um bom paralelo com as narrativas patriarcais, desde que os três elementos da mulher estéril, da iniciativa da esposa em obter uma escrava e a autoridade da esposa sobre os filhos ocorrem em passagens como Gênesis 16.2; 30.1-4,9.

O tablete de Nuzi em questão diz o seguinte:

Tablete de adoção pertencente a Zike, filho de Akkuya: ele deu seu filho Shennima em adoção a Shuriha-ilu, e Shuriha-ilu, com referência a Shennima, de todas as terras... e seus lucros de todo tipo deu a Shennima uma parte da sua propriedade. Se Shuriha-ilu vier a ter um filho seu, como filho principal ele terá uma porção dupla; Shennima será então o seguinte na ordem e receberá sua parte apropriada. Enquanto Shuriha-ilu for vivo, Shennima irá reverenciá-lo. Quando Shuriha-ilu morrer, Shennima se tornará o herdeiro. Mais ainda, Kelim-ninu foi dada em casamento a Shennima. Se Kelim-ninu tiver filhos, Shennima não tomará outra esposa; mas se Kelim-ninu não conceber, ela irá adquirir uma mulher da terra de Lullu como esposa para Shennima, e Kelim-ninu não poderá expulsar a criança que nascer. Quaisquer filhos nascidos para Shennima do útero de Kelim-ninu, receberão todas as terras e prédios de toda espécie. Todavia, se ela não tiver um filho, então a filha de Kelim-ninu receberá uma parte das terras e prédios da propriedade. Shuriha-ilu também não adotará outro filho além de Shennima.⁴²

Este costume comum, segundo o qual a esposa estéril dava uma escrava ao marido para criar filhos é conhecido numa variedade de textos além dos de Nuzi. Em alguns deles a prática ficava confinada a sacerdotisas numa aplicação restrita dos mesmos princípios.⁴³ Mas a Lei de Hamurábi 163 aplicava esta provisão à



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

mente contrária aos costumes da terra e Abraão se revoltou com a idéia. Só uma ordem divina fez Abraão permitir que a criança e sua mãe partissem (Gn 21.12).

Nossa discussão já tocou de leve no casamento. Um estudo de alguns dos costumes do Oriente Médio da antigüidade é instrutivo neste ponto, porque há paralelos interessantes entre esses hábitos mesopotâmicos e os costumes bíblicos nas histórias dos patriarcas.

Vários outros paralelos bíblicos com a prática do Oriente Médio da antigüidade podem ser ilustrados por intermédio deste documento de Nuzi, que é o tablete de adoção de um certo Nashwi, que adotou um certo Wullu:

Tablete de adoção de Nashwi filho de Arshenni. Ele adotou Wullu, filho de Puhishenni. Enquanto Nashwi viver, Wullu lhe dará alimento e roupas. Quando Nashwi morrer, Wullu será o herdeiro. No caso de Nashwi vir a ter um filho, este irá compartilhar a herança igualmente com Wullu, mas só o filho de Nashwi tomará os deuses de Nashwi. Se Nashwi não tiver filhos, Wullu tomará então os deuses de Nashwi. E Nashwi dera sua filha Nuhuya como esposa para Wullu. Se Wullu tomar outra mulher, ele perde o direito à terra e prédios de Nashwi. Quem quebrar o contrato pagará uma mina de prata e uma mina de ouro.⁴⁴

Em Gênesis 29.24,29 Labão deu às duas filhas uma serva como presente de casamento. O mesmo costume é claro no documento acima. Ele também se encontra no documento já citado, que continua além do ponto em nossa citação com as palavras:

Além do mais, Yalampa é dada como serva para Kelim-ninu e Sharim-ninu passa a ser pai-participante. Enquanto Kelim-ninu for viva, ela (isto é, Yalampa) irá honrá-la e Sharim-ninu não anulará o



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Apesar de várias incertezas quanto aos paralelismos, ninguém pode deixar de impressionar-se com vários elementos contidos na Bíblia e em documentos do Oriente Próximo antigo que apontam para idéias e práticas comuns. Como é natural, há sempre variantes de uma determinada prática ao nos transportarmos de lugar em lugar.

A história da compra da caverna de Macpelá por Abraão, para sepultar sua esposa Sara (Gn 22), é instrutiva, desde que oferece informação sobre diversos costumes relativos aos procedimentos a serem seguidos na compra de um terreno. Por ser estrangeiro ou residente sem-terra vindo de fora, Abraão teve de procurar os cidadãos locais ou filhos de Hete (cf. Gn 10.15). Tiveram então lugar amabilidades exageradas e longas negociações na porta da cidade, como era normal e característico nos trâmites de negócios no Oriente (Gn 23.10). Abraão só queria a caverna, mas viu-se finalmente obrigado a adquirir o campo inteiro. O preço foi fixado em 400 siclos de prata – uma simples bagatela, disseram eles (v. 15). A prata foi pesada em uma balança de pratos, provavelmente de acordo com os pesos-padrão usados pelos mercadores (v. 16). A área em questão foi claramente definida (v. 17) e finalmente reconhecida como propriedade de Abraão pelos cidadãos, sendo feito então o sepultamento de Sara. Este foi o primeiro pedaço da terra prometida que Abraão pôde chamar seu.

A história inteira tem sido interpretada de acordo com as leis hititas.⁴⁹ Duas leis hititas usadas para explicar a transação estão ligadas ao serviço feudal referente à propriedade da qual o proprietário queria livrar-se.⁵⁰ Mas, uma vez que se compreenda que os hititas da história são realmente um grupo cananeu (Gn 10.15), a associação hitita perde o seu significado. Não se tratava absolutamente de uma questão de tributos feudais, mas simplesmente da venda de um pedaço de terra da qual o proprietário tirou o máximo proveito quando encontrou alguém que tinha desesperada necessidade do mesmo.

Apesar de reconhecer que a história não se refere aos hititas de Anatólia, ela tem muitas características gerais em comum com os procedimentos legais do Oriente Próximo de diversos períodos. Assim sendo, a frase “pelo devido preço” (v. 9), que ocorre

também no relato da compra da eira por Davi (1Cr 21.23,24), é o equivalente de uma expressão que ocorre com pequenas variações nos contratos de venda acadianos de diferentes períodos. De fato, ela retrocede aos dias dos sumérios. A expressão ocorre nos textos de Mari e nos tabletas de Alalakh, assim como em textos posteriores, para indicar que o preço total fora pago, não restando qualquer saldo. O que Abraão estava dizendo é que ele daria o valor total do terreno, isto é, ele iria comprá-lo. Admitindo pequenas variantes nas expressões, estamos lidando aqui com uma fórmula legal bastante conhecida.⁵¹ Como na maioria das escrituras do Oriente Próximo antigo, o preço exato da venda é mencionado (v. 16) e o relato da transferência inclui uma descrição da propriedade (v. 17) em termos do tipo de bem vendido (campo), o nome do dono, a localização geral (Macpelá), e as coisas pertinentes à terra (caverna e árvores). Todavia, a história em Gênesis 23 não menciona cláusulas de garantia ou provisões contra processos, geralmente baseados em multas. Não é dada uma lista de testemunhas, embora isto possa estar implícito na frase “se confirmaram por posse a Abraão, na presença dos filhos de Hete, de todos os que entravam pela porta da sua cidade” (v. 18). Gênesis 23 não é, porém, um documento legal, mas uma narrativa sobre títulos de propriedade. Os procedimentos em evidência aqui continuaram sendo utilizados até o primeiro milênio e não podemos então ligar esta história a um ou vários séculos específicos. O estilo, estrutura, fórmulas e conteúdo de certas partes do registro são calcados em contratos de venda muito conhecidos no Oriente Próximo da antiguidade. O leitor pode assim ver mais claramente o sentido e contexto dos vários elementos da história, ficando capacitado para discernir a importância de certos detalhes essenciais para a interpretação.

Não esgotamos, no entanto, as possibilidades deste estudo. Os *tells* (montes artificiais) do Oriente Médio antigo ainda contêm uma riqueza incalculável de registros em tabletas que irão lançar luz sobre os dias bíblicos. No momento, depois de um período que parecia iluminar cada vez mais nosso conhecimento da era patriarcal, ficamos um pouco confusos com o volume de dados que exigem cuidadosa reconsideração. Cada ano, por sua vez,

produz mais e mais tabletes que irão iluminar melhor uma época complexa. Mas, já sentimos que as narrativas bíblicas oferecem evidência de uma sociedade que, embora talvez pareça estranha aos leitores modernos, aparenta agora ser realista e autêntica. Carecemos ainda dos informes que irão permitir a determinação exata da era patriarcal, mas já aproveitamos muito com o nosso conhecimento da prática social e legal do Oriente Médio do segundo milênio a.C. Se não estamos em posição de declarar, sem sombra de dúvida, que os patriarcas se enquadram na primeira parte do segundo milênio a.C., também não estamos certamente em posição de negar tal teoria. Mesmo que alguns dos costumes tivessem sido utilizados durante muitos séculos, é igualmente verdadeiro afirmar que eles eram praticados no período 2000-1500 a.C.

Algun apoio para este ponto de vista procede de uma linha interessante de pesquisa iniciada em anos recentes; a saber, a consideração do caráter dos principais grupos tribais semíticos ocidentais no médio Eufrates nos séculos XIX-XVIII a.C.

Os importantes documentos escavados em Mari, datados deste período geral, forneceram muitas informações e permitiram um estudo das relações entre os grupos tribais e grandes centros urbanos como Mari. Os dois grupos viviam numa espécie de equilíbrio mútuo, com constante intercâmbio entre os pastoralistas e os colonizadores urbanos, que formaram uma sociedade dimórfica (duas formas).⁵² Alguns trabalhadores neste campo viram paralelos aproximados entre a sociedade de Mari e a dos patriarcas⁵³ e expressaram preferência pela Idade do Bronze Médio (ca. 1800-1550 a.C.) para o pano de fundo dos patriarcas. O quadro pintado nesses discussões mais recentes é o de uma sociedade habitando povoações simples na periferia mais próxima ou mais distante de grandes cidades como Mari, tribalmente organizada, mas mantendo muitos contatos com a sociedade urbana. Eram criadores de ovelhas que mudavam periodicamente seus acampamentos, em geral anualmente, em busca de água e pastagem. Havia procedimentos reconhecidos nos pontos de contato entre as duas sociedades. Foi ainda argumentado⁵⁴ que existe evidência arqueológica na Palestina, no sítio de Givat Sharet, de uma “sociedade dimórfica”. Aqui, uma pequena povoação-satélite sem



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

tas forçados na direção ao sul em vista de distúrbios nas terras ao norte e leste do Egito. Os líderes tribais ou cheques eram chamados “Príncipes das Terras Desertas do Planalto” ou “Reis dos Países Estrangeiros” (Hikau-khoswet, portanto hicsos). Os últimos governantes da XIII Dinastia¹ se tornaram vassalos dos hicsos. Os reis da XIV Dinastia (ca. 1786-1603 a.C.), que foram mais de setenta, reinando na maior parte durante breves períodos, tinham como sede a antiga Mênfis (Ithet-Tawy) ao norte, até serem substituídos pelos reis hicsos, que formaram as dinastias XV e XVI e reinaram durante cerca de 140 anos. Eles estabeleceram uma segunda capital no delta oriental, em Avaris. Esses “faraós” semitas adotaram os costumes dos reis egípcios locais e usaram a administração egípcia de estado, empregando oficiais egípcios de acordo com o antigo regime. No decorrer do tempo, oficiais semitas naturalizados ocuparam muitos desses cargos. Entre eles achava-se um certo Hur, que era uma espécie de chanceler.

Mais tarde, uma linhagem de príncipes do sul ou Alto Egito levantou-se e expulsou os governantes hicsos. Um certo Kamose recuperou todo o Egito para os egípcios, com exceção de Avaris no nordeste do delta. Seu sucessor, Abimose fundou a XVIII Dinastia e expulsou completamente os hicsos ca. 1570 a.C.

Temos um interesse especial nesse grupo porque, no primeiro capítulo de Êxodo, encontramos a família patriarcal, aparentemente bem recebida pelos governantes da terra, se estabelecendo em seu novo lar no Egito. Mais tarde, quando “se levantou outro rei sobre o Egito, que não conhecera a José” (1.8), aprendemos que o grupo israelita foi maltratado. Concluimos que, numa data mais antiga, os governantes não eram egípcios, mas indivíduos que tinham simpatia pela família patriarcal e talvez aparentados com ela num sentido étnico mais amplo. Os reis hicsos se enquadrariam perfeitamente nesta categoria.

O Que os Hicsos Deram ao Egito

Vamos descrever alguns fatos sobre esses povos. Apesar dos egípcios terem feito todo o possível para destruir completamente o registro deles, depois de os expulsarem, os hicsos contribuíram

muito em benefício dos próprios egípcios.² Sabemos hoje que os reis da XVIII Dinastia se esforçaram ao máximo para apagar todos os traços dos governantes hicsos. Os nomes deles foram eliminados dos monumentos e todo registro escrito foi destruído. Só os olhos aguçados dos modernos arqueólogos puderam descobrir evidência clara dos invasores hicsos e nos dar uma idéia dos seus empreendimentos. Os reis hicsos eram de descendência semítica na maior parte, ou seja, de origem praticamente caucasiana. Eles evidentemente possuíam um vasto império em sua época, pois objetos como escaravelhos, que pertencem especificamente à sua cultura, foram encontrados em muitas terras do leste. Seu rei mais famoso foi Khayan, cujo nome consta de inscrições no Egito, Palestina, Mesopotâmia e até em Creta. Isto sugere que eles tinham amplas relações comerciais em todo o leste.

Muitas novas características foram introduzidas no Egito nesse período. Acreditamos hoje que o povo hicsos levou ao Egito itens como o cavalo e o carro, novos tipos de punhais e espadas, o forte arco asiático e novos tipos de fortificação. De especial interesse eram as imensas muralhas de terra que protegiam as áreas fortificadas onde os carros ficavam guardados. Essas muralhas foram encontradas em vários pontos da Palestina e Síria, assim como no Egito. Em lugares como Jericó e Siquém, na Palestina, foram encontradas grandes fortificações dessa época durante escavações feitas na região. Ao que tudo indica, a Palestina era organizada de maneira feudal nesse período e consistia de vários pequenos estados que prestavam lealdade ao rei hicsos.

Palestina nos Séculos XVII e XVI a.C.

Se tivermos de julgar pela riqueza dos túmulos dos cananitas desse período, havia evidentemente grande prosperidade na Palestina. Esses túmulos estão entre as mais ricas tumbas de todos os tempos na Palestina. Durante esses anos foram construídas diversas cidades nas regiões montanhosas. Apesar do quadro de prosperidade geral e do grande desenvolvimento urbano, não havia evidentemente segurança pública, pois as cidades foram destruídas violentamente em várias ocasiões. Excavações apontam

camadas de restos queimados em várias cidades do período. Nunca houve tantas cidades muradas na história da Palestina. Somos naturalmente lembrados dos espiões de Moisés, que visitaram a terra e informaram: “As cidades (são) mui grandes e fortificadas” (Nm 13.28).

José era proveniente da Palestina e arranhou mais tarde a migração de Jacó, seu pai idoso, e seus irmãos de sua terra natal para o Egito. Há muitas linhas de evidência para sugerir que os acontecimentos de Gênesis 40-50 tiveram lugar durante o período dos hicsos. Podemos aventar que José chegou à proeminência no Egito cerca de 1700 a.C.

Capital dos Hicsos em Avaris

Os reis hicsos conquistaram o norte do Egito e estabeleceram a sua capital na região do delta, dando-lhe o nome de Avaris. Ao que parece, eles permitiram que os egípcios continuassem exercendo um certo tipo de governo a partir de uma capital local em Tebas, a cerca de 643km Nilo acima, embora esta autoridade fosse naturalmente supervisionada pelos reis hicsos. Uma vez expulsos os conquistadores hicsos, a cidade de Tebas voltou a ser a capital do Egito.

A cidade de Avaris tem sido tema de discussão entre os especialistas em anos recentes. Sua localização é agora conhecida praticamente com toda certeza. A terra de Gósen, referida como a região onde Jacó e seus filhos foram morar, ficava provavelmente na área próxima ao Wadi Tumilat, que se encontra bem perto, mas um pouco a sudeste, da capital dos reis hicsos.

Temos alguma razão para pensar que os novos governantes, embora tenham contribuído bastante para o Egito, aprenderam também bastante com ele. Eles adotaram toda sorte de estilos e costumes correntes na terra. Por exemplo, copiaram os métodos de escrita egípcio e imitaram o zelo religioso dos egípcios, construindo inúmeros templos. Um deus antigo do Egito, Seti, era honrado em Avaris como Seth-Sutekh. Este deus se assemelhava muito aos deuses asiáticos, como Baal. Suas roupas, ornato da cabeça e chifres da divindade eram do tipo asiático.

É interessante que, quando Horemhah, o último rei da XVIII Dinastia, era faraó (ca. 1340-1310), um vizir do Egito chamado Seti foi à cidade de Tânis, na região do delta, cerca do ano 1330 a.C. para celebrar um aniversário de 400 anos. Esta tomou a forma de adoração do deus egípcio Seth, que é representado na estela levantada para celebrar o seu aniversário como divindade asiática, em trajes asiáticos. Cerca de 400 anos antes os hicsos haviam começado a reinar no Egito, em Avaris. A celebração comemorou então os 400 anos da fundação de Tanis. Os egípcios não queriam mencionar os odiados hicsos em tal comemoração, mas a inferência podia ser extraída. O vizir Seti tornou-se mais tarde o faraó Seti I e o nome Seti significa homem de Seth”.³ Os hicsos cultuavam outros deuses além de Seth.⁴

Nas questões dos procedimentos legais, pensamos que os governantes hicsos copiaram em grande parte os reis locais. Nas questões comuns, os recém-chegados se aproveitaram da experiência dos egípcios.

Em vista dos reis hicsos serem semitas como os filhos de Jacó e em vista da evidência bíblica de que esta família foi bem recebida no Egito, chegamos à conclusão de que foi no período dos hicsos que a pequena família, que mais tarde se tornou Israel, entrou no Egito. Existe uma outra razão para associar os dois grupos. A Bíblia afirma que o tempo que os filhos de Israel passaram no Egito foi de quatrocentos anos. Se datarmos o Êxodo como pouco depois de 1300 a.C. e retrocedermos este período de tempo, chegamos a uma data de cerca de 1700 a.C., que é aproximadamente a data dos reis hicsos. Essas e outras linhas de evidência tornam a época mais provável da entrada de Jacó no Egito como aquela em que o Egito foi governado por estrangeiros semitas.

Fatos e Cultura Egípcia na História de José

Um estudo dos fatos e cultura egípcia na história de José levará o estudante à conclusão de que ela é de caráter fortemente egípcio. Este fato foi reconhecido há muito tempo e alguns eruditos fizeram um estudo especial das semelhanças entre os costu-

mes do Egito e os de Gênesis 40-50. O leitor irá beneficiar-se bastante dos trabalhos do Professor Yahuda, embora alguns eruditos pensem que ele encontrou um número excessivo de semelhanças.⁵ Permanece, entretanto, o fato de que as narrativas de José devem ter sido escritas por alguém que tinha bastante conhecimento dos costumes egípcios.⁶

Em primeiro lugar, fica claro que José não foi de modo algum o único asiático semita vendido para o Egito cerca de 1700 a.C. (Gn 37.36; 39.1ss), e também que as prisões egípcias eram altamente organizadas (Gn 39,40). Um papiro antigo do Museu de Brooklyn, que fazia parte do registro de criminosos em Tebas, lista cada infrator pelo nome, sexo, crime, sentença, etc. Este papiro foi novamente usado mais tarde e no verso estava escrita uma lista de 79 servos de uma importante casa egípcia, entre os quais havia quarenta asiáticos com bons nomes semitas.

No Egito havia igualmente vários títulos bem conhecidos. Os títulos que encontramos em Gênesis 40.2, “copeiro-chefe” e “padeiro-chefe”, são bem conhecidos e pertenciam a certos oficiais do palácio, segundo os escritos egípcios. A designação de José como “mordomo de sua casa” (Gn 39.4) é também um título frequentemente usado para os oficiais nas casas dos nobres egípcios. Depois da promoção de José a um lugar de verdadeira proeminência na corte do Faraó, os títulos atribuídos a ele na Bíblia são inteiramente egípcios. Entre eles podemos notar “Administrarás a minha (de faraó) casa” (Gn 41.40), “governador em toda a terra do Egito” (Gn 45.8), “pai de Faraó” (Gn 45.8).

O cargo de José pode ter correspondido ao do vizir do Egito, embora uma posição especial, logo abaixo do faraó, talvez fosse ocupada por José em períodos de emergência. Um outro posto não mencionado especificamente na Bíblia é o de “superintendente dos armazéns”. Numa terra como o Egito este era um cargo importante, desde que muito dependia do armazenamento e distribuição dos grãos para o bem-estar do país. José provavelmente recebera também este título, porque não há dúvidas de que exercia este cargo.⁷



Estátua de madeira (ca. 1400 a.C.) de um nobre egípcio de alta categoria. Ele usa um traje de linho justo, pregueado, com uma saia larga. (Museu Britânico)

Vários itens dos procedimentos da corte nos dão novas evidências de um conhecimento íntimo do ambiente egípcio. A elevação de José a uma posição de honra no Egito, como vemos na Bíblia, segue o modelo de procedimento na corte egípcia. A referência bíblica descreve nestas palavras a maneira como o Faraó honrou José:

Então, tirou Faraó o seu anel de sinete da mão e o pôs na mão de José, fê-lo vestir roupas de linho fino e lhe pôs ao pescoço um colar de ouro. E fê-lo subir ao seu segundo carro, e clamavam diante dele: Inclinaí-vos! Desse modo, o constituiu sobre toda a terra do Egito (Gn 41.42,43).

A investidura de um vizir egípcio com um colar de ouro é descrita pelos artistas do Egito. Uma pintura famosa, dos dias de Seti I (1308-1290 a.C.), mostra este faraó honrando um homem dessa maneira. A maioria dos eruditos reconhece que esta descrição bíblica está perfeitamente de acordo com o procedimento egípcio. A propósito, alguns escritores viram, nesta referência a “su-

bir ao carro”, uma peça importante do contexto da época dos governantes hicsos, pois parece que eles é que usaram o carro para as ocasiões públicas pela primeira vez no Egito. Em qualquer caso, as produções artísticas e evidência literária apontam na mesma direção. A Bíblia representou fielmente o costume egípcio de honrar um homem importante da terra.

O sonho do faraó, por ocasião da fome, oferece outro grupo interessante de egípcianismos. Em primeiro lugar, os sonhos eram considerados como tendo grande significado no Egito, assim como em várias terras nos dias bíblicos (Gn 41). Há um significado no número de vacas constante do sonho. Uma das principais divindades do Egito era uma deusa, Hator, geralmente representada na forma de uma vaca. Além disso, o boi era às vezes usado para simbolizar o Nilo. Ele era consagrado ao deus Osíris, o inventor da agricultura. Em muitos dos desenhos do antigo Egito, o boi Osíris aparecia acompanhado por sete vacas. Existe ainda outro simbolismo possível aqui: havia no Egito sete zonas da deusa Hator. É inteiramente possível que o faraó tivesse estado em um dos templos de adoração e visto uma pintura das sete vacas sagradas. Elas o haviam perturbado em sonhos naquela mesma noite.

Temos bastante informação sobre a escassez de alimento no Egito em várias ocasiões. Anos de seca e colheitas pobres são bem atestados no domínio do faraó. Existe até evidência de uma fome de sete anos. O famoso rei Zoser (ca. 2700 a.C.) enviou, certa vez uma mensagem ao governador de uma região do Baixo Nilo. Estas foram as palavras dele:

É grande a minha preocupação com o pessoal do palácio. Meu coração está pesado com a falta calamitosa das inundações do Nilo nos últimos sete anos. Há poucas frutas e vegetais; os alimentos estão faltando de forma geral.⁸

Já ficou bem estabelecido que foram edificadas grandes depósitos e providenciados oficiais para controlar o armazenamen-

to e distribuição de alimentos para essa grande nação. A mensagem do faraó Zoser fala sobre os depósitos. Todavia, nesse caso, ele informou tristemente que

... os depósitos foram abertos, mas tudo que se encontrava neles já foi consumido.⁹

As instruções contidas na Bíblia, em Gênesis 41.33-36 e 47-49 estão, portanto, de acordo com o que sabemos agora sobre a prática dos egípcios.



Esta pintura na parede da tumba de Sebek-hetep (ca. 1420 a.C.), em Tebas, mostra semitas da Síria ("Retenu") levando como tributo uma menina, um chifre de unção e vasilhas de ouro, prata e bronze. Eles usam roupas brancas enroladas abaixo da cintura e orladas de vermelho ou azul. (Museu Britânico)

Estrangeiros visitavam também o Egito em épocas de fome, procurando alimento. Há alguns anos, foi encontrado um papiro (em péssimas condições); tratava-se de um relatório sobre um oficial da fronteira nos dias de Seti I (ca. 1210 a.C.). Parece que

um certo Bedu, da terra de Edom, tivera permissão para passar a fronteira num período de fome:

Permitimos o trânsito do beduino de Edom pela fortaleza de Merneptah... em Theku até os tanques de Pitom de Merneptah... a fim de sustentá-los e aos seus rebanhos no domínio de faraó, o bom sol de todas as terras...¹⁰

Podemos suspeitar que isto aconteceu em outras ocasiões e que os eventos de Gênesis 42-44, nos dias de José, foram apenas típicos do que ocorreu muitas vezes no passar dos séculos.

A prática da magia era muito difundida no Egito. A Bíblia faz várias referências à magia e a mágicos no Egito durante os anos em que os israelitas moraram ali. Os mágicos da terra não conseguiram interpretar o sonho do faraó (Gn 48.8). Mais tarde, Moisés teve contato com esses homens (Êx 8.7,18; 9.11, etc.). A prática da magia levava o povo do Egito a esperar pela continuação dos prazeres desta vida – bastava desenhar o objeto desejado nas paredes da tumba e acrescentar as palavras mágicas necessárias e tudo seria concedido na vida futura. Em alguns casos, só a pintura era suficiente. Com o uso da mágica era até possível escapar dos terrores do dia do juízo e obter uma passagem segura através dos difíceis caminhos do mundo dos mortos. O *Livro dos Mortos*, com suas gravuras elaboradas, nos dá uma boa idéia da extensão em que a magia era praticada no Egito.

O costume de embalsamar os mortos, referido em Gênesis 50.3 e 26, é bastante típico dessa terra. A multiplicidade de mordomos e padeiros, alguns dos quais chamados de “chefe” (Gn 40.1,2), o uso de escravos do estado (Êx 1.14), as festas de aniversário do faraó (Gn 40.20) e a libertação de certos prisioneiros nesse dia são itens bem atestados no ambiente geral da vida do Egito.

Esses itens serão suficientes para o nosso propósito. Há muitas peças de coloração egípcia nas narrativas de José, que foram esplendidamente ilustradas por descobertas egiptológicas do tipo a que nos referimos nesta seção. W. F. Albright escreveu o seguinte sobre este tópico:

A permanência de Israel no Egito é uma parte vital da primitiva tradição histórica israelita e não pode ser eliminada sem deixar uma lacuna inexplicável. Além disso, sabemos, pelos nomes egípcios de Moisés e de vários aronidas, que parte de Israel deve ter vivido no Egito durante longo tempo. Há também muitos detalhes locais e arqueológicos corretos, que seriam inexplicáveis como uma invenção posterior. O mais surpreendente é a relação óbvia entre a história de José, a história posterior de Israel no Egito e o movimento dos hicsos. O “rei que não conhecera José” e que oprimiu os israelitas devia ser o faraó do Novo Império, depois da expulsão dos odiados asiáticos do Egito.¹¹

Anos Silenciosos na Terra de Gósen

Segundo a Bíblia, Jacó e os irmãos de José ficaram na terra de Gósen quando se estabeleceram no Egito (Gn 46.26ss). Este nome, na verdade, não é conhecido fora da Bíblia. Alguns eruditos tentaram ver na palavra um tipo de semitismo e a associaram a um lugar na Palestina.¹²

O nome ocorre em outros pontos da Bíblia, por exemplo, em Josué 15.51, onde se trata de uma cidade ao sul de Judá; ou em Josué 10.41, onde é uma “terra”. É conhecido em Josué como o país dos “Gosén” (hebraico literal). M. Z. Mayani sugeriu recentemente que a palavra não era originalmente um nome próprio, mas comum, referindo-se a algo que podia ser encontrado tanto no Egito como no sul da Palestina, duas regiões povoadas pelos hicsos. Ele nota a ocorrência da palavra em Gênesis 47.4, onde o paralelismo do pensamento sugere que o significado é “pastagem”.¹³ Encontra também paralelos interessantes com esta palavra no grupo linguístico indo-iraniano, do qual existem vários representantes ainda vivos na Índia de hoje, a maioria procedente do sânscrito mais antigo. Todas essas palavras têm uma ligação com pastagens e gado. Esta discussão é particularmente valiosa para os linguistas, mas para o leitor comum da Bíblia é interes-

sante saber que havia grupos desses mesmos povos indo-iranianos na Palestina na época de José e Jacó. De fato, eles eram um tipo de classe governante. Podem ter perfeitamente deixado alguns elementos de seu idioma na terra e é possível que os conquistadores hicsos tivessem levado este termo com eles para o Egito.

Temos praticamente certeza de que esta região se acha onde encontramos o Wadi Tumilat hoje, a leste do delta do Nilo. É um vale estreito, com 64m de largura e 80m de comprimento, ligando o Nilo com o Lago Timsah. A região é muito fértil e descrita na Bíblia como “o melhor da terra” (Gn 47.1,6,11). Podemos imaginar os filhos de Jacó vivendo ali praticamente do mesmo modo que antes, com uma tendência crescente para a vida sedentária, mas dependendo dos rebanhos como principal fonte de sustento.



Os egípcios acreditavam piamente numa vida após a morte e consideravam seu dever religioso preservar o corpo para uso da alma no reino do além. Não só os seres humanos eram embalsamados, mas também certos animais e pássaros representativos das divindades. Vemos acima a múmia de um falcão (consagrado a Horus) e um gato mumificado (consagrado a Bastet). Note o padrão artístico das bandagens de linho que envolviam o gato. (Museu Britânico)

Todos os semitas iriam tornar-se objeto de zombaria e desprezo por parte dos egípcios em anos posteriores, ao se lembrarem das experiências humilhantes do governo hicsos. Em particular, porém, os pastores eram “abominação para os egípcios” (Gn 43.32; 46.34). A razão para isto talvez não fique clara para nós agora, mas era um fato. É possível que tenha sido porque os rebanhos dos egípcios eram cuidados por homens de uma classe inferior. Se esses homens fossem também estrangeiros, o desprezo seria ainda maior.

Deve ser notado que houve um fluxo contínuo de semitas para a zona do delta durante séculos. O elemento israelita era apenas um desses grupos. Temos bastante evidência para mostrar que os semitas de quase toda a Palestina já estavam entrando no Egito desde 2000 a.C. ou até antes.¹⁴ Esses povos se estabeleceram na zona de pastagens na região do delta. Quando a invasão dos hicsos ocorreu, os recém-chegados tinham quase a mesma procedência que o povo da Palestina. Eram os cananitas e amorreus da Palestina e falavam quase a mesma língua que a família de Jacó. Por exemplo, um dos príncipes hicsos tinha o nome de Jacob-hur e um dos vizires hicsos se chamava Hur.

Havia então um número considerável de povos semitas na região do delta do Egito, especialmente nos dias dos governantes hicsos. Quando os egípcios nativos se revoltaram, líderes valentes de Tebas expulsaram os estrangeiros cerca de um século e meio após a sua chegada. Os exércitos dos reis hicsos foram afugentados e perseguidos até a Palestina. A maior parte da população semita permaneceu, porém, na região do delta. Podemos supor que o pequeno clã israelita habitou ali sem ser praticamente notado, em meio a um grupo misto de semitas. A reação dos egípcios foi colocar esses povos sob algum tipo de supervisão para que o mesmo triste destino não se repetisse no Egito.

O livro de Êxodo começa descrevendo esta opressão geral. Podemos imaginar que outros povos também compartilhavam desta opressão generalizada. “Um rei que não conhecera a José” levantou-se para oprimir o povo de Deus. Este deve ter sido o rei da nova XVIII Dinastia que tomara as rédeas do governo depois da expulsão dos governantes hicsos.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

ram na terra. Nos séculos que se seguiram, alguns deles foram para o Egito como prisioneiros de guerra, comerciantes ou migrantes. Seria impossível calcular quantos dos semitas, que entraram no Egito na primeira metade do segundo milênio a.C., tinham laços de parentesco, embora distantes, com Abraão e seu descendente Jacó e sua família. A “descida” desse grupo maior para o Egito ocorreu no decorrer de séculos e a “descida” especial de Jacó e seus filhos ao Egito (Gn 46; Êx 1.1-7) foi apenas parte de um movimento muito maior da Palestina para o Egito. Isto é, a “descida” para o Egito em seu sentido mais amplo pode ter sido muito mais complexa do que o relato bíblico indica. Podemos especular que o “misto de gente”, mencionado em Êxodo 12.17, abrangia pessoas retiradas deste grupo maior de parentela.

Tais generalizações não ajudam absolutamente a prover uma resposta para a questão da data, que é bastante esquiva, como no caso dos patriarcas. Se uma pesquisa arqueológica e histórica falhou até agora em fornecer datas nessas áreas, podemos ainda obter muita coisa no setor cultural, como já demonstramos.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

A Opressão

Um grande número de pessoas foi exigido para levar a cabo todos esses projetos. Temos informação valiosa hoje sobre as condições de trabalho no Egito durante a XIX Dinastia, embora tais condições fossem comparáveis em outros períodos. A fabricação de tijolos de barro era um aspecto importante dessas grandes obras públicas. As cenas egípcias mostram semitas ao lado de egípcios e outros executando esta tarefa. Palha e refugo eram usados para unir o barro ao serem fabricados os tijolos. A narrativa em Êxodo 5, que mostra preocupação em manter a quota de tijolos, se compara à dos papiros Anastasi de Mênfis datados do século XIII a.C., onde é feita referência a homens “fazendo sua quota diária de tijolos” (cf. Êx 5.8,13,14,18-19).²

Um oficial sediado num posto de fronteira queixou-se de que “não há homens para fazer tijolos nem palha no distrito”. A tarefa de fabricar tijolos era entregue a oficiais, que tinham um grupo de operários sob as suas ordens. A partir do quinto ano de Ramesés II, existem relatórios sobre tijolos registrados em couro. Um deles fala dos quarenta “chefes de estrebaria”, cada um com uma quota-alvo de 2.000 tijolos, isto é, 80.000 ao todo. Estes deveriam corresponder aos “capatazes” de Êxodo 5.6,10,13,14.

O uso de trabalho forçado nesses projetos egípcios é também conhecido com base em documentos egípcios. Os oficiais recrutavam homens da Núbia e da região desértica da Líbia. Se os hebreus fossem recrutados da mesma maneira e obrigados a desempenhar um trabalho estafante, do qual não poderiam escapar exceto fugindo, estaria de acordo com tais práticas, desde que as pessoas submetidas a esse tratamento duro e cruel não tinham poder militar para resistir.³

A Data do Êxodo

Quase todos aceitam a data de 1440 a.C. para o Êxodo, com base na declaração contida em 1Reis 6.1:



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Um estudo da lista em Josué 12, à luz de escavações recentes, sugere vários sítios em que deve ser feita a pergunta a respeito de um nível de destruição no século XIII a.C.. Entre eles estão Jericó, Aí, Laquis, Gezer, Debir, Tanaque, Meguido e Hazor. Pode haver também outros cuja identificação é incerta. As dificuldades na atribuição de um nível especial de destruição para os israelitas devem-se ao fato de haver outros grupos presentes que poderiam atacar e destruir uma cidade. Todavia, a possibilidade de pelo menos parte desta destruição poder ser atribuída aos israelitas não pode ser descontada. Há boa evidência para essa destruição, assim como uma quebra abrupta na cultura durante o século XIII a.C. em Láquis e Hazor, em Eglom (Tell el-Hesi), assim como em Betel, que não consta da lista de Josué 12.⁹

Embora existam várias áreas-problema, tais como Jericó e Aí, para citar duas, pode ser dito que a evidência arqueológica confirma o que pode ser deduzido dos textos escritos – a saber, que o final da Idade do Bronze Recente e o início da Idade do Ferro I foi um período de turbulência social e política e mudanças na Palestina. Se isto puder ser ligado à invasão israelita, pelo menos em parte, temos um novo indicador para uma data mais antiga e não mais recente para o Êxodo.

Um importante monumento egípcio impede a nossa especulação além de uma data de 1220 a.C. para a entrada final de Israel na terra. É a estela de Meneptá, que governou o Egito de 1224 a 1216 a.C. No quinto ano do seu reinado, Merneptá fez preparar um longo poema que celebra as suas vitórias sobre os líbios. A conclusão do poema descreve os resultados dessa vitória. Os povos da Ásia ficaram devidamente impressionados e se submeteram ao Egito sem dificuldades. Na lista de terras e povos asiáticos, temos pela primeira vez a ocorrência do nome Israel. Este passagem relevante diz:

Os príncipes se prostraram, dizendo “Misericórdia”,
Nenhum deles levanta a cabeça entre os Nove Arcos.
Desolação em Tehenu; Hati é pacificada;
Saqueada Canaã com todos os seus males;
Asquelom levada cativa, Gezer dominada;



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

damente recuperar o poder que o Egito perdera na Ásia e entrou em conflito com os hititas da Ásia Menor, que naturalmente se opuseram a ele quando quis estender sua influência sobre a Palestina e mais para o norte. Só depois de sentir-se compelido a reconhecer que os hititas eram um poder a ser considerado é que ele veio a formar um pacto de não-agressão com os mesmos e voltou a dedicar-se zelosamente às construções.

A forma literária do tratado entre Ramessés e o rei hitita tem grande importância para os eruditos bíblicos. O tratado acha-se felizmente preservado para nós, tanto na forma egípcia como na hitita.¹¹

Depois de um preâmbulo, segue-se uma descrição histórica referente às relações anteriores entre os dois povos, uma lista de estipulações do tratado, testemunhos divinos ao tratado e uma lista de maldições e bênçãos. Maldições para qualquer infração do tratado e bênçãos que se seguirão se ele for mantido. Este padrão é muito similar à forma literária em que a história da aliança entre Deus e Israel no Sinai é contada. Todavia, ele é também encontrado em outras partes do Antigo Testamento, especialmente onde a aliança de Israel com Deus está em questão.¹²

É concebível que Moisés tenha considerado Deus como o Rei divino de Israel, que convidasse o povo hebreu a entrar numa aliança solene com ele. Havia pano de fundo histórico para isto e também estipulações, maldições e bênçãos de aliança. Este conceito de aliança¹³ era fundamental para que Israel compreendesse sua relação com Javé, seu Deus.

Não temos oportunidade aqui para comentar sobre as pragas que precederam a partida final do Egito, além de dizer que elas não são improváveis nem pouco usuais. São sem dúvida mais graves do que as comuns e não têm paralelos. Vários escritores afirmaram que há nessas pragas uma certa insinuação sobre a fraqueza dos deuses do Egito, pois muitas delas, caso não todas, foram produzidas por criaturas consideradas deuses na terra. Apesar de haver bastante informação disponível em nossos dias sobre essas pragas, vamos nos ocupar apenas das peregrinações dos israelitas, para as quais temos agora evidência valiosa.¹⁴



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

sentido da palavra “mil”. O termo hebraico *elef* pode ter vários significados – clã, um subgrupo de uma tribo, um grupo militar de algum tipo, um boi, etc. Com vogais diferentes e as mesmas consoantes, o termo pode referir-se a algum tipo de oficial militar. Portanto, a expressão “seiscentos *mil* homens” pode ter um significado bastante incerto.

Graças à pesquisa moderna, demos passos largos em direção à descoberta do caminho tomado pelos israelitas em fuga. Evitando o “caminho da terra dos filisteus” (Êx 13.17), por onde iam os exércitos do Egito, eles viraram para o sul e saíram de Ramesés na direção de Sucote; isto é, em termos egípcios, de Pi-Remessés para Tj’eku, a cerca de 32km de distância.

Em termos modernos, a viagem seria de Cantir (Qantir), viajando para o sul, depois para o sudeste e a seguir para o leste até o Tell el-Maskhutah. É interessante que dois escravos fugitivos seguiram esta rota no final do século XIII a.C.¹⁵ Tell el-Maskhutah era uma fortaleza de fronteira na região leste do Wadi Tumilat, a oeste dos Lagos Amargos. A estrada seguia então pelo “caminho do deserto perto do Mar Vermelho” (Êx 13.18). Os estudiosos continuam a debater a identificação exata de Etã, Migdol, Baal-Zefom e Pi-Hairote e até hoje nenhuma identificação final pode ser dada. É possível que o nome Pi-Hairote esteja ligado à raiz *hrt* (= cavar) e se referia a um local em um dos canais do Nilo.¹⁶ Temos certeza, porém, de um dos pontos. Nenhuma dessas cidades se encontrava nas regiões ao longo do Mar Vermelho propriamente dito, mas a evidência aponta para regiões ao norte do Golfo de Suez. Jack Finegan propõe uma teoria viável.¹⁷ De Sucote (Êx 12.37), o caminho levou a Etã (Êx 13.20).

O nome Etã pode ser derivado da palavra egípcia *hetem*, significando “fortaleza”, sendo que muitas delas ficavam na fronteira leste do Egito. As ruínas de uma dessas fortalezas, com suas edificações, datada dos dias de Ramessés, permanecem na entrada leste do Wadi Tumilat. Foi deste ponto que o povo voltou (Êx 14.1s.) e acampou em Pi-Hairote, entre Migdol e o mar. Finegan sugere que o mar em questão era o grande Lago Amargo. Etã ficava entre este e o Lago Tinsá ao norte. A oeste do Lago Amargo existe uma elevação conhecida como Jebel Abu Hasan, dando



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

por isso, não entrou no território dos moabitas, porque Arnom é o limite deles (Jz 11.18).

Uma mensagem foi logo depois enviada ao rei amorreu Seom. Ele também recusou-se a permitir que Israel passasse pela Estrada do Rei, mas cometeu um erro insensato. Saiu do abrigo das suas fortalezas e foi para as planícies defronte do seu reino. Isto deu a Israel a oportunidade que desejava. Seom foi derrotado em combate e o caminho ficou aberto para os israelitas subirem às terras altas do planalto transjordânico. Em breve, toda a Transjordânia foi conquistada por Israel. Os reinos de Seom e Ogue foram dominados e suas terras dadas às tribos de Rúben, Gade e à meia tribo de Manassés (Nm 21.21-35; 32).

Deve ser notado que a descrição arqueológica da Transjordânia é ainda muito incompleta. Há boa evidência da emergência de assentamento urbano na Idade do Ferro I e sua continuação daí por diante. Mas, não sabemos a data exata em que este desenvolvimento começou. Não pode ter sido mais tarde do que cerca 1200 a.C. e também algum tempo antes. Em todo caso, o relato bíblico do movimento dos israelitas pela Transjordânia pressupõe a existência de reinos organizados. Devemos esperar os resultados de futuras pesquisas antes de nosso quadro poder ser claramente pintado.³²

A Conquista da Terra

A maneira como foi feito o assentamento na Palestina ocidental provoca muitas perguntas. Sua aparição na terra de Canaã pode ser datada com razoável certeza do fim do século XIII a.C. Já em 1220 a.C., o faraó Merneptá falava de alguns povos chamados Israel.³³ Não são dados mais detalhes. A Bíblia descreve campanhas militares no sul (Js 1-10) e no norte (Js 11) da terra. O primeiro capítulo de Juízes é considerado, por alguns eruditos, como indicador da atividade por grupos que tinham vindo do sul e não do leste, atravessando a Transjordânia.³⁴

Na história bíblica de Josué 1-10, temos uma descrição de cidades sendo atacadas e destruídas, entre as quais: Jericó, Aí,



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

encontrado no Nível II em Gibeá de Benjamim (Tell el-Ful), datado de século XI a.C.³ As ferramentas de ferro eram mais fortes do que as de bronze e logo facilitaram a tarefa de limpar florestas e preparar áreas montanhosas para a agricultura.

O outro avanço técnico foi a invenção da cisterna de alvenaria no final da Idade do Bronze Recente.⁴ Isto libertou a população da dependência dos poços e capacitou os fazendeiros empreendedores, que colocassem uma cisterna num suporte de calcário a terem o seu suprimento de água particular. Esse recurso não era de invenção israelita, mas eles logo o adotaram e puderam assim fundar vários pequenos assentamentos independentemente de poços e wadis.

Ao que parece, os israelitas não levaram com eles tradições fortes de cultura material, mas tomaram de empréstimo e adaptaram o que havia em edificações, armas, objetos de arte e cerâmica.⁵ Em breve, os israelitas desenvolveram seus próprios métodos. Y. Aharoni, que escreveu uma extensa discussão sobre o assentamento das tribos israelitas na Alta Galiléia, conseguiu demonstrar isto muito claramente.⁶ A atividade israelita nos dias dos Juízes, transformou áreas escassamente povoadas em outras densamente povoadas. Essas regiões montanhosas iriam constituir o cerne e a força de Israel mais tarde. Quando Israel conseguiu finalmente dominar as planícies, as condições já estavam estabelecidas para unir toda a terra numa unidade política com considerável força econômica, resultante do cultivo de grandes áreas de terra nunca antes trabalhadas.

O Israel emergente, porém, estava cercado de todos os lados por vizinhos hostis, que causaram grandes conflitos. Vamos examiná-los a seguir.

Os Vizinhos Hostis de Israel

A arqueologia moderna fez muito para esclarecer o caráter dos vizinhos de Israel. Havia inimigos de todos os lados. A nordeste ficavam os arameus. A noroeste os cananeus, mais tarde conhecidos como fenícios. Nas regiões costeiras, a sudoeste, os



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Grupos de navios se achavam sob um determinado controle, sugestivo de uma organização mercantil.

Em anos recentes, o conhecimento acerca dos filisteus tem aumentado gradualmente. Arqueólogos israelenses, trabalhando nas antigas cidades filistinas a sudeste da Palestina e em sítios mais ao norte, estão começando a preencher de maneira notável as nossas lacunas sobre os filisteus.

Fica claro que havia grandes cidades filistinas em Asdode,¹² Asquelom, Gaza, Bete-Semes, Tall Qasile,¹³ Afeque, Tell Beit Mirsim e Gezer. Pesquisas superficiais foram feitas sobre uma ampla área nesses montículos, que contêm cerâmica filistina.¹⁴ Tentativas continuam sendo feitas para identificar as cidades de Gate (Teel esh-Shari'ah?) e Ecrom (Kirbet Muqenna). Traços de cerâmica filistina foram encontradas bem ao norte, em sítios como Bete-Seã e até ao norte da área do rio Jordão, a leste de Bete-Seã, em Deir 'Alla (Sucote).¹⁵ Houve assim substancial ocupação filistina nas cidades filistinas tradicionais.

Em outros lugares, ao longo da Planície de Esdraelom e dos lados da planície ao norte do Jordão, houve pelo menos alguma influência filistina. Havia também traços da presença filistina em sítios como Gezer e Tell Beit Mirsim, nas regiões de planícies.

O quadro geral emergente é que os filisteus eram tecnicamente avançados e tinham evidentes vantagens sobre os israelitas. Não é de admirar que pudessem atacar e conquistar Siló (1Sm 4), manter um posto militar em Micmás (1Sm 13-14) e, finalmente, derrotar Saul numa batalha no Monte Gilboa, ao norte das planícies de Esdraelom (1Sm 29). Coube ao rei Davi rechaçá-los do território israelita e encurralá-los num lugar distante a sudoeste da Palestina.

Os Cananeus

Na mente de muitos leitores bíblicos os cananeus constituíam o grosso da população da Palestina na época dos Juízes. Eles foram de fato um elemento muito importante, mas de modo algum o único elemento da população. A Bíblia se refere a outros grupos, tais como amorreus, jebuseus e heveus (Js 3.5). Os cana-



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Um aspecto final da vida dos cananeus na época dos Juízes deve ser mencionado. Escavações descobriram o importante templo de Baal-Berite, que ficava em Siquém e que constava da história de Abimeleque, filho de Gideão (Jz 9.4). As ruínas deste templo produziram evidência mostrando que estava em uso durante os dias dos Juízes, embora suas fundações originais se reportem a uma data anterior. Era uma estrutura imponente de cerca de 25m por 21m, cercada por um muro de quase 5m de espessura.²⁰ Podemos ter uma idéia do tipo de adoração que se realizava ali, com base na informação contida nos textos de Ras-Shamra.²¹

Os Arameus

Os arameus são raramente mencionados no livro de Juízes. Eles se tornariam, no entanto, um grupo importante mais tarde. Na Bíblia em inglês eles são conhecidos como sírios e passaram a constituir uma ameaça contínua ao reino de Israel a partir dos dias do rei Davi.²²

A origem deles ficou mais clara em épocas recentes²² Cerca de 1900 a.C. eles já eram conhecidos na Baixa Mesopotâmia. Nos séculos seguintes foram se movendo para o ocidente e estabelecendo-se na região que conhecemos hoje como Síria. Os registros em tablets se referem a eles nos séculos anteriores ao período dos Juízes. Em 1300 a.C. aproximadamente, se encontravam bem estabelecidos a nordeste da terra de Canaã. Um de seus reis invadiu a Palestina no princípio dos dias dos Juízes. Ele é conhecido na Bíblia como Cusã-Risataim (Jz 3.8,10).²³ Este indivíduo permanece quase em mistério. A data da sua campanha foi cerca 1200 a.C., mas sua incursão na Palestina foi uma prelição de muitas incursões posteriores dos arameus (sírios), a partir dos dias de Davi. Este grupo de pessoas fundou várias cidades-estado pequenas, muitas das quais são mencionadas na Bíblia, tais como Zobá, Bete-Recobe, Tobe, Maaca (2Sm 8.3; 10.6-8), Damasco e Hamá.

Reis arameus, tais como Hazael, Ben-Hadade e Rezim são mencionados nos livros de Reis. A língua desses povos, o aramaico, se tornou mais tarde a língua franca no oriente.²⁴



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

que sugeria existir algum tipo de agricultura na área. W. F. Albright propôs uma fortaleza quadrada com torres em cada canto como sendo a de Saul, a qual permaneceu de pé entre 1025 e 950 a.C. Trabalho mais recente em Gibeá (moderno Tel el-Fûl), confirmou apenas uma torre no canto sudoeste. Na verdade, a área inteira ainda não foi escavada.⁴

Existem, porém, outros itens de interesse sobre os quais a arqueologia lançou alguma luz. De acordo com um estudo de textos bíblicos em Samuel e Crônicas, parece que a extensão dos domínios de Saul abrangia as áreas montanhosas centrais, indo no sentido oeste, desde a extremidade inferior do Mar Morto, ao longo dos contrafortes que rodeavam as regiões filistinas, do país montanhoso da Galiléia, e da região de Gileade na Transjordânia, seguindo para o sul até o Rio Arnom.⁵ Pesquisas superficiais em grande parte desta região revelaram sítios da Idade do Ferro I, que incluiu a vida de Saul (as últimas décadas do século onze). As cidades mencionadas em Juízes 1 permaneceram em mãos cananitas. Escavações em Tirza (Tell el-Far'ah), Betel, Aí, Gibeão, Berseba e outras cidades revelaram que elas se achavam ocupadas na época. Se tomarmos o ano 1000 a.C. como marcando o final do reinado de Saul, é agora possível dizer que, depois do assentamento inicial, os israelitas estavam vivendo em muitas situações urbanas. Já havia alguma indústria em Gibeão,⁶ assim como casas particulares. Em Tirza, imediatamente acima das ruínas da Idade do Bronze Recente, apareceram casas de maneira ordenada, em ruas bem marcadas.⁷ Havia, em Betel, uma cidade que Samuel visitava de ano em ano (1Sm 7.16). Esta cidade sobreviveu e prosperou em séculos posteriores. Já nos referimos a Gibeá, onde um pequeno povoado foi estabelecido no século XII a.C. e onde Saul tinha uma pequena fortaleza. Jerusalém foi ocupada por um enclave cananeu conhecido como jebuseus. A aldeia Izbet Sartah, na estrada que vai de Afeque a Siló, foi fundada no século XII a.C. Ela acabou destruída cerca da época de Saul, talvez pelos filisteus. Como já vimos, as escavações produziram, neste local, os restos de casas e um óstraco sobre o qual o alfabeto fora escrito. O sítio de Aí, ao qual nos referimos antes, foi ocupada no período 1050-1000 a.C. Os colonizadores evidente-



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

nham um sistema similar. Davi e seus homens precisavam descobrir a entrada para esse túnel de água, adentrá-la, matar seus defensores e depois esperar ali até que outras pessoas da cidade fossem buscar água. Ao eliminá-los um a um, a rendição final da cidade estava assegurada por meio da sede.



A Fonte Gion, no Vale de Cedrom, em Jerusalém, pode ter recebido seu nome da palavra hebraica para “jorrar”, porque jorra durante 40 minutos a cada seis a oito horas. Ela continua fornecendo água para parte da região. Davi usou a passagem de Gion para tomar Jerusalém dos jebuseus e Ezequias desviou a fonte para proteger dos assírios a água da cidade. Para lá de Gion, nesta gravura, está a entrada oriental do túnel de Ezequias. (Garo Nalbandian)

Há, porém, outra possibilidade. W. F. Albright traduz a palavra “esgoto” como “gancho”, comparando-a com outra similar usada pelos assírios.¹⁷ Ele imagina o uso de um tipo de dispositivo para subir, onde ganchos eram cravados no muro. Albright traduz assim a sentença: “Quem quer que subir com o gancho e



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

metal do Templo de Salomão foram fortemente influenciados pela arte fenícia. Isto é de se esperar, desde que existe referência específica na Bíblia ao emprego de trabalhadores fenícios em cada caso.

Na questão da arquitetura das construções de Salomão, temos algum material interessante descoberto nas modernas escavações. O fato talvez mais surpreendente que emergiu é que todo o padrão do Templo de Salomão é muito parecido com o de outros templos do oriente na época. A idéia de duas partes principais no templo, um lugar santo e um lugar santíssimo, embora siga o arranjo do antigo tabernáculo no deserto, possui várias semelhanças.²³ Até as duas grandes colunas no Templo de Salomão, conhecidas como Jaquim e Boaz, têm seus paralelos nos templos do oriente. Parece claro que Salomão apoiou-se em parte nos arquitetos fenícios quanto ao projeto do templo. Mesmo que o Templo de Salomão tivesse seguido de maneira geral o modelo do antigo tabernáculo, a execução desses detalhes parece ter seguido os padrões bastante comuns em todo o oriente na época.

De acordo com 1Reis 7.12, o átrio ao redor de uma das casas construídas por Salomão “tinha três ordens de pedras cortadas, e uma ordem de vigas de cedro; assim era também o átrio interior da casa do Senhor e o pórtico daquela casa”. Na grande escavação em Meguido (1925-1930 d.C.), este exato arranjo foi encontrado na cidade em existência naquele local nos dias de Salomão. Isto foi comentado naquela ocasião pelos escavadores, R. S. Lamon e G. M. Shipton. Ao descrever um certo prédio eles escreveram:

Uma característica do edifício... é que as pilastras da plataforma consistem em três ordens de pedras cortadas. Onde quer que o terceiro curso estivesse preservado, a superfície superior havia sido queimada e estava enegrecida; portanto, algum material combustível, provavelmente madeira, deve ter sido colocado sobre as pedras. No chão do átrio, perto do canto noroeste do edifício, achou-se um grande pedaço de carvão de madeira, num depósito de cinzas,



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

QWH”, onde QWH se refere a um país. Quando a Versão Autorizada (da Bíblia inglesa) foi preparada, essa terra era desconhecida, mas hoje traduzimos esta passagem de modo muito diferente de acordo com a nossa descoberta da antiga terra de Que (QWH), que ficava na Ásia Menor nos dias de Salomão. O hebraico da passagem pode ser agora traduzido como segue: “E Salomão fazia trazer cavalos do Egito e de Que”.

Nos referimos às cidades de Jerusalém, Hazor, Meguido e Gezer, exemplos típicos de cidades reconstruídas por Salomão em grande estilo. A cidade de Jerusalém permanece ainda um tanto misteriosa para nós. Embora várias escavações tenham sido feitas nela e em seus arredores, a cidade dos dias de Salomão continua virtualmente desconhecida. O templo desapareceu em vista de ter sido grandemente devastado. Não se sabe se algumas ruínas restaram sob a superfície da grande área cercada pelos muros de Herodes, porque a escavação ali é proibida. Temos agora, porém, uma boa idéia das cidades de Meguido e Hazor e de algumas partes de Gezer. Cada uma dessas cidades era cercada por uma sólida fortificação. Os muros eram geralmente do tipo de casamata, isto é, eram muros duplos reforçados a intervalos por paredes curtas em diagonal. A porta da cidade era geralmente de um modelo padrão. Havia três guaritas de cada lado da via principal para a cidade, com uma grande torre de cada lado da entrada. O muro em casamata se estendia dos dois lados da porta.³⁰

Este tipo exato de porta foi encontrado em Hazor,³¹ Gezer³² e Meguido.³³ A porta de Berseba era um pouco diferente, com apenas duas guaritas em cada lado da entrada.³⁴ Nos dias de Salomão, o muro era evidentemente sólido, embora no século seguinte surja o muro de casamata.³⁵ Este tipo de porta é agora referido como Pórtico de Salomão. É interessante saber que a porta que levava ao templo ideal de Ezequiel tinha a mesma forma (Ez 40.5-16).

No interior da fortificação dessas cidades se encontrava uma variedade de estruturas. A mais comum delas talvez fosse a casa tipicamente israelita de quatro cômodos. Esta consistia de um retângulo, cortado em uma das extremidades para prover um quarto ou quartos, e a porção maior restante era dividida em três segmentos, ficando o pátio no centro e porções de cada lado para os



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

acharam neles material calcinado, sugerindo que incenso ou alguma outra substância havia sido queimado nos mesmos. Dentro desse cômodo se achava um “lugar alto” (*bamah*) pequeno e ao lado dele um pilar de pedra (*massebah*) caído, bem acabado e com a extremidade superior arredondada. Dois pedaços de pedra lavrada, trabalhados mais toscamente, estavam encostados na parede. O aposento maior continha bancos de pedra caiados em toda a volta das paredes, provavelmente para ofertas e vasilhas de culto. Um altar para ofertas queimadas se achava no centro do aposento. A estrutura era quadrada, construída de terra e pequenas pedras do campo (cf. Êx 20.25) e coberta por uma grande placa lavrada, tendo em volta dois sulcos usados evidentemente para a coleta de sangue.⁴⁶ Este templo foi um predecessor de vários outros em Arade, que estiveram em uso nos dias dos reis de Judá.

A estrutura continuou sendo utilizada até o final do século VII a.C. (Estrato VII) quando foi reconstruída sem o altar e os lugares altos, provavelmente nos dias de Ezequias (2Rs 18.1-4). Finalmente, no Estrato VI, o lugar de adoração desapareceu por completo, provavelmente na última parte do século VII, isto é, nos dias de Josias (2Rs 23.6-20). Temos então aqui uma lembrança dos santuários e lugares altos espalhados pela terra e que foram condenados pelos profetas (e.g. Os 10.8; Am 7.9; Jr 7.3; 17.3; 19.5 etc.).

Nosso interesse imediato, no entanto, está no fato de que, nos dias de Salomão, no território de Judá, havia um templo, aparentemente usado pelos israelitas, que era não somente um rival do templo de Jerusalém, como também parece ter contido algumas características “não-ortodoxas”.

O Fim da Vida de Salomão

O reinado de Salomão, que começou tão promissor, terminou tragicamente. Vimos como as pesquisas arqueológicas modernas iluminaram notavelmente o relato bíblico. A Bíblia nos apresenta um quadro triste do colapso do reino após a morte de Salomão. Todavia, não é de admirar que tivesse havido uma revolução.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Os Assírios, sua História, Cultura e Importância para a História Bíblica¹

O centro da nação assíria estava na região muito fértil que cercava o rio Tigre, na área geral da moderna Mosul. Nos dias dos patriarcas israelitas, os assírios já eram um grupo reconhecível. Eles comerciavam com o antigo povo Hati na Ásia Menor. Uma de suas notáveis listas reais² fala dos seus primeiros reis que “viviam em tendas”. O segundo grupo abrangia reis “cujos pais eram conhecidos”. O terceiro grupo, de apenas seis, continha três estrangeiros. Do rei número 33 até o último rei, número 107, temos considerável informação. Um dos grandes reis dos primeiros tempos foi Shamshi-Adad, contemporâneo de Hamurábi. Ele reinou desde cerca 1749 a 1716 a.C. Isto foi mais ou menos na época dos reis hicsos no Egito. A grande XVIII Dinastia egípcia, que era tão poderosa na Palestina e na Ásia ocidental, foi impedida pelos assírios de estender-se demais para o leste. Nos dias em que o reformador religioso Akenaton negligenciou seu império na Ásia, os assírios invadiram o oeste e ocuparam a terra entre os rios Tigre e Eufrates. Isto foi nos dias do poderoso Assur-Uballit (1354-1318 a.C.).

No período em que Israel marchava para a Terra Prometida e durante todo o período turbulento dos Juízes, os assírios estavam consolidando sua posição. Na época do Êxodo, havia um rei forte, Adad-Niram (1304-1273 a.C.), que subjugou o rei da Babilônia. Com o colapso de nações poderosas, como o Egito e os hititas, na época da invasão dos Povos do Mar, cerca 1200 a.C., a Assíria ficou preparada para explorar a nova situação. Logo no início do século XI a.C., Tiglate-Pileser I (1118-1078 a.C.) estava penetrando as áreas ocupadas pelos arameus (sírios). A partir dessa época, tornou-se uma característica regular dos assírios invadir terras do ocidente para saquear e obter proveito econômico.

A grande figura na expansão assíria foi o rei Assurnasírpál (883-859 a.C.), que mudou a capital de Assur para Calá (Ninrude) e começou a organizar o exército assírio como uma poderosa máquina de guerra. Ninrude veio a ser a base onde o exército era



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

os e templos. Placas esplêndidas de alabastro eram usadas para revestir as paredes dos palácios. Estas eram esculpidas com imagens detalhadas extraídas de toda a gama da vida assíria – podemos ver a nação em guerra, no trabalho e na rotina diária. Podemos obter um grande volume de informação, por meio desses baixo-relevos, sobre o equipamento do exército, os métodos de batalha e do sítio de uma cidade na guerra. Vemos centenas de escravos envolvidos no transporte de grandes touros esculpidos para os palácios e observamos as ferramentas dos operários. Apreciamos o rei numa caçada aos leões (Na 2.11,12). Podemos aprender algo sobre os deuses da Assíria e dos procedimentos nos templos. Tudo isto e muito mais continua ao dispor dos visitantes dos grandes museus do mundo, onde esses baixo-relevos escavados estão expostos. Além das pinturas, havia literalmente quilômetros de registros escritos, que preservaram informação histórica valiosa.



Assurbanipal (668-625 a.C.) caçando leões. Escultura em placas lisas de alabastro. Este e outros relevos de muitos aspectos da vida assíria revestiam as paredes do palácio do rei em Ninive. As representações possuem um certo convencionalismo, mas também um realismo surpreendente, que é mostrado aqui pela postura das leões mortas e das agonizantes. (Museu Britânico)

Alguns dos reis assírios eram literatos que se esforçaram para coletar a história do mundo antigo em seus palácios. Graças a isto, o mundo pode ler a história antiga do Dilúvio e a história



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

de 900 a 876 a.C. Nesses 25 anos, Elá reinou só dois antes de ser morto pelo usurpador Zinri.

Baasa logo se envolveu numa guerra com Judá (1Rs 15.16-22). Dois aspectos desta história da Bíblia podem ser esclarecidos pela arqueologia. Asa, de Judá, descobriu que Baasa estava construindo uma fortaleza na sua fronteira. Com medo, ele pediu ajuda ao rei de Damasco, que era seu vizinho. Este rei, Ben-Hadade, filho de Tabremom (v.18), é agora conhecido por uma inscrição encontrada na Síria:⁹ um texto aramaico falando sobre um voto feito por “Bir-Hadad, filho de Tab-ramman, rei de Arã”.

O segundo item se refere à fortaleza de Geba (v. 22). Quando os exércitos sírios chegaram, a convite de Asa, Baasa deixou de construir a fortaleza e se retirou para lutar. Asa imediatamente cruzou a fronteira, derrubou a fortaleza de Baasa, carregou os materiais para o seu lado da fronteira e levantou duas fortalezas ali! Uma dessas era Geba ou Gibeá. Era a terceira ocupação do sítio. Houvera um edifício ali nos dias dos Juízes. Quando as tribos circunjacentes atacaram a tribo de Benjamim na ocasião da humilhação física da concubina do levita, a cidade de Gibeá foi queimada (Jz 19,20). O rei Saul construiu a segunda fortaleza ali, como já vimos. Asa construiu a terceira. A escavação revelou uma notável correspondência entre a informação bíblica e os escombros existentes neste sítio.¹⁰

Escavações recentes revelaram uma ocupação do sítio durante a Idade do Ferro II. Asa viveu no início desse período. Mas, durante as últimas décadas da Idade do Ferro II, Gibcá foi grandemente fortificada e sua população aumentou no decorrer do século VI a.C. A cidade foi provavelmente destruída por Nabodonosor em sua campanha de 597 a.C.¹¹

O final da II Dinastia de Israel chegou quando Elá foi assassinado. Seu assassino, Zinri, não reinou mais que uma semana (1Rs 16.11-20). Devemos contá-lo, porém, como uma terceira casa reinante em Israel. A descoberta arqueológica não acrescenta nada à narrativa bíblica. O capitão do exército que matou Zinri era Onri, pai de Acabe, e um grande homem por direito nato. Tudo indicava que finalmente haveria alguma estabilidade em Israel, pois esta casa iria reinar por mais de trinta anos.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Reinei (em paz) sobre as trezentas cidades que acrescentara à terra. E construí (...) Medeba e Bete-Diblataim e Bete-Baal-Meom, e estabeleci ali (...) [E] Quemos me disse, “Desça, lute contra Hauro-nen”. Desci então [e lutei contra a cidade e tomei-a], e Quemos habitou ali em meus dias...¹³

Onri era então um homem importante. Conseguimos um quadro mais adequado dos empreendimentos deste rei hoje com a ajuda dos arqueólogos.



Onri, rei de Israel, forçara Moabe a pagar tributo; mas, durante o reinado de Acabe, Mesa, rei de Moabe, recusou-se a pagar e logo depois livrou-se inteiramente do controle de Israel. Na chamada Pedra Moabita (ca. 840-820 a.C.), Mesa conta a sua rebelião e lista as aldeias que, “com a ajuda de Quemos (o deus moabita)”, ele tomou de Israel. (Oriental Institute, Universidade de Chicago)

A história de Acabe é contada com alguns detalhes na Bíblia e a ênfase está nos aspectos da vida de Acabe que parecem importantes do ponto de vista religioso. Seu conflito com Elias, o roubo da vinha de Nabote, sua perversa mulher Jezabel, o encoraja-



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

mente nesses anos que Hazael tornou-se rei de Damasco e começou suas incursões em Israel. Por ocasião de uma dessas pilhagens sírias, talvez antes do reinado de Hazael, é que os sírios que estavam sitiando Samaria fugiram ao som do que julgaram ser os exércitos dos hititas e dos egípcios. Descobrimos mais recentemente que havia uma terra ao norte da Palestina conhecida como Musur. Esta terra aparece muitas vezes nos tabletes. Julga-se que os sírios temiam uma coalisão de hititas e musuritas em vez de uma coalisão de hititas e egípcios. Nos dias das primeiras traduções da Bíblia, a palavra MSR foi confundida com Egito, desde que as duas palavras têm as mesmas consoantes. Há outros lugares da Bíblia onde podemos fazer mudanças como esta de acordo com informação recente. De fato, a Bíblia tem conhecimento íntimo da geografia antiga e só agora estamos começando a compreender o seu valor como fonte nessa área.

Vamos deixar aqui a dinastia de Onri. É claro que a arqueologia moderna fez muito para aumentar nosso conhecimento e dar-nos uma idéia mais completa dos reis de Israel nesse período.

A Dinastia de Jeú

Vários grupos em Israel desanimaram com os fracos sucessores de Acabe e uma mudança era iminente. Houve uma revolução, apoiada pelo profeta Eliseu e o partido profético, assim como por outros simpatizantes fiéis da fé israelita. Surgiu finalmente uma oportunidade e um capitão do exército, chamado Jeú, decidiu agir depois dos exércitos de Israel terem sido esmagados numa batalha em que o rei ficou ferido. Jeú matou o rei, enquanto ele se recuperava dos ferimentos na cidade de Jezreel. No mesmo dia, provocou a morte do rei de Judá, que estava visitando o rei de Israel. A perversa Jezabel foi também atirada aos cães (2Rs 9 e 10). Jeú deu, assim, início a uma nova dinastia composta de cinco reis, que governaram de 842 a 745 a.C., quase um século ao todo.

Jeú é melhor conhecido por nós como o único rei em Israel ou Judá cujo retrato temos hoje. O grande Salmaneser III estava ainda reinando na época em que Jeú subiu ao trono. Ele, evidentemente, teve alguns tratos com Jeú no ano 842 a.C., pois o grande



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



Este painel do Obelisco Negro mostra "Jeú filho de Onri" (ou seu emissário) curvando-se diante de Salmaneser III. De cada lado do painel estão atendentes assírios. Este é o único retrato contemporâneo de um rei israelita. (Museu Britânico)

O registro bíblico em Reis exclui Jeroboão II em poucos versos (2Rs 13.23-29). Seu reinado foi trágico do ponto de vista religioso, pois a apostasia e a hipocrisia imperavam e o rei permitiu que a adoração de falsos deuses continuasse sem qualquer controle. Todavia, esses foram dias de grande prosperidade econômica. Evidência disto é dada nas palavras dos grandes profetas do século VIII a.C. (Is 3.18-26; 5.8-13; Am 5.11; 8.4-6; Mq 2.2). Os registros mais sóbrios em Reis não dão esta idéia. Algo do esplendor daqueles dias e da sua prosperidade pôde ser obtido por meio das escavações.

Os edifícios em Samaria e Meguido, datados desta época dão evidência de cuidadoso planejamento. Os escavadores se referem ao notável plano da cidade de Meguido naqueles dias. A cidade de Tirza, porém, nos dá talvez a melhor mostra do período. O grande portão de entrada da cidade levava imediatamente a uma estrutura maciça, que era evidentemente o palácio do governador local. Nas proximidades se encontravam dois grandes prédios com alicerces de pedra sólidos. Por trás desses três edifícios se estendia o resto da cidade, que era de um estilo muito rústico e demonstrava pobreza. Não se poderia esperar um quadro melhor das enormes distinções de classe em Israel. O escavador, Père de Vaux, fez uma referência especial a este fato.²⁶



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

No mesmo ano, uma revolta pró-Assíria em Samaria custou a vida a Peca e levou Oseías para o trono como um leal vassalo assírio, pelo menos por algum tempo. Caso Tiglate-Pileser não tenha sido quem colocou Oséias no trono, ele parece ter aprovado. Seu registro diz:

Eles derrubaram seu rei Peca (Paqaha) e eu coloquei Oséias (Ausí') como rei sobre eles.

O peso do tributo assírio anual foi demais para Oséias e ele começou a conspirar com o Egito. A retribuição foi rápida. O novo rei da Assíria, Salmaneser V (726-722 a.C.), entrou em ação em 725 a.C. e os exércitos assírios chegaram a Israel. Siquém foi capturada e Samaria cercada. O rei Oséias foi preso fora da cidade e deportado antes da queda de Samaria (2Rs 17.4). O sítio durou quase três anos, mas, em agosto ou setembro de 722 a.C., a cidade caiu. Salmaneser morreu em dezembro de 722 a.C., isto é, depois da queda de Samaria. Sargão, seu filho e sucessor, reivindicou a captura final da cidade em seus monumentos. Ele estava, sem dúvida, presente e talvez no comando dos exércitos, de modo que teve participação na queda. A *Crônica Babilônica* refere-se à destruição de Samaria (Sa-ma-ra-'i-in) como o evento mais destacado do reinado de Salmaneser. É interessante notar que, em Esdras 4.10, Samaria, geralmente soletrada em hebraico como Shomron, é soletrada Shamrayin, como na *Crônica Babilônica*.

Salmaneser V levou exilados para terras da Assíria, como Guzana (Gozã) e Hara (1Cr 5.26). Com o passar do tempo, esses exilados chegaram às principais cidades de Ninrude (Calá) e Nínive, onde nomes israelitas foram encontrados em registros escritos. Os óstracos de Ninrude e Nínive contêm 22 nomes israelitas, tais como Menaém e Oséias.³⁸

No registro de Sargão sobre a queda de Samaria, ele toma o crédito para si; embora, como vimos, foi seu pai Salmaneser V que tomou a cidade. Os anais de Sargão dizem o seguinte:

Sitiei e conquistei Samaria, levei como despojos
27.290 habitantes da mesma... Reconstruí a cidade



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

saque na época. Ao que tudo indica, as posições defensivas na parte sul do reino de Judá, erigidas por Davi e Salomão, foram provavelmente destruídas – um fato que explica por que Roboão foi obrigado a construir uma nova linha de fortificações que englobava a planície de Sefelá e as montanhas de Judá.² Nessa época, a importante cidade de Ezion-Geber, no Mar Vermelho, o porto de Salomão, foi destruída pelo fogo. Esta foi uma grande perda para Judá; mais tarde, nos dias de Josafá, quando a ameaça egípcia havia passado, o povo de Judá pôde reconstruir o porto.

A partir dos dias de Asa (913-873 a.C.), temos evidência da construção da fortaleza de Gibcá. Isto foi referido em nosso relato sobre os reis de Israel. Graças às descobertas de Ras-Shamra, podemos compreender mais claramente as reformas de Asa: “Porque tirou da terra os prostitutos-cultuais... e até a Maaca, sua mãe, depôs da dignidade de rainha-mãe, porquanto ela havia feito ao poste-ídolo uma abominável imagem (1Rs 15.12,13). (No inglês, a referência a Maaca é que ela foi deposta por ter colocado um “ídolo debaixo de uma árvore frondosa”.) Sabemos agora que esses sodomitas (*qedeshim* em cananeu) eram prostitutos sagrados. Esses homens e mulheres realizavam, nos templos, rituais destinados a encorajar a fertilidade no rebanho e no campo. O próprio nome *qedeshim* é o mesmo em hebraico e cananeu e significa “homens santos”, embora suas práticas estivessem longe de ser santas. A referência a um “ídolo debaixo de uma árvore frondosa” é realmente uma referência a “um ídolo de Aserá”. A RSV traduz: “Ela fizera uma abominável imagem de Aserá”, isto é, para a deusa cananita que já discutimos.

Josafá (873-840 a.C.) subiu ao trono cerca da mesma ocasião em que o rei Onri de Israel. Ali começou um período de amizade entre Judá e Israel, que durou quarenta anos. Houve grande colaboração entre Acabe e Josafá durante seus reinados. Eles estavam juntos na batalha em que Acabe foi morto.

O principal interesse arqueológico nesses dias se concentra em Israel. A única característica relativa a Judá diz respeito à reconstrução do porto de Ezion-Geber. A Bíblia indica que Josafá “fez navios de Társis, para irem a Ofir” (1Rs 22.49). Embora os navios tivessem naufragado, a declaração bíblica sugere que o



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

De Ezequias à Queda de Judá

Temos em mãos algum material valioso, desde o período de Ezequias (714-687 a.C.). Os registros assírios são de grande ajuda aqui. Bem no início do reinado de Ezequias, o rei Sargão da Assíria chegou às regiões do sudoeste de Judá, onde o rei Asdode estava causando algumas perturbações. Asdode tentara até obter a ajuda de Judá, mas sem sucesso. Em 712 a.C., Sargão enviou tropas para atacar Asdode. O evento é referido na Bíblia em Isaías 20. Esta referência é de especial interesse por ser a única menção de Sargão preservada nos registros do mundo antigo até as escavações na antiga Assíria terem mostrado a grandeza desse rei. Em seus registros, Sargão fez referência à revolta de Asdode em 712 a.C. Os anais de Sargão dizem o seguinte:

Azuri, rei de Asdode, planejara não entregar (mais) tributo e enviou mensageiros aos reis na sua vizinhança, todos eles hostis contra a Assíria. Por causa dos erros cometidos (então) por ele, aboli seu governo sobre os habitantes do seu país e tornei Ahimiti, seu irmão mais moço, rei sobre eles. Mas esses hititas, que estavam sempre planejando traição, odiaram o seu reinado, e elevaram Iamani (ou Iadna) sobre eles; este, que não tinha direito ao trono, não conhecia, assim como eles, respeito pela autoridade. (Numa raiva súbita) marchei rapidamente – em meu carro oficial e minha cavalaria, que nunca, mesmo em território amigo, deixa o meu lado – contra Asdode, sua residência real, e sitiei e conquistei as cidades de Asdode, Gate e Asdudimu... Reorganizei essas cidades e coloquei um meu oficial como governador sobre eles, declarando-os cidadãos assírios e tiveram de aceitar o meu jugo.¹²

Uma carta interessante de Nimrud, mencionando tributo do Egito, Gaza, Judá, Moabe, Amom, Edom, e Ecrom, pode ser muito perfeitamente datada desta campanha.¹³



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

homem na direção de seu companheiro, machado contra machado, e a água fluíu da fonte para o reservatório de 600m, e a altura da rocha sobre a cabeça(s) dos pedreiros era de 5m.¹⁸



Lintel de pedra da tumba de (Shebna)-yahu na cidade de Silwan, a sudeste de Jerusalém. Ela é inscrita com três linhas de hebreu arcaico e datada ca. 700 a.C. Este Sebna é provavelmente o mesmo homem que Isaías censurou por ter preparado um sepulcro rebuscado (Is 22.15ss). (Museu Britânico)

O sucessor de Ezequias, Manassés, que teve um dos reinados mais longos em Judá, reinou de 687 a 642 a.C. Ele é mencionado brevemente nos anais de Esardom (681-668 a.C.) onde é listado com outros que pagaram tributo para ajudar na construção de um palácio real.

Chamei os reis do país de Hati e da região do outro lado do rio: Ba'lu rei de Tiro, Manassés (Me-na-si-i) rei de Judá (la-u-di), Qaushgabri rei de Edom, Mursuri rei de Moabe, Sil-Bel rei de Gaza, Metinti rei de Asquelom, Ikausu rei de Ecrom, Milkiashapa rei de Biblos, Matanbaal rei de Bete-Amom, Ahimilki rei de Asdode – doze reis da região costeira.¹⁹

As práticas religiosas de Manassés podem ser melhor compreendidas mediante o conhecimento da religião oriental nesses séculos. Não temos outras informações sobre Manassés além do relato bíblico e a única referência nos anais de Esardom. Judá ainda se achava prestando de algum modo lealdade aos assírios.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

meou um rei de sua escolha, recebeu seu pesado tributo e os enviou para a Babilônia.

O segundo registro vem dos arquivos desenterrados pelo escavador alemão Koldewey, na Babilônia. Neles, havia centenas de recibos de óleo entregues a vários cativos da cidade. O nome Yaukin (Jeoquim), rei de Judá, aparece em três deles.²⁶ Um desses recibos se refere também aos seus cinco filhos:

1-1/2 sila (óleo) para 3 carpinteiros de Arvade, 1/2 sila cada; 1-1/2 sila para oito carpinteiros de Biblos, 1 sila cada... 3-1/2 sila para 7 carpinteiros, gregos, 1/2 sila cada; 1/2 sila para Nabu-etir o carpinteiro; 10 (sila) para Ia-ku-u-ki-nu (Iaukin) filho do rei de Ia-ku-du (Judá), 2-1/2 sila para os 5 filhos do rei de Ia-ku-du (Judá).

Esses recibos datam de cerca 592 a.C. e atestam a presença de Jeoaquim e sua família na Babilônia alguns anos depois do seu cativoiro.²⁷

O rei nomeado por Nabucodonosor para substituir Jeoaquim era o tio deste último, Zedequias. Durante vários anos ele se manteve leal ao rei babilônico. Depois começou também a tecer intrigas com o Egito. Em represália, Nabucodonosor marchou para a Palestina, decidido a causar destruição. Temos na Bíblia um relato completo dos últimos dias de Judá (2Rs 25). Alguns materiais valiosos relativos aos últimos dezoito meses da história de Judá foram trazidos à luz pelas escavações.

Tanto as escavações como as pesquisas de superfície conduzidas no sul de Judá confirmaram o fato de que houve considerável destruição ali no início do século VI a.C. Numerosos aterros revelaram, após as escavações, que se achavam ocupados até pouco depois de 600 a.C., mas houve uma interrupção drástica na sua ocupação depois disso, de modo que não foram mais ocupados até o período pós-exílio. Alguns nunca mais vieram a ser ocupados.²⁸



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

havia uma série de terraços que sustentavam casas. Finalmente, a alguma distância da encosta, o muro do período foi descoberto. Os arietes de Nabucodonosor haviam evidentemente quebrado o muro, desestabilizado os terraços e feito com que as casas desabassem encosta abaixo. Os escavadores tinham uma enorme tarefa à sua frente. Muitas toneladas de pedras tiveram de ser removidas antes que os alicerces e paredes das casas surgissem. Mas, um quadro notável da forma e conteúdo das casas veio então à luz. Quando Neemias chegou para reconstruir o muro cerca de 150 anos mais tarde, ele construiu no alto da encosta, para além dos escombros.³⁴

Judá chegou então ao fim e a terra passou para o controle dos babilônios. Nem todos os judeus foram levados para o cativeiro, embora só os mais pobres permanecessem para cuidar da terra (2Rs 25.12). Havia talvez 1.500 anos desde que Abraão deixara Ur dos caldeus em direção à Palestina. Era certamente estranho que, depois de tantos anos, alguns de seus descendentes estivessem voltando para lá, não como homens livres, mas como prisioneiros. Todavia, eles aprenderam muitas lições deste cativeiro e depois da sua volta deveriam passar por novas experiências que os levariam à “plenitude dos tempos” quando o Messias viria.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

muro. Não existe um padrão claro de uma única via circular para esta cidade, embora seja possível andar pela cidade por uma rua em ziguezague que acompanhava o muro.¹¹

Outros exemplos de fileiras de casas construídas contra o muro da cidade estão em Bete-Semes,¹² Tell en Nasbeh,¹³ e Meguido.¹⁴ Todavia, o plano detalhado e facilmente reconhecível da cidade, dominada pela rua circular contínua, é até agora peculiar a Berseba.¹⁵

Mais duas cidades exigem discussão especial por causa de alguns aspectos únicos que se tornaram claros na escavação; a saber, Jerusalém e Tell el-Far'ah (Tirza).

Jerusalém, nos dias dos reis, fora construída parcialmente ao longo do espigão que corre para o sul da área do templo. No lado leste, o terreno desce em forte declive para o vale do Cedrom. As importantes escavações da falecida Dame Kathleen Kenyon, no período 1961-1967, acrescentaram nova luz sobre o aspecto da cidade de Jerusalém ao longo desta encosta. Por meio de uma grande vala, cortando o flanco da montanha, ela conseguiu esclarecer uma história notável. Uma série de muros descoberta na parte baixa do monte marcava os limites da cidade em várias épocas. Nesta área, Jerusalém, a partir dos dias de Davi, era constituída na maior parte por residências construídas numa série de terraços que havia sido feita no morro. Um muro sólido fora levantado na encosta e apoiado com terra e pedras na parte traseira. Outros terraços vieram a ser construídos da mesma forma e neles levantadas pequenas casas.¹⁶ Os cômodos eram diminutos e as paredes construídas de pedras rústicas, mal acabadas e cobertas de barro, embora um quarto maior fosse construído segundo o padrão da casa de quatro cômodos, o plano típico na Idade do Ferro II. Foi sugerido que este método de encher por trás os muros do terraço explica as referências em 2Samuel 5.9 e 1Reis 9.24 sobre Davi e Salomão construindo Milo (literalmente, enchendo). Tal método de construção era precário, desde que chuvas pesadas ou tremores de terra tenderiam a desalojar partes do muro de retenção. Nabucodonosor descobriu isto quando atacou a cidade em 586 a.C. Kathleen Kenyon descobriu um enorme acúmulo de pedras na área onde fez suas escavações. Ficou aparente



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Esta é a história da perfuração: quando (os operários levantaram) a picareta, cada um em direção a seu companheiro e quando 1,5m (faltava) para ser perfurado (foi ouvida) a voz de um homem chamando seu companheiro, pois havia uma fenda na rocha à direita e à (esquerda). No dia da perfuração final, os operários bateram, cada um na direção de seus companheiros, picareta contra picareta. E a água começou a correr da fonte para o tanque, 600m. Cem cúbitos era a altura da rocha acima da cabeça dos operários.²⁴

Este túnel permitiu que o povo de Jerusalém sobrevivesse ao cerco do exército assírio de Senaqueribe durante o reinado de Ezequias (2Rs 18.13-19.17).

Pode ser conjecturado que outras cidades fizeram sistemas internos de água similares, a fim de chegar ao manancial de que a cidade dependia para abastecer-se de água.

A fonte alternativa de suprimento, que podia ser alcançada por meio de um poço, era o lençol de água que ficava no vale, do lado de fora dos muros da cidade. Três conhecidos exemplos deste método se encontram em Hazor, Gibeom e Berseba.

Em Hazor, um poço de 30m de profundidade foi ligado a um túnel em declive, de cerca de 25m de comprimento, com uma profundidade total de 40m. Este poço foi construído no Estrato VIII, no século IX a.C.; ou seja, nos dias da dinastia de Onri. A parte superior do túnel foi aberta por entre as camadas de níveis anteriores de ocupação e a parte inferior perfurada através da rocha. A entrada do poço era grande, com cerca de 19x15m e sustentada por enormes muros de apoio. O túnel geralmente terminava numa espécie de tanque situado no nível natural da água.²⁵

Em Gibeom, dois sistemas de água estavam em uso – um levando à água do solo e outro a uma fonte na aldeia próxima. O primeiro era um poço cilíndrico cortado na rocha por baixo da cidade, com cerca de 11,3m de diâmetro e 20,8m de profundidade. Uma escada em espiral foi cortada ao longo dos lados norte e leste do tanque. Ao chegar ao fundo, a escada continuava descen-



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

contíguos. Uma bonita casa em Meguido, datada de cerca 1050 a.C., tinha duas entradas dando para a rua, cada uma levando a um corredor que se abria para um grupo de quartos.³³ Cada corredor terminava em um grande pátio. Uma escada nos fundos da casa levava a um segundo andar. As dimensões totais desta casa eram de 31,69m por 29,56m, devendo então ter pertencido a um indivíduo abastado ou importante. O chão era pavimentado com argamassa de pedra calcária da melhor qualidade.

O tipo mais comum de casa, nos dias dos reis, consistia de um pátio com cômodos de três lados. Este era de fato um estilo de casa usado na Palestina desde 1700 a.C. Alguns arqueólogos chamaram este tipo de habitação de “casa de quatro cômodos”.³⁴ Ela consistia de um cômodo construído em todo o comprimento do eixo curto do pátio mais o pátio em si, que era dividido em três partes por duas filas de colunas colocadas ao longo do seu eixo. Essas colunas sustentavam uma parte da área do pátio, embora o pátio propriamente dito ficasse aberto. O quarto do fundo era geralmente subdividido em dois ou três quartos menores, enquanto paredes podiam ser levantadas nas alas laterais do pátio, entre as colunas, para prover mais cômodos. A variedade de opções era grande. A casa tinha geralmente um único andar e uma entrada para a rua. No pátio foram encontrados fornos e silos, vários moedores de pedra e moinhos de mão, vasilhas de pedra e utensílios de cozinha. As casas deste tipo eram, às vezes, construídas fundo contra fundo, com uma parede comum, mas de frente para ruas paralelas. Quando as paredes da casa eram suficientemente sólidas, um segundo andar era acrescentado e providas escadas, dentro ou fora da residência, para se chegar ao segundo piso.

Uma “casa de quatro cômodos” interessante foi encontrada em Siquém.³⁵ A casa original foi mais tarde ampliada pelo proprietário, acrescentando dois cômodos ao longo do eixo maior e dois cômodos ao longo do eixo curto do pátio original. No pátio ficava um receptáculo para guardar mantimentos, uma lareira grande e aberta, um moinho de mão e moedores de pedra. Seixos cobriam o chão do primeiro cômodo, de cada lado da entrada. Moinhos de pedra e um pequeno silo em um dos cômodos do fundo sugerem uma cozinha que tinha acesso a um grande silo



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

pequena e mais ou menos esférica de 30 a 45cm de diâmetro com uma boca de metade ou dois-terços dessa largura. Ao redor da borda havia um sulco circular com um pequeno orifício em um ponto para permitir que o líquido voltasse à bacia. Essas vasilhas foram descritas como tinhas de tingimento, sendo geralmente encontradas em pares e em várias áreas da cidade. A presença de muitos pesos para tear, nesta cidade, dá apoio à idéia de que nela havia uma indústria de tinturaria e tecelagem. É até possível que as colunas de pedra, que são uma característica comum das casas israelitas, podem ter tido uma dupla função – como apoio para o telhado e para prender os teares.⁴⁴

Gibeom era um centro de produção e exportação de vinho nos séculos VIII e VII a.C. As escavações nesse local trouxeram à luz 63 adegas escavadas na rocha para armazenamento de vinho a uma temperatura constante de 18° C. As adegas tinham a forma de garrafa e tinham em média 2,2m de profundidade, 2m de diâmetro no fundo e 0,67m de diâmetro na abertura. Na mesma região foram descobertas prensas de vinho escavadas na rocha, com canais que levavam o suco de uva até os tanques de fermentação e bacias de sedimentação. Os recipientes em que o vinho era armazenado tinham uma capacidade para quase dez galões. Calcula-se que as 63 adegas teriam provido espaço para guardar recipientes contendo 25.000 galões de vinho. Havia também recipientes menores com alças, onde o nome Gibeom (*gb'n*) aparecia escrito junto com um nome próprio, provavelmente o do fabricante. Rolhas para fechar os recipientes e um funil para enchê-los foram também encontrados.⁴⁵

Numerosas vasilhas de barro em pequenos cômodos de frente para a rua sugerem que certas casas vendiam comida. Uma residência na Hazor do século VIII a.C. oferece um bom exemplo. As casas que continham mais do que o número usual de moinhos de mão para uma família indicam um negócio de moagem de cereais. Cômodos estreitos ligados às paredes externas da casa, contendo recipientes cheios de grãos carbonizado, indicam lojas para venda de cereais.

Uma das estruturas mais conhecidas na área geral da produção e distribuição é o armazém, muito bem representado agora



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

tro de altura, mais liso e pintado de vermelho. Dois pilares mais antigos tinham sido construídos na parede e cobertos com argamassa. O altar das ofertas queimadas, que ficava no centro do pátio, era construído com tijolos de barro e pedras pequenas, de acordo com a lei bíblica (Êx 20.25, etc.). Tinha cerca de 2,5m quadrados e lembra o altar do Tabernáculo (Êx 27.1) e talvez o altar original em Jerusalém (2Cr 6.13). O altar estava coberto com uma pedra de pederneira grande, sendo rodeado por duas canaletas revestidas de argamassa, evidentemente para colher o sangue dos sacrifícios.

Durante o século IX a.C., foram feitas algumas mudanças na estrutura, mas os elementos essenciais permaneceram. Perto do final do século VIII a.C., tanto o altar de ofertas queimadas como o lugar alto foram cobertos, provavelmente como resultado das reformas de Ezequias (2Rs 18.1-50). Ao que se supõe, o lugar do santuário ficou reduzido a uma grande sala aberta. No século seguinte até isto desapareceu, provavelmente quando Josias finalmente destruiu todos os lugares não-autorizados de adoração (2Rs 23.4-20; 2Cr 34.3-7). Temos alguns outros vislumbres sobre este santuário registrados em alguns óstracos descobertos na cidade. Dois deles, encontrados no antigo santuário, contêm referências sobre as famílias sacerdotais de Pasur e Meremote, e uma se refere à “Casa de Javé”, que pode ser uma referência ao santuário local considerado pelo povo de Arade como um lugar legítimo de adoração. Ao que parece, o lugar era cuidado por membros das famílias sacerdotais.⁵³

A segunda cidade onde havia algum tipo de atividade religiosa era Berseba. Na segunda estação das escavações (1970), dois altares característicos do período foram encontrados num aposento de uma casa do século VIII a.C.. Um deles era um objeto quadrado, plano, com quatro pernas curtas e uma cavidade escavada na parte de cima; medindo 3,5 x 6,5 x 6,5cm. Esses pequenos altares de pedra calcária da Idade do Ferro Recente foram descobertos em Tell Malhata, talvez no fim do século VII ou começo do século VI a.C.⁵⁴

Muito mais significativo, porém, foi um altar grande, com chifres, construído com vários pedaços de uma pedra branca dis-



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

aeólicos, no desenho de portões, depósitos, prédios administrativos e assim por diante.



Estampa, em bronze, de um selo que mostra um leão rugindo – um símbolo comum para Judá – "(pertence) a Sema, servo de Jeroboão." As duas ocorrências bíblicas do título "servo do rei" tornam evidente que Sema tinha uma posição elevada. O selo original de jaspe, datado do século VIII a.C., foi escavado em 1904, em Meguido, mas subseqüentemente perdido em Istambul. (Departamento de Antigüidades e Museus de Israel)

Alguns objetos de cerâmica da Idade do Ferro possuem uma belíssima simetria e, embora não contivessem pintura de qualquer tipo, os artesãos conseguiam resultados bastante atraentes pelo uso de polimento na cerâmica vermelha. O cântaro de água, a botija de Jeremias (*baqbuq*, Jr 19.1), estava entre as mais atraentes e graciosas de todas as vasilhas de cerâmica da Idade do Ferro. As tigelas, com suas beiradas e bases de perfil pesado, decoradas do lado de dentro e no geral também no de fora com anéis polidos, tinham um charme especial. Afirma-se frequentemente que, quando comparadas com as vasilhas muito bem acabadas da Idade do Bronze Recente, muitas das quais importadas, e até com algumas vasilhas pintadas da Idade do Ferro I, a cerâmica dos dias dos reis (Ferro II) era peculiarmente monótona e nada inspiradora. Este ponto de vista é um grave exagero quanto ao contraste, como qualquer um que tenha trabalhado com a cerâmica do Ferro II irá facilmente concordar.⁶⁰



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

neste livro. Entre os tablets cuneiformes descobertos nas ruínas, havia dois, datados respectivamente de 443 e 424 a.C., que se referem a uma hidrovia chamada *naru kabari* ou *nehar kebar*, o “Rio Quebar”.⁵ A hidrovia era um canal artificial que tinha origem no rio Eufrates, ao norte da Babilônia, e que pode ser traçado mais para o sul até que se junta novamente ao Eufrates, ao sul de Ur dos caldeus. A cidade de Nipur fica a cerca de 96,5km a sudeste da Babilônia e o canal passava por Nipur. Havia, portanto, uma conexão entre a área em que os exilados viviam e a capital do grande Nabucodonosor.

É interessante notar que o lugar chamado Tel Abibe (Ez 3.15) é uma adaptação hebréia do nome babilônico Til Abubi.⁶ As palavras em babilônio significam “talude da inundação”. O sítio verdadeiro é desconhecido, mas era sem dúvida um dos muitos aterros ou tells formados com os escombros de cidades em ruínas. Estas ficaram muito tempo desocupadas e algumas eram tidas como sendo da época do grande Dilúvio. Alguns desses aterros foram aparentemente repovoados. Sítios similares, como Tel Melah e Tel Harsha (Ed 2.59; Ne 7.61), são mencionados na Bíblia como tendo sido ocupados pelos judeus exilados. G. A. Cooke diz que o nome Tell Abubi era comum na Babilônia em todos os períodos. Era conhecido no código de Hamurábi e em uma das inscrições do rei assírio Tiglate-Pileser.⁷

Na vizinhança de Nipur existem vários aterros antigos e, como veremos mais tarde, foi encontrada evidência clara de que judeus viviam na área entre 500 e 400 a.C. Podemos conjecturar que esses judeus mais recentes descendiam dos primeiros exilados deportados de Judá pouco depois de 600 a.C.

É possível imaginar, portanto, os judeus exilados vivendo num país estranho, entre os pagãos e envolvidos em algum tipo de trabalho forçado por ordem de Nabucodonosor. Eles iriam habitar ali longos anos, até que finalmente muitos deles retornassem à sua terra logo depois de 540 a.C. como resultado do decreto do conquistador Ciro. A sorte deles pode não ter sido sempre dura, pois pregadores como Ezequiel tinham evidentemente liberdade para falar ao povo, que parece ter tido uma espécie de governo local liderado por “anciãos”. Sua verdadeira condição permane-



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

grandes quantidades de cereais sem medida, acumulei nela. Nessa época, o palácio, minha habitação real... reconstruí em Babilônia... trouxe grandes cedros do Líbano, a linda floresta, para construir seu telhado...¹³



Zigurate da Babilônia, chamado "Casa da Fundação da Terra e do Céu", e o templo principal de Marduke, num quadro de M. Bardin. O rio é o Eufrates. Uma comparação da reconstrução da Babilônia por Bardin com as ruínas de hoje, confirma a veracidade da palavra profética de Deus com respeito à cidade. (Oriental Institute, Universidade de Chicago)

Com relação a um dos templos, Nabucodonosor disse o seguinte:



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

lembrar as figuras dos guardiões dos templos babilônicos, que podem ter sido conhecidos de Ezequiel. Está bem dentro da ordem dos fatos da história bíblica e de nossa experiência hoje que Deus toma os eventos e experiências da vida como um ponto de partida para se comunicar conosco. Ele apelou para as impressões visuais tão familiares a Ezequiel, a fim de conceder-lhe uma visão do esplendor divino.

Explorações Militares Tardias de Nabucodonosor

Os leitores bíblicos estão familiarizados com esses acontecimentos que se referem à queda de Jerusalém. Nos referimos num capítulo anterior à publicação de um importante documento referente à campanha de Nabucodonosor em 598 a.C., que resultou no cativeiro de Joaquim (2Rs 24.10-16). Foi feita também menção dos valiosos recibos da Babilônia que se referem à presença de Joaquim ali em 592 a.C. Infelizmente, as evidências escritas sobre as campanhas de Nabucodonosor são raras no momento. É certo que fez outras campanhas e algumas são referidas na Bíblia. Ele teve, por exemplo, tratos com Tiro e o Egito. Ezequiel 29.18 fala do seu cerco a Tiro, mas continuamos esperando evidência arqueológica deste evento. Com respeito ao Egito, temos uma inscrição que, embora longe de ser completa, menciona uma campanha nessa terra.²⁰ O profeta Ezequiel falou, em vários trechos, sobre o juízo de Deus sobre o Egito às mãos do rei da Babilônia (Ez 29.19; 30.10; 32.11). Um fragmento de um texto histórico, datado do trigésimo-sétimo ano de Nabucodonosor, que é o ano 567 a.C., fala de uma batalha entre o faraó Amasis e o rei da Babilônia. O tablete está, infelizmente, tão danificado que só podemos extrair umas poucas informações confiáveis dele. A batalha pode ter ficado confinada apenas à região do delta e, novamente, aguardamos novas elucidações arqueológicas.²¹ Nesta data, Nabucodonosor já era velho e seus dias de luta tinham ficado para trás.

Uma outra inscrição interessante desses dias se refere a uma expedição à região da Síria e do Líbano.²² Esta também é incompleta e não contém evidência definida quanto à data e ocasião. O



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

nia para a procissão anual especial dos deuses. A procissão não podia ser realizada em sua ausência. Essa era uma ocasião em que os peregrinos afluíam à grande cidade e os cofres dos templos tinham grandes lucros com ela. À medida que o rei se ausentou ano após ano, a ira dos sacerdotes cresceu.

De volta à capital, o rei nomeou seu filho Belsazar para substituí-lo. Uma inscrição cuneiforme diz o seguinte:

Ele confiou uma campanha a seu filho mais velho, o primogênito, enviando com ele as tropas da terra. A seguir, empenhou-se numa campanha distante, o poder da terra de Acade avançou com ele; na direção de Teima, para as terras do oeste ele marchou... Matou o príncipe de Teima... depois estabeleceu sua moradia em Teima...²⁶

A importante *Crônica de Nabonido*, publicada mais tarde, com toda probabilidade por inspiração de Ciro, salienta que no sétimo, nono, décimo e décimo-primeiro anos “o rei estava na cidade de Teima. O filho do rei, os príncipes e suas tropas se encontravam em Acade...”²⁷ Mais notável é a repetida declaração de que “o rei não foi à Babilônia para a cerimônia do mês de Nisã”,

É interessante comentar aqui que desde que Belssazar foi quem exerceu a co-regência na Babilônia, e provavelmente fez isso até o fim, o livro de Daniel está correto ao representá-lo como o último rei da Babilônia (Dn 5.30). Um homem como Daniel, que recebeu honrarias, seria então o “terceiro” no reino.²⁸ A propósito, a referência em Daniel 5.18 a Nabucodonosor como “pai” do rei pode simplesmente seguir o uso semita que permite termos deste tipo no caso dos relacionamentos familiares, ou pode seguir as reivindicações de Nabonido de que ele era o herdeiro legítimo de Nabucodonosor.

Os dias da Babilônia estavam chegando ao fim. Mais para o leste, um rei insignificante, Ciro o persa se tornara, de maneira surpreendente, senhor tanto da Média como da Pérsia e havia inaugurado um programa de expansão. Em 546 a.C., conquistou a Lídia e nos anos seguintes conseguiu submeter ao seu controle



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

restaurar a sorte de Sião (Sl 126). Os exilados não precisavam mais sentar-se chorando junto aos rios da Babilônia (Sl 137). Nos voltamos agora para a empolgante história de Ciro e seus decretos que garantiram a liberdade para todos os exilados.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Não é difícil ver, nessas declarações do rei, sua intenção de libertar os povos escravizados, embora deva ser admitido que as palavras talvez se aplicassem apenas aos babilônios locais. Mais tarde no documento, porém, temos uma possível referência à volta dos exilados de várias espécies às suas terras:

Reuni também todos os antigos habitantes e os devolvi às suas habitações.⁶

Com relação ao tratamento dos deuses, possuímos algumas declarações bastante claras. Os deuses deviam ser devolvidos às suas casas e restaurados aos seus templos, que deviam ser reparados:

Devolvi às cidades sagradas do outro lado do Tigre, aos santuários que estavam em ruínas há tempos, as imagens que costumavam habitar ali e estabeleci para elas santuários permanentes. Reuni também todos os seus antigos habitantes e devolvi para eles suas antigas habitações. Além do mais, restabeleci sob o comando de Marduque, o grande senhor, todos os deuses da Suméria e Acádia que Nabonido trouxe à Babilônia... Que todos os deuses que restabeleci em suas cidades sagradas peçam diariamente a Bel e a Nebo uma longa vida para mim...⁷

A política do rei persa era claramente permitir liberdade de culto. Deve ser notado que, embora Ciro não fosse um adorador dos deuses da Babilônia, ele sabia como fazer uma demonstração de honra a eles para ganhar os corações do povo da cidade. Não precisamos concluir que, pelo fato dele falar em termos como os que lemos neste documento, ele necessariamente adorava os deuses da Babilônia.

À luz deste material, podemos concluir que Ciro preparou documentos similares para outros povos. No caso dos judeus, não havia imagens a serem restituídas ao templo, mas havia um tem-



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

refere a uma carta de Dario ao sátrapa local, expressando aborrecimento com o dano causado à sua reputação pelo fato do sátrapa ter cobrado imposto sobre os vasos sagrados do deus Apolo. Esses casos indicam o possível uso de documentos locais em certos casos em que o rei persa desejava expressar a sua vontade.

Muito do pano de fundo que pudemos descobrir mediante a pesquisa arqueológica apóia o relato bíblico. Foi assim que os judeus que viviam na Babilônia, no ano 539 a.C., se encontraram na feliz posição de poderem voltar à terra de seus pais, caso o desejassem.

A Terra de Judá na Época da Volta do Exílio

Por meio de escavações recentes, tem sido comprovado, mais de uma vez, que na época do último ataque de Nabucodonosor sobre Judá, em 587-586 a.C., houve considerável destruição em todas as cidades de Judá. W. F. Albright escreveu sobre a questão:

Um bom número de cidades e fortalezas de Judá foi agora escavado ao todo ou em parte; muitos outros sítios foram cuidadosamente examinados para determinar a data aproximada da sua última destruição. Os resultados são uniformes e conclusivos: várias cidades foram destruídas no início do século VI a.C. e não voltaram a ser ocupadas; outras foram destruídas na mesma época e reocupadas depois de um longo período de abandono, marcado por uma mudança aguda de estrato e por indicações intervenientes de uso para propósitos não-urbanos. Não há um único caso conhecido onde uma cidade de Judá fosse continuamente ocupada durante o período exílico.¹⁴

A destruição não parece ter-se estendido ao antigo território de Israel. Temos evidência, baseada em escavações, de que as cidades ao norte de Jerusalém foram ocupadas durante todo o



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

tão dos persas permitirem algum tipo de governo sacerdotal em seu império é demonstrada pelo fato dos sacerdotes de Hierápolis, ao norte da Síria, poderem arrecadar seus próprios impostos e cunhar suas próprias moedas.³⁵

A Província de Judá em 500 a.C.

Fica evidente que a pequena província de Judá estava intimamente ligada à administração persa desde os dias de Ciro. Quanto à posição política, ela era apenas uma pequena parte de uma satrapia bem maior. Vimos que os persas organizaram seus vastos domínios em grandes unidades chamadas satrapias, dirigidas por sátrapas. As inscrições persas, como a grande biografia de Dario na rocha de Behistun, lista essas satrapias. A. T. Olmstead em sua *History of Persia (História da Pérsia)* se refere a outras listas em vários períodos da história persa que tornam possível traçar mudanças na disposição dessas satrapias. Muitos desses sátrapas substituíram antigos reis e se tornaram pequenos monarcas. Por esta razão, as autoridades persas tinham de manter controle sobre eles. Essas unidades maiores foram então divididas em províncias menores, cada uma com seu próprio administrador. Uma delas, definida por Heródoto como a quinta, “Além do Rio [Transpotâmia]”, parece ter sido subdividida em várias províncias, entre elas Judá, Samaria, Amom, Asdode e Arábia.³⁶ A província de Judá era rodeada por essas outras, cujos governadores naturalmente consideravam com suspeita quaisquer sinais de expansão. A satrapia completa incluía a Síria, a Palestina e outras áreas para o oeste do Eufrates, todas unidas na grande área da “Babilônia e Ebir-nari [Além do rio]”.³⁷ Conhecemos alguns dos sátrapas que governavam esta vasta área, homens como Gobrias e Ushtani (ou Histanes). A. T. Olmstead descreve a posição de Zorobabel neste sistema complexo como “apenas um governador do terceiro escalão”. Seu superior imediato era Tatenai, governador de “Além do Rio”, que, por sua vez, estava sob a autoridade de Histanes, sátrapa da “Babilônia e Além do Rio”.³⁸ Em anos posteriores, depois de uma revolta na Babilônia, em 482 a.C., a satrapia “Além do Rio” foi desligada da Babilônia. Esta



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Reis Persas (500-300 a.C.)

No final do século VI a.C. o grande Dario continuava reinando e deveria manter-se no trono até 486 a.C. Já nos referimos ao seu ataque sobre a Grécia e sua derrota em Maratona, em 490 a.C. Seus empreendimentos foram, de fato, grandiosos e seu sucessor, Xerxes I (486-462 a.C.), que fora treinado na arte de governar, por ter tido permissão de reinar como vice-rei da Babilônia, continuou a sua obra. Por causa desta experiência ele pôde realizar, mais tarde, certas mudanças administrativas vitais ao governo. Seu pai começara a construir vários e grandes palácios, talvez o mais notável de todos o de Persépolis, mas coube a Xerxes terminar todo o magnífico plano e modificar alguns de seus aspectos. Ele parece ter sido o único responsável pelos esplêndidos relevos que superaram toda a obra anterior dos artesãos do pai. Xerxes teve vários sucessos militares em todas as partes do seu império, apesar de ter sofrido derrota às mãos dos gregos nas batalhas de Termópilas e Salamina, em 480 a.C., e novamente em Platéia, no ano seguinte. É possível que esses sucessos dos gregos não tivessem sido de fato tão grandes como os escritores gregos subseqüentes os fizeram parecer, mas despertaram o patriotismo dos gregos e causaram tremendo efeito na moral grega.

Conhecemos Xerxes melhor na história bíblica de Ester, que aconteceu na velha cidade elamita de Susã, conquistada por Ciro. Essa cidade, na época do relato bíblico, sediava um belo palácio construído por Dario e mais tarde ampliado por Xerxes. Documentos encontrados em Susã evidenciam que este monarca viveu ali pelo menos durante parte do seu reinado; embora houvessem outros palácios, o mais apreciado deles era o de Persepólís.¹

Durante o reinado do rei seguinte, Artaxerxes I (465-424 a.C.), o famoso Neemias foi governador de Judá e o escriba Esdras se encontrava em atividade.² Documentos importantes do Egito e da Mesopotâmia, datando em parte do reinado de Artaxerxes e em parte do reinado de seu sucessor Dario II (423-404 a.C.),³ nos dão evidência sobre os judeus para esses anos. Houve um breve período de dois anos entre esses dois reis, durante os quais Xerxes II (424-423 a.C.) ocupou o trono, mas este rei não teve importância significativa.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Descobertas arqueológicas produziram evidência sobre esses vizinhos e, no caso de Sambalá e Gesém, trouxeram à luz até mesmo evidência por escrito. O nome de Sambalá se encontra em um dos papiros de Elefantina datados do ano 407 a.C., que mostram claramente ser posteriores a Neemias. Veremos que Sambalá teve uma vida longa e permaneceu como governador em Samaria alguns anos depois de Neemias ter deixado de ser governador de Judá. O nome Sambalá é provavelmente babilônico, Sinuballit (SIN [uma divindade] chamou à vida). O homem era governador de Samaria sob a soberania persa, mas é quase certo que não fosse um babilônio. Os nomes de seus filhos, Delaías e Selemias, são hebreus e não babilônios. Ambos incluem o elemento IAH, que significa Iavé, o nome do Deus do povo de Israel. É, porém, possível e até provável que Sambalá seguisse um tipo de religião sincretista parecida com a religião dos judeus no Egito. Os documentos de Elefantina, a serem discutidos em detalhe no próximo capítulo, nos mostram que havia outros grupos que também adotaram uma religião sincretista comparável à dos judeus.

O nome Gesém é agora conhecido de duas fontes, uma delas a inscrição contemporânea em Hegra, na Arábia, e a outra encontrada num templo nas fronteiras do Egito, pertencendo provavelmente aos árabes que adoraram ali num período em que a sua influência chegava até esse ponto.

Na época de Neemias, os reis de Dedã governavam uma vasta área a leste do Jordão e se estendendo para o sul, embora naturalmente sob o domínio persa, eles passaram a ter uma espécie de controle sobre uma extensa região. Esses reis deixaram várias inscrições, sendo uma delas a seguinte:

Nirã, filho de Hadiru, inscreveu seu nome nos dias de Gashm, filho de Shahr, e Abd, governador de Dedã.¹⁸

A frase “Abd [servo], governador de Dedã” lembra uma passagem da Bíblia, “Tobias, o servo amonita” (Ne 2.10,19). Tobias é descrito como “o servo”, e o governador de Dedã é um “servo”.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

OS JUDEUS FORA DA PALESTINA (século V a.C.)

Grande número de judeus vivia fora da Palestina no século V a.C., parcialmente como resultado do exílio obrigatório e também por causa da migração voluntária. Sabemos de várias ocasiões na história da Bíblia em que o povo de Israel foi levado para o cativeiro. Mesmo antes do colapso do reino do norte, em 722 a.C., havia cativos removidos da área da Galiléia por Tiglate-Pileser (2Rs 15.19). Quando Samaria caiu, outro grupo de exilados veio a ser levado (2Rs 17). No caso de Judá, o rei Manassés foi capturado e depois solto, mas podemos conjecturar que alguns judeus o acompanharam ao exílio (2Cr 33.11). A seguir, temos as várias visitas de Nabucodonosor (2Rs 24.1,2; 24.10-16; 25.1; Jr 52.31), que terminaram no exílio de outros grupos de judeus. Seria impossível calcular hoje o total de pessoas de origem israelita que chegou eventualmente à Mesopotâmia.

Outras terras, como o Egito, tinham sua cota de exilados da Palestina.¹ Ficamos imaginando se o faraó Sisaque levou cativos para o Egito antes de 900 a.C. (1Rs 14.25). O faraó Neco, certamente levou o rei Joacaz para o Egito pouco antes de 600 a.C. (2Rs 23:34) e podemos crer que levou também alguns dos súditos dele. Não é improvável que depois da primeira visita de Nabucodonosor a Jerusalém, em 598 a.C., o faraó Ofra tivesse encorajado os judeus a se rebelarem contra os caldeus. Uma inscrição de Nesuhor, um príncipe sob Ofra, fala de sírios, gregos e asiáticos em Elefantina e é possível que houvesse judeus entre



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



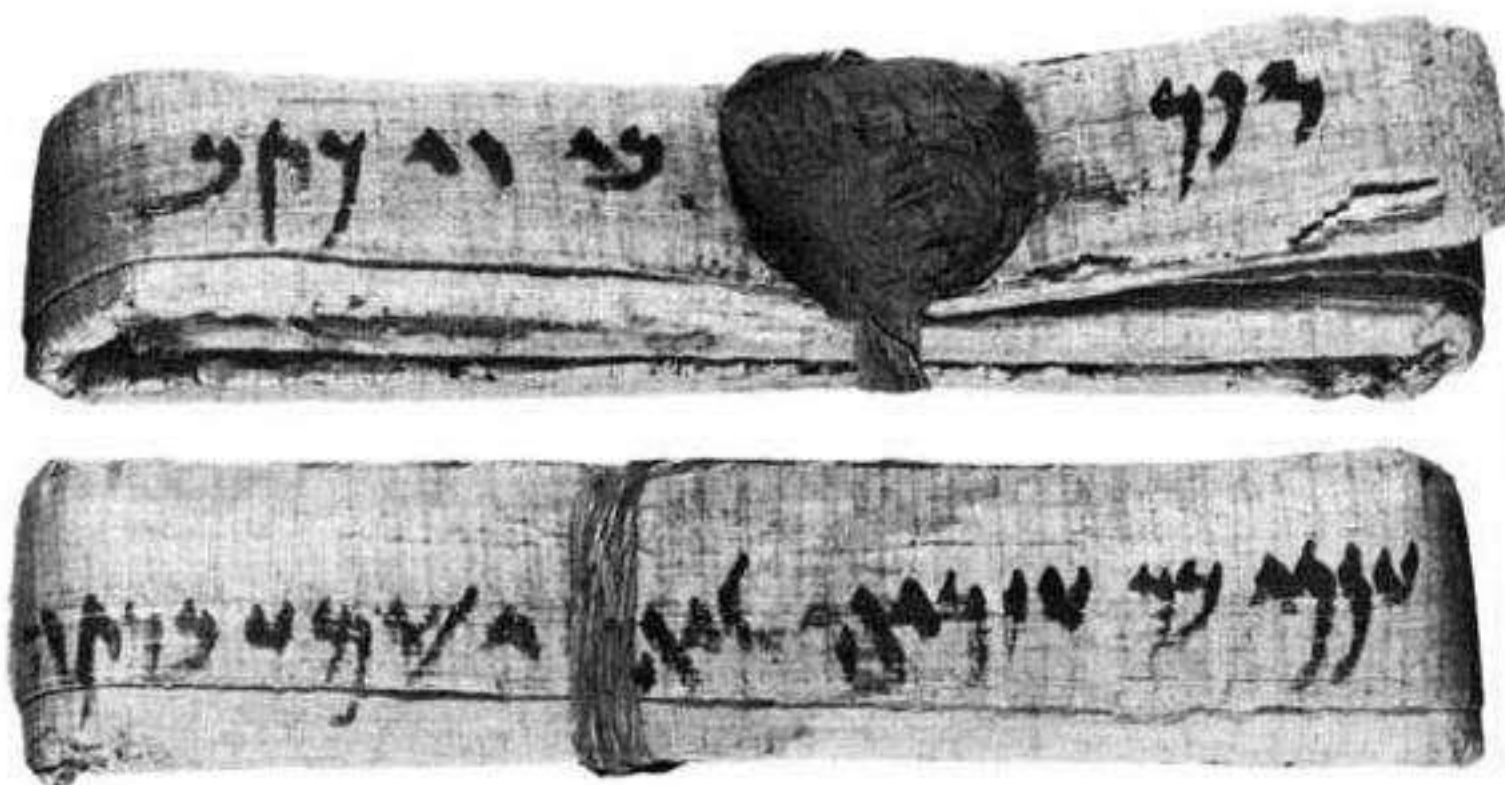
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

mundo pôde ter uma idéia da vida de uma colônia judia nessa ilha do Nilo, no período 500 a 400 a.C. Os documentos foram escritos em aramaico sobre papiros que, graças ao clima seco do Egito, haviam sido preservados todos esses anos. Eles consistiam de comprovantes, contratos e cartas, tanto particulares como oficiais. A tradução desses documentos permitiu aos eruditos formar uma idéia de como a vida diária era conduzida e quais as leis que regiam o povo dessa colônia.⁸

Todas as transações eram salvaguardadas por documentos e os contratos redigidos da maneira adequada, confirmados por testemunhas e depois enrolados e selados. Uma nota era finalmente acrescentada do lado de fora do documento para identificá-lo. O procedimento não difere muito do usado por Jeremias na compra do seu campo (Jr 32.8-14), sendo basicamente o método babilônico adotado pelos persas. A maioria dos documentos de Elefantina contém duas datas, uma ao estilo egípcio e a outra no babilônico, a fim de que não tenhamos dúvida sobre a data em que foram escritos.



Contratos enrolados e selados descobertos em Elefantina, Egito. Eles foram rotulados do lado de fora para rápida identificação. As palavras aramaicas (transliteradas) no alto do documento são *spr bi zi ktk*, "carta referente a uma casa, escrita por...". (Museu do Brooklyn)

Os contratos nupciais, como poderíamos esperar, são numerosos e mostram que os casamentos eram geralmente arranjados entre o noivo e alguém representando a noiva. Era comum o noivo dar um presente nupcial. Nos casos de divórcio (que parecem



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Seus servos Yedoniah, e seus companheiros, e os judeus, cidadãos de Elefantina, todos dizem: Se nosso senhor se agradar, atente neste templo para reconstruí-lo, desde que eles não nos permitem isso. Atente nos seus amigos aqui no Egito. Que uma carta seja enviada para eles com referência ao templo do Deus Yaho para edificá-lo na fortaleza de Elefantina como era construído antes.¹⁸

Se Bagoas fizesse isso, eles se ofereceram para orar a seu favor, fazer ofertas de manjares, incenso e sacrifício a Yaho. Eles garantiram que mérito seria acumulado diante de Yaho por este ato, maior que o mérito daqueles que tivessem sacrificado mil talentos.

Dois outros fatos importantes são dados na carta. Primeiro, esses judeus de Elefantina afirmaram que haviam escrito ao sumo sacerdote em Jerusalém, Joanã, e seus colegas, os sacerdotes Ostanes (Ustan), irmão de Asani, e aos nobres entre os judeus. Não houve resposta para esta carta. Segundo, eles afirmaram que haviam escrito a Delaías e Selemias, filhos de Sambalá, governador de Samaria.

Esses dois fatos são muito significativos, pois nos dão um vislumbre de Judá e da Palestina no final do século V a.C. Aprendemos que Bagoas era governador, Joanã sumo sacerdote e Sambalá continuava vivo, embora seus dois filhos tivessem alguma importância, devida sem dúvida à idade do pai. Era inútil para o povo de Elefantina pedir nova ajuda aos líderes religiosos de Jerusalém, pois essa porta estava evidentemente fechada. Alguns eruditos argumentaram que os sacerdotes de Jerusalém consideravam os judeus do Egito como semi-heréticos e, portanto, não os encorajaram em sua apostasia.¹⁹ Se isso for verdade, a única esperança de ajuda para os judeus em Yeb era trabalhar mediante os líderes políticos persas, Bagoas e Sambalá.

O resultado desta carta é muito interessante. Bagoas foi solicitado a escrever aos judeus do Egito e informá-los de seus planos de ajuda. O emissário levou então de volta alguma informação verbal.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Temos alguma evidência arqueológica valiosa para os anos 400-50 a.C., e mesmo que a quantidade não seja grande, ela ajuda a completar os registros escritos.² A última parte do período é melhor suprida por meio dessa evidência do que pelas anteriores.

Edomitas, Idumeus e Nabateus

Durante os três séculos em consideração, a história dos judeus, apesar de incompleta em vários lugares, se refere várias vezes aos edomitas (agora conhecidos como idumeus) e a um novo grupo chamado nabateus. O trabalho arqueológico na Transjordânia forneceu informação adicional sobre os edomitas durante esses anos. Deve ser lembrado que, por ocasião da queda de Judá, em 586 a.C., esses povos se aproveitaram da situação e invadiram a área. Alguma evidência escrita sobre as primeiras pressões dos edomitas ao sul de Judá, chegou por meio do óstraco de Arade. Uma das cartas encontradas em Arade se refere aos preparativos para um ataque edomita, evidentemente nos anos que precederam a primeira campanha de Nabucodonosor. Esses mesmos edomitas viriam a ser derrotados em sua própria terra por outros grupos árabes antes do final do século V a.C. As escavações no antigo porto de Ezion-Geber, originalmente fundado por Salomão, produziram selos impressos da Cidade IV, que contêm nomes claramente edomitas.³ Mas, no século V a.C., os óstracos contêm nomes de caráter árabe.⁴

Podemos concluir que, com a ascensão dos árabes pertencentes ao grupo que produziu o Gesém dos dias de Neemias, os edomitas perderam grande parte do seu poder. Muitos se mudaram para Judá, enquanto outros foram absorvidos. Eles continuaram vivendo no sul de Judá e passaram a ser conhecidos como idumeus. Temos evidência valiosa sobre eles em algumas tumbas encontradas em Maressa, datadas de meados do século III a.C. Estas serão descritas em algum detalhe mais adiante. Uma variedade de inscrições, contendo vários nomes, indica que os edomitas viveram perto de outros povos, tais como os colonizadores fenícios. Na maioria das vezes os nomes são registrados em grego, mas há alguns em aramaico, entre os quais os que contêm o



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

moedas ptolemaicas entre os anos 285 a.C. a 182 a.C. e quatro moedas de Antíoco IV.



A famosa Pedra da Roseta que, por causa das suas inscrições em hieróglifos egípcios (alto), demótico egípcio (meio) e grego deram a Thomas Young (1773-1829) e J. F. Champollion (1790-1832) as pistas necessárias para decifrar a antiga linguagem egípcia. A inscrição, uma cópia de um decreto sacerdotal de 196 a.C., se refere a uma comemoração da coroação de Ptolomeu V Epifanes e menciona Cleópatra. O monumento de basalto negro tem mais de um metro de altura e recebeu o nome de Rashid ("Roseta") no Egito, onde os soldados de Napoleão o encontraram em 1799. (Museu Britânico)

A cidade de Tell en Nasbeh, ao norte de Jerusalém, produziu moedas de Ptolomeu II assim como de períodos anteriores e posteriores.

A importante cidade de Siquém na Palestina central, que desempenhou parte proeminente na história antiga de Israel, ficou



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

ro, a julgar pelas moedas encontradas na escavação. Cinquenta e duas moedas dos dias dos primeiros seis ptolomeus foram trazidas à luz, a primeira datada de 252 a.C. e a última de 210 a.C. Outras moedas foram encontradas no sítio, mas contam uma história diferente.²¹ Ao todo trezentas moedas foram encontradas na escavação, mas a maior parte delas pertence aos dias dos selêucidas e macabeus. Havia 126 moedas de Antíoco Epifanes (175-163 a.C.), nenhuma de seu sucessor, cinco de Balas (150-145 a.C.), treze de Demétrio II (145-139 a.C.), dez de Antíoco VII (139-129 a.C.), só duas moedas selêucidas dos anos 125-121 a.C., mas dezesseis moedas judias dos dias de João Hircano, o governante judeu (134-104 a.C.). Esta história em moedas nos conta que Bete-Zur foi ocupada nos dias de Antíoco IV, com um declínio na ocupação entre 160 e 145 a.C. Houve então um reavivamento de 145 a.C. até fins do reinado de João Hircano. Depois de cerca de 100 a.C., a história das moedas termina.

No alto do talude de Bete-Zur, escavadores descobriram os fundamentos de uma grande fortaleza, evidenciando três períodos de ocupação. A primeira, construída nos dias dos ptolomeus, foi quase completamente destruída e depois reconstruída como uma fortaleza muito maior. Esta pode ser atribuída a Judas Macabeu, que a construiu entre 165 e 163 a.C. Dentro de pouco tempo ela foi capturada, destruída e reconstruída segundo um plano helenista pelo general selêucida Báquides, cerca de 161 a.C.²² O quadro arqueológico, então, segue de perto o literário.

A história das moedas mostra novamente uma lacuna na ocupação até 145 a.C., o que nos leva aos dias de Jônatas e Simão, quando a fortaleza caiu novamente nas mãos dos judeus.

Um esclarecimento interessante sobre as escavações em Bete-Zur é que foi encontrada uma coleção de alças de potes pertencentes a grandes jarros de vinho, geralmente originários de Rodas, e que se tornaram conhecidos como alças rodianas. Cada uma delas traz o nome do oleiro ou magistrado do ano. A presença de tantas alças aqui prova a existência de uma guarnição grega na cidade e, nas palavras de G. E. Wright: “Eles certamente preferiam este vinho importado ao produto nativo da safra nacional”.²³



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

é que a série de moedas judias cessa cerca de 100 a.C. A razão não fica clara, mas pode significar que, logo depois da política agressiva de Alexandre Janeu (103-76 a.C.), essas cidades foram abandonadas porque não era mais necessário manter guarnições nesses pontos.³²

É de considerável interesse seguir a história das moedas dos reis asmoneus durante esses anos. Uma carta de um rei selêucida, mencionada em I Macabeus 15:6, conta como Simão teve permissão para cunhar dinheiro. Há algum debate sobre se as moedas encontradas devem ser ou não atribuídas a Simão. Um escritor recente sugere que só depois da morte de Antíoco VII, em 129 a.C., quando o poder selêucida sobre a Palestina finalmente cessou, é que a cunhagem dos macabeus teve início.³³ João Hircano cunhou moedas, usando como símbolos, de um lado, flores, frutas, estrelas, âncoras e itens que não ofendessem um povo que mantinha a autoridade divina do segundo mandamento. Do outro lado das moedas, usou a cornucópia, a romã e uma grinalda, com uma inscrição em letras hebraicas antigas dizendo: “João Sumo Sacerdote e a Comunidade Judia”. Uma das moedas comuns era o pequeno *lepton* de bronze, feito na Judéia em maior quantidade do que qualquer outra moeda. É a oferta da viúva; seu valor era 400 vezes menor que o do siclo.

Alexandre Janeu mandou colocar o título “Rei” em suas moedas e depois usou letras gregas em algumas delas, assim como as antigas letras hebraicas. Seus símbolos eram a palmeira, o lírio, a romã, a cornucópia e a roda. Nos dias de Hircano II (63 a.C.ss.) as moedas só contêm o título “Sumo Sacerdote”, mas a essa altura os romanos exerciam o controle. O último dos asmoneus foi Antígono, que tomou o trono em 40 a.C., numa época em que havia tumulto no império romano. Nos anos que precederam a nomeação de Herodes como rei, Antígono mandou cunhar moedas com o título “Rei Antígono” de um dos lados e as palavras “Matatias, Sumo Sacerdote e a Comunidade Judia”, do outro. Essas moedas foram importantes porque nos dão o nome judeu de Antígono. Eram, entretanto, moedas sem valor, seriamente adulteradas, com 27% de cobre, refletindo assim a deterioração devida às extorsões romanas e às guerras contínuas. Os símbolos nes-



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

ocupará em estudo contínuo por muitos anos. As descobertas não só lançam luz sobre a notável comunidade religiosa de Qumran, como também dão informação valiosa sobre o pensamento da época, o caráter do texto hebraico, o pano de fundo para a interpretação bíblica do que o Senhor Jesus Cristo pregou e como a igreja cristã foi formada, assim como um vislumbre dos vários aspectos da história desses tempos. Iremos comentar rapidamente sobre alguns desses itens.

O Caráter da Comunidade de Qumran

O material escrito descoberto nas cavernas, especialmente o *Manual de Disciplina*, ou a *Regra da Comunidade* como alguns escritores a chamam agora, nos ajuda a obter uma impressão clara das idéias básicas, da constituição e das práticas da comunidade.⁸

Nos dias difíceis da última parte do século II a.C., o grupo de judeus piedosos representado aqui ficou convencido de que o fim daquela era perversa estava próximo e que os dias do juízo, anunciados pelos profetas do Antigo Testamento, se achavam prestes a começar. A comunidade se encontrava onde o rio descrito em Ezequiel 47 entrava no Mar Morto. Naqueles dias perigosos, esta sociedade acreditava que Deus tinha ainda um remanescente de fiéis comparável aos remanescentes fiéis do passado, mas que o deles era realmente o último. O povo de Qumran adotava nomes que nos fazem lembrar dos nomes do povo da aliança do Antigo Testamento, tais como “os Eleitos”, “os Santos do Altíssimo”, “os Filhos da Luz”, “o Povo Santo”, “os Pobres do Rebanho” e “a Comunidade de Israel e Arão”. Como membros da aliança, eles criam que já estavam de posse da lei de Deus, mas desejavam viver pelos seus preceitos. Seu grande objetivo era estudar a Torá a fim de descobrir sua verdadeira interpretação de acordo com as linhas de procedimento que haviam recebido do Mestre de Justiça (ou Mestre Justo),⁹ que mostrara o caminho da santidade para eles e como viver e servir a Deus em dias tão conturbados. Eles aguardavam então a entrada da era messiânica em que haveria uma nova Jerusalém e um novo templo, onde sacrifícios



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

que se refere a um profeta, Números 24.15-17, que faz referência a um rei, e Deuteronômio 33.8-11, onde Moisés pronunciou sua bênção sobre a tribo sacerdotal de Levi. Toda a sociedade era chamada de “comunidade de Israel e Arão” e evidentemente esperava os dois Messias emergirem de suas próprias fileiras. Em outro documento, a ordem de precedência dos que sentavam no banquete na nova era é dada e aqui o Messias de Israel fica subordinado ao sacerdote. Somos lembrados da posição inferior do príncipe nos últimos capítulos de Ezequiel. Vale a pena notar, à luz dessas idéias messiânicas, que no cristianismo as três figuras de profeta, sacerdote e rei estão unidas no Senhor Jesus Cristo, cujo messiado foi recebido mediante o sofrimento na cruz.¹⁴

Os Rolos e o Texto do Antigo Testamento

Antes da descoberta desses textos, nossos manuscritos hebreus mais antigos eram datados de cerca 900 d.C. Sempre foi desejo dos eruditos bíblicos obter manuscritos mais antigos para fazer uma comparação com o texto hebraico atual. Desta forma eles podem descobrir até que ponto o texto foi preservado. Como resultado dessas maravilhosas descobertas em Qumran, temos agora documentos que se reportam a 100 a.C., ou até mais antigos.¹⁵ Como eles se comparam com o texto massorético que temos em nossa Bíblia hebraica e que foi preparado pelos rabinos de acordo com a tradição (*Massorah*) mantida nos primeiros séculos da era cristã?

Vários fatos interessantes surgiram. O mais importante é que no geral, esses textos antigos concordam bastante com o texto que nos é familiar. Nos pontos em que divergem, quase sempre seguem o texto da Septuaginta mais de perto, e esta diverge do texto hebraico em vários pontos. É evidente que havia, na época, versões da Bíblia hebraica que diferiam tanto dos textos massoréticos atuais como da Septuaginta.

Certos fatos ficam claros com base nessas descobertas. É evidente que o texto massorético, ou pelo menos a sua forma original, é muito antigo. Ao mesmo tempo, fica aparente que os tradutores da Septuaginta tinham uma forma um tanto diferente do



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

OS DIAS DE HERODES O GRANDE

Quando Herodes foi nomeado rei pelos romanos, depois da morte de Antígono, o último dos asmoneus, em 37 a.C., uma nova ordem foi implantada na Judéia. Por não ser judeu, mas idumeu de nascimento, Herodes era desprezado pelos seus contemporâneos judeus. Seu reinado foi trágico e ele morreu sem um único amigo. Devido, porém, às suas grandiosas obras arquitetônicas, ele deixou muito material que delicia o arqueólogo hoje. Vamos rever primeiramente a história da época e discutir em seguida as descobertas arqueológicas que dizem respeito a esses dias.

História da Palestina de 63 a 4 a.C.

Em 63 a.C., Pompeu entrou na Palestina e a Terra Santa passou ao controle direto de Roma. Isto foi de muitas formas uma vantagem, pois daria aos judeus paz, estradas, aquedutos e muitos prédios bonitos. A Judéia propriamente dita teve seu tamanho reduzido e foi incluída na província romana da Síria, com um governador local e Hircano como sumo sacerdote. Logo depois, Scauro, procônsul romano da Síria, teve problemas com os nabateus, e Antípater, pai de Herodes, conseguiu persuadir os nabateus a pagarem tributo, ganhando assim o favor dos romanos.

Nessa mesma ocasião, uma guerra civil, que teria repercussões indiretas sobre a Palestina, estava se iniciando em Roma. Quando Gabino se tornou procônsul da Síria em 57 a.C., ele teve dificuldades na Judéia com um rebelde asmoneu, filho do prí-



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

ren em suas explorações (1867-1870). Warren descobrira os fundamentos de uma coluna numa distância de 10 metros do muro e supusera que havia identificado ali a primeira coluna de uma série de arcos que formavam uma ponte sobre o vale Tiropeom, ligando o Monte do Templo com a Cidade Alta a oeste. Isso estava errado, como veremos. A descoberta dos remanescentes de um segundo arco, o “Arco de Wilson”, a uma curta distância, um pouco mais adiante no muro ocidental da área do Templo, levantou a questão de haver ou não duas estradas ligando o Monte do Templo à Colina Ocidental. Só a escavação poderia revelar a verdade sobre esses dois arcos.



O Arco de Robinson (centro) se projeta do Muro Ocidental (Lamentações) em Jerusalém. O arco formava parte de uma escada monumental descrita por Josefo em sua obra *Antigüidades* (XV.ix.5). Na frente do muro estão ruínas do complexo do palácio de Califado de Omayyad (séc. VII-VIII d.C.) (Garo Nalbandian)

O fato é que o Arco de Wilson era realmente o primeiro elo numa série de arcos que sustentavam uma via para a Colina Ocidental. Esta via tinha 13,4m de largura e a altura dos arcos era de 23m acima do leito de rocha firme. Nos dias de Herodes havia belas residências na Colina Ocidental.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

vantou uma nova estrutura sobre a anterior e nos últimos anos de seu reinado decidiu aumentar o palácio de Jericó. Ele terminou com um grande complexo de jardins submersos, uma enorme piscina, vários salões, escadarias monumentais, muitos outros aposentos – uma construção realmente grandiosa. Mas o quadro completo ainda não foi apresentado, por terem sido feitas bem poucas poucas escavações até hoje.¹⁷

Mas, Jericó não era suficientemente afastada para Herodes em suas crises de solidão e ele então restaurou e re-equipou as fortalezas de Alexandria, Hircânia, Maqueronte e Massada. Estas ficavam em picos inacessíveis. Alexandria, bem acima do vale do Jordão, na Palestina central, Massada a oeste do Mar Morto e Maqueronte a leste, cada uma bem no alto e difícil de alcançar. Massada foi escavada, com alguns resultados surpreendentes.¹⁸ Esta fortaleza está em cima da rocha de Massada, com uma queda de mais de 396m a oeste do Mar Morto. Ela já havia sido fortificada por outros, antes de Herodes, talvez por alguns dos macabeus. Mas, as principais estruturas e fortificações trazidas à luz pela escavação eram obra de Herodes o Grande. Na face norte escarpada, Herodes fizera construir uma vila palacial em três camadas, em cada um dos três terraços abaixo da parte mais alta da rocha. O terraço inferior continha excelentes pinturas na parede e uma dupla colunata. No terraço do meio havia um pavilhão circular e uma colunata, e no superior um bonito pórtico semicircular e os aposentos da família. Na parte de cima do planalto havia uma grande casa de banhos, amplos depósitos, um prédio administrativo, dois palácios menores e outras estruturas. As extremidades do planalto eram muradas com muros duplos, reforçados a intervalos por muros que se cruzavam, de modo que o conjunto de muros com cerca de 1.295m consistia de uma série de compartimentos pequenos e grandes. Além disso, havia grandes cisternas que proviam água para um longo cerco quando cheias. De fato, Massada resistiu ao ataque romano durante três anos depois da queda de Jerusalém e caiu finalmente em 73 d.C. Seus defensores zelotes morreram em sua defesa – homens, mulheres e crianças. A escavação descobriu sombrias lembranças da sua resistência em muitos pontos da fortaleza.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Mais Evidências Arqueológicas dos Dias de Herodes

O estudante interessado pode ampliar seus conhecimentos da época de Herodes de outras formas. É possível, por exemplo, familiarizar-se com a cerâmica típica daqueles dias mediante uma visita ao Museu de Jerusalém. Fizemos referência a duas inscrições do templo, mas existem outras de natureza secular disponíveis para estudo hoje. Há também moedas do período, com uma riqueza histórica preservada de maneira accidental. O próprio Herodes fez cunhar moedas de bronze, com a inscrição em grego, usando como símbolos a romã e folhas, o tripé e palmas, a águia, a cornucópia e três espigas de cevada. Ele teve prudência suficiente para não usar figuras humanas em suas moedas, desde que isto seria uma ofensa grave aos olhos dos judeus.

No vale que ficava a leste do atual muro de Jerusalém, existem vários túmulos contendo nomes antigos. Uma inscrição num deles, conhecido como túmulo de São Tiago, menciona vários membros da ordem sacerdotal de Bene Hezir (1Cr 24.15), três dos quais parecem ter sido sumo sacerdotes no reinado de Herodes.²⁴ A “Pirâmide de Zacarias” e o “Túmulo de Josafá” pertencem ao mesmo período, que o Professor Albright afirma serem do tempo de Herodes.

Fora da Judéia encontram-se ruínas importantes dos nabateus, muitas das quais estavam de pé nos dias de Herodes, no final da era dos asmoneus. Já vimos como o pai de Herodes tinha amizade com esses indivíduos e Herodes chegou a passar tempo com eles em sua juventude. Aretas IV, que reinou de cerca 9 a.C. a 40 d.C., foi um dos maiores dentre os reis nabateus. Aretas empenhou-se em modernizar e adornar Petra, fazendo em seu país o mesmo que Herodes na Judéia. Os arqueólogos distinguem um período nabateu clássico do século I a.C. até o tempo da ocupação romana em 106 d.C. Isto já seria avançar sobre os dias de Herodes, mas uma discussão detalhada está fora do propósito deste livro.²⁵



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

des Filipe a área a leste e nordeste do Jordão, do rio Jarmuque até o Monte Hermom. Aconteceu então que, em 4 a.C., a Palestina tinha três Herodes em lugar de um. Este arranjo continuou no caso de Antipas e Filipe pelo resto do reinado de Augusto; isto é, até 14 d.C., e por mais de vinte anos depois disso. No caso de Arquelaus, porém, houve uma mudança depois de dez anos porque ele ofendeu grandemente os judeus. Arquelaus divorciou-se de sua esposa e se casou com uma mulher que já havia sido casada anteriormente duas vezes, empenhou-se num programa extravagante de construção e de muitas outras formas deixou o povo insatisfeito. Augusto achou então melhor removê-lo. Nós o encontramos na história do evangelho quando Maria e José e o menino Jesus voltaram do Egito. Ao descobrirem que Arquelaus governava, eles preferiram ir para a Galiléia em vez de permanecer na Judéia (Mt 2.22).

No lugar de Arquelaus, o imperador indicou um procurador romano que respondia diretamente a ele, mas dependia do governador da Síria para ajuda militar e supervisão geral. Quatorze desses procuradores são conhecidos no período até a queda de Jerusalém em 70 d.C. e três deles têm especial interesse para os leitores do Novo Testamento: Pôncio Pilatos (26-36 d.C.), Antônio Félix (52-59 ou 60 d.C.) e Pórcio Festo (60-62 d.C.).

Na política romana, o grande Augusto morreu em 14 d.C. e foi sucedido por seu filho adotivo Tibério, que governaria até 37 d.C. Este imperador estava reinando durante o período em que Jesus pregou na Palestina e na época da sua crucificação. Foi a sua “imagem e inscrição” que estavam na moeda dada a Jesus no dia em que os herodianos quiseram apanhá-lo em falta (Mt 22.20). Tibério nunca foi popular e sua vida terminou cheia de suspeitas e crueldade. Seu sucessor, Gaio Calígula (37-41 d.C.), um homem amigável, recebeu muito apoio público no começo de seu reinado ao fazer concessões a todo tipo de pessoas. Em breve, porém, começou a mostrar sinais de problemas mentais e insistiu em ser adorado como um deus. Em certa ocasião, quando Herodes Agripa estava visitando Alexandria, alguns cidadãos tentaram obrigar os judeus a adorarem a imagem de Calígula. Os judeus apelaram ao imperador, mas a resposta dele foi ordenar o



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

115 d.C., no reinado do imperador Trajano (98-117 d.C.). O motim foi sufocado com excessiva crueldade e muito derramamento de sangue dos dois lados.



Painel no interior do Arco de Tito representando uma procissão triunfal de soldados romanos, carregando a mesa dos pães da proposição, trombetas e o castiçal de sete braços do templo de Jerusalém. (Museu Metropolitano de Arte)

Na Palestina propriamente dita, a chamada segunda revolta judia explodiu em 132 e durou até 135 d.C. O chefe era um certo Ben Kosebah, antes conhecido como Bar Kochba, “Filho da Estrela”, considerado por muitos como sendo o Messias, de acordo com Números 24.17. Adriano expedira um decreto proibindo a circuncisão e ordenando que um templo de Júpiter fosse construído no local do templo de Jerusalém. Para os judeus esta era uma ofensa terrível e eles se rebelaram. A revolta veio a ser finalmente sufocada e Adriano executou seu plano de reconstruir Jerusalém como uma cidade pagã, que chamou de Aelia Capitolina. Ele proibiu a entrada dos judeus na cidade, sob pena de morte, e eles não mais visitaram Jerusalém durante séculos; pelo menos não



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

moedas gregas ou helenistas, que já eram usadas há anos, continuaram. Além disso, os judeus cunhavam suas próprias moedas, de modo que o quadro da cunhagem é completo. O Novo Testamento contém referências a moedas originalmente gregas e a outras que eram romanas. A tradução nem sempre ajuda e a mesma palavra é usada às vezes para moedas diferentes. Algumas tentativas de preservar os nomes gregos ou romanos parecem ser justificadas.

Os evangelhos se referem a cinco moedas de origem grega. Duas delas, o “talento” e a “libra” ou *mina*, eram na verdade pesos de prata, embora “talentos” e *minas* de ouro fossem conhecidos no mundo daquela época. O talento é mencionado em Mateus 18.24. A “libra” ou *mina*, um peso de prata, é mencionada em Lucas 19.13s. Ambos são pesos e não moedas. As outras três peças eram definitivamente moedas. Uma delas, chamada de “peça de prata” no Novo Testamento, era na verdade a *dracma* de prata (Lc 15.8,9). Outra era a *didracma*, que é o “tributo” referido em Mateus 17.24. Era de prata. O “estáter”, mencionado em Mateus 17.27, era uma moeda de prata conhecida como *tetradracma*. Tentativas para dar o equivalente em dinheiro de hoje estão condenadas ao fracasso por causa das freqüentes mudanças no valor do mesmo.

Além dessas moedas havia outras romanas: o *denário*, moeda de prata (Mt 18.27; 20.2,9,10,13; etc.), o *quadrante*, moeda de bronze (Mt 5.26), e outra moeda chamada de *asse* ou *assário* pelos romanos (Mt 10.29; Lc 12.6). Finalmente, havia uma pequena moeda de bronze, o “óbolo” ou *lepto*, que representava uma fração do centavo em dinheiro de hoje.

Os romanos se reservavam o direito de cunhar moedas de prata, mas permitiam que as autoridades locais fabricassem as de bronze. Nas escavações encontramos moedas de ambos os tipos, mas, naturalmente, quase todas as moedas de bronze encontradas são locais.

Em termos restritos, as moedas de prata romanas constituíam o padrão monetário principal da Judéia e entre estas o denário de prata, cunhado em Roma, era o mais conhecido. Foi o denário de prata de Tibério César que Jesus teve nas mãos no dia em que os



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

revolta o líder, Bar Kochba, sobrepôs suas próprias marcas sobre as moedas romanas. Mais tarde, ele fabricou o que foi descrito como o “melhor conjunto de moedas já cunhado por qualquer autoridade judia”.⁵ Entre elas podemos referir-nos à *tetradracma* de prata, com uma estrela sobre o templo e o nome “Simão” na frente, e uma cidra e um feixe de gravetos, com as palavras “Para a libertação de Jerusalém” na parte de trás. O *denário* de prata tinha uma grinalda e “Simão” na frente, e uma caneca e uma palma com as palavras “Ano 2 da Libertação de Jerusalém” no verso. Simão é descrito como “Príncipe de Israel” em algumas das moedas. Outro nome é “Eleazar o Sacerdote”. Os romanos comemoraram a extinção da revolta em 135 d.C. cunhando uma moeda especial, em que aparece o imperador com uma junta de bois arando os limites de uma nova cidade. Essa cidade era Jerusalém, que recebeu o nome de Colônia Aelia Capitolina e passou a ser uma colônia romana pagã.



Moeda de prata da primeira revolta judia (66-70 A.D.). O anverso mostra um cálice e está inscrito "Ano I" e "Siclo de Israel". O reverso mostra um ramo de romá com três botões e está inscrito "(A) Sagrada Jerusalém". (Museu Britânico)

Fica evidente por este breve estudo das moedas desse período que estas têm uma parte muito importante a desempenhar na datação das ruínas encontradas pelo arqueólogo. Por serem encontradas às centenas e até milhares na Palestina, é óbvio que a sua descoberta em uma escavação é recebida com entusiasmo pelo arqueólogo. Existem alguns limites no seu valor para a datação, porém, pois elas muitas vezes continuaram em uso durante muitos anos após a morte de um rei. Algumas moedas eram cunhadas em quantidade considerável e teriam maior possibilidade de sobreviver do que aquelas cuja cunhagem era limitada. Todavia, onde quer que exista evidência suplementar, elas são úteis para a



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Existem mais algumas inscrições datadas do primeiro século d.C. que não têm interesse direto para o estudante do Novo Testamento, embora todo material dessa época na Palestina tenha valor indireto, pois ajuda a completar o quadro. Uma dessas inscrições, rabiscada numa parede em Sebaste (Samaria) diz: “Que Marcial o douto mestre e todos os seus amigos sejam lembrados por Kore (Perséfone)”.

A deusa Kore era popular em Samaria no período romano e sua estátua, encontrada ali há alguns anos, está em exibição no Museu de Jerusalém (Jordânia).¹³

Outro tipo de inscrição foi encontrada em itens de cerâmica usados na construção, um grande número deles na Palestina. São de vários tipos – telhas, canos, ladrilhos, etc. Alguns têm o nome do fabricante, ou da legião ou destacamento que construiu o prédio onde o artigo foi usado. O idioma nessas peças é geralmente o latim. Uma inscrição muito comum é a da décima legião romana, que permaneceu longo tempo na Palestina, desde os dias de Nero até o século III, embora o nome de outras legiões também apareçam. O texto completo nas peças da décima legião diz: *Legio Decima Fretensis*. O adjetivo *Fretensis* foi anexado à décima legião em lembrança de algum grande evento em sua história, possivelmente a participação numa batalha perto dos estreitos entre a Itália e a Sicília em 36 a.C. com o exército de Otaviano. A palavra *fretensis* é o genitivo do latim *fretum*, significando “mar”. Sabe-se que a décima legião tomou parte nessa batalha. As peças contêm regularmente as palavras “LEG.X.FRE.” ou “LEG.X.F.”.

Em vista desta legião fazer parte da guarnição da Aelia Capitolina, quando uma colônia pagã foi estabelecida em Jerusalém por Adriano, depois da segunda revolta judia, muitas das escavações em Jerusalém produziram peças da décima legião. Uma inscrição conta uma história que deve ter sido repetida muitas vezes. Ela fala de um soldado da décima legião que morreu no cumprimento do dever na Palestina.

A inscrição, que pode ser vista hoje no Museu de Jerusalém (Jordânia), diz:



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

dos oleiros da Itália exportavam a louça para todo o mundo romano, como pode ser visto pelas marcas registradas e nomes dos fabricantes estampados no interior dos artigos. As mesmas marcas do fabricante podem ser encontradas em lugares distantes um do outro como Bretanha e Transjordânia. As formas, decorações e oleiros são tão bem datados que é possível usar este material para datar um prédio ou uma tumba. Entre os artigos estampados descobertos na Palestina existem peças da Gália, Arreto e Putéoli na Itália e de fornos no leste.

Algumas das cerâmicas mais interessantes do período romano foram descobertas em casas do primeiro século na Colina Ocidental em Jerusalém. Um grupo de pratos, tigelas e canecas impressiona bastante devido às suas formas elegantes e tom vermelho forte. Uma das canecas tinha a forma de um vaso de metal e era um excelente exemplo do seu tipo. Essa cerâmica era considerada de luxo, não sendo encontrada em qualquer casa.²⁴ Existe uma sugestão de que a mesma era de fabricação local e deveria ser chamada de *terra sigillata* do leste. Ela se achava presente nas casas do Quarteirão Judeu datadas do primeiro século a.C., embora pareça estar ausente nos prédios destruídos em 70 d.C.²⁵ A maior concentração de louça *terra sigillata* descoberta até agora ocorreu no estrato helenista do Tell Anafa, na Alta Galiléia.

As lâmpadas romanas típicas da época ocorrem em grande número e mostram uma mudança gradual de tipo à medida que os anos avançam. Os especialistas na história da lâmpada podem dar uma boa estimativa da idade de uma lâmpada pela sua forma.²⁶ Padrões de animais, formas humanas, frutas, folhas, desenhos geométricos e outros, eram regularmente trabalhados nas lâmpadas. Depois do nascimento da igreja cristã, motivos especificamente cristãos passaram a ser geralmente moldados nas lâmpadas. Entre eles estavam o peixe, o cordeiro, a videira e as uvas, a cruz e o pão.

Quando começamos a interpretar algumas das referências sobre lâmpadas no Novo Testamento, ficamos algumas vezes sem ter idéia do que a palavra grega significa. É óbvio que, se quisermos saber o que era pretendido, teremos de pedir ajuda a um arqueólogo. O termo grego *lampas* é usado para “lâmpada” em



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Outros sítios onde foram encontrados traços dos prédios do primeiro século incluem todos aqueles em que existem ainda remanescentes herodianos em bom estado, tais como Cesaréia, Herodion, Massada, Hebrom e Samaria. Mas há uma escassez comparativa de ruínas romanas do primeiro século d.C., excluindo-se as estruturas herodianas. Um estudo mais cuidadoso dos vários relatórios das escavações irá prover material. Os remanescentes dos acampamentos romanos e muros de cerco são de natureza menos espetacular. Estes podem ser encontrados em diversos pontos, alguns dos melhores no sopé de Massada³³ e em Bittir,³⁴ cenário da última resistência de Bar Kochba em 135 d.C.

O período mais recente do domínio romano na Palestina fornece muito mais material para o nosso estudo. Essas ruínas são de um período que ultrapassa aquele ao qual nos limitamos, mas podemos notar, de passagem, que existem ruínas em boas condições em Jerash (antiga Gerasa), datadas a partir da época de Trajano; isto é, desde o período da expansão romana para a província da Arábia. Trajano erigiu ali um enorme arco monumental em 115 d.C. e Adriano fez o mesmo em 130 d.C. Outras construções nessa área datam de fins do segundo e terceiros séculos. O restante das cidades na região da Decápolis, essa famosa área onde a independência foi dada a dez cidades gregas, possui também ruínas romanas. Podemos referir-nos a Citópolis (Bete-Seã), Pela, Gadara e Filadélfia (Amã) (Mt 4.25; Mc 5.20; 7.31). Em Samaria existem também ruínas de uma época posterior, inclusive uma bonita basílica romana datada de cerca 180 a 237 d.C. Uma discussão sobre a cidade de Jerusalém, propriamente dita, será apresentada no próximo capítulo, desde que exigirá que notemos vários elementos topográficos importantes e os vejamos à luz do Novo Testamento.

Estradas Romanas na Palestina

O plano geral do sistema de estradas na Palestina é bem conhecido hoje e existem mapas disponíveis.³⁵ As inscrições feitas nos marcos têm sido de grande ajuda para estabelecer as estradas existentes na época, embora seja necessário concordar que pode



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

dos Gentios (Mt 21.12s; Mc 11.5; Lc 19.45s., Jo 2.14-16). Transações comerciais e outros negócios eram feitos no Pórtico Real, na extremidade sul da grande área. Em uma dessas ocasiões, Jesus proibiu que as pessoas fizessem do pátio uma via pública (Mc 11.16).

Depois do primeiro ministério em Jerusalém, Jesus foi para a Galiléia, mas voltou à cidade para uma “festa” dos judeus, provavelmente a Páscoa. Nesta ocasião ele esteve presente na Porta das Ovelhas, perto do Tanque de Betesda, e curou um homem que estivera doente por 38 anos (Jo 5.1-15). Alguns escritores argumentam que temos alguma informação arqueológica sobre este sítio hoje. Alguns manuscritos antigos contêm Bethzatha em vez de Betesda. A palavra Bethzetha lembra o nome do distrito de Bethzatha ao norte do segundo muro.¹⁷ Existe alguma razão para crer que os tanques de propriedade do monastério de Santa Ana, na área da antiga Bezetha, representam as águas em questão. Trabalho meticuloso foi feito aqui pelos padres White em tanques antigos, agora muitos metros abaixo do nível do solo. Os restos de pilares ao redor da área indicam os “pavilhões” de João 5.2. Père L. H. Vincent e N. van der Vliet concordam com a identificação.¹⁸ Havia, de fato, dois tanques, de forma aproximadamente retangular; o menor tinha cerca de 48 x 39m e o maior 48 x 60m. Os tanques ficavam lado a lado e eram cercados por colunatas. Se contarmos os dois lados mais longos e os três mais curtos, cruzados, havia cinco colunatas ao todo.¹⁹

Alguns anos mais tarde, R. de Vaux e P. Rousée estenderam as escavações até outras ruínas romanas e bizantinas mais recentes.

À medida que seguimos a ordem cronológica da vida de Jesus,²⁰ chegamos ao seu ministério posterior na Judéia, onde teve muitos contatos com o templo. Jesus esteve ali na Festa dos Tabernáculos (Jo 7.10-52) e apareceu primeiro no quarto dia (v. 14) e depois no último dia, fazendo um apelo especial ao povo. Esta foi a ocasião da cerimônia da oferta do vaso dourado com água apanhada no tanque de Siloé. Jesus declarou que só nele havia uma fonte de água viva. O tanque de Siloé é muito conhecido hoje. É a terminação de um canal importante que levava água da fonte Giom (Fonte da Virgem) para o coração da cidade de Davi.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

local, mostrarão um túmulo dentro da área da igreja. Mas isto cria a mesma dúvida ligada ao sítio do Calvário.

Uma localização alternativa popular para o Calvário e o túmulo foi encontrado pelo General Gordon, em 1883, quando avis-tou uma formação peculiar parecendo uma caveira, nas rochas ao norte do muro atual. O morro rochoso acima dela foi identificado com o Calvário e um túmulo nas vizinhanças tido como o túmulo do jardim. Investigação arqueológica mais cuidadosa mostra ha-ver outros túmulos na área, os quais são bizantinos (séculos V e VI d.C.). Não existe, no entanto, evidência convincente de que o Calvário de Gordon e o túmulo tenham valor autêntico. O túmulo pode ser de fato tão recente quanto o terceiro ou quarto século a.C.³² O cenário é, porém, muito belo e serve freqüentemente de inspiração para o turista. Mas, em assuntos arqueológicos, não podemos ser levados pela simples emoção.

Creemos que a cidade antiga de Jerusalém possui muitos se-gredos a serem ainda revelados ao arqueólogo e ao erudito. É tentador, para o estudioso do Novo Testamento, pensar nos mui-tos problemas cujas soluções se encontram sob o solo da Velha Jerusalém. Com o passar dos anos e a necessidade de reconstruir partes da Cidade Velha, podemos esperar que informação valiosa venha finalmente à luz. Enquanto isso, somos gratos pelos co-nhecimentos que já obtivemos.³³



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Ptolemaida tornou-se uma colônia romana onde os soldados dispensados da terceira, quinta, décima e décima-segunda legiões foram assentados. Isto é conhecido pelas moedas cunhadas em honra ao evento. Durante a primeira revolta judia (60-70 d.C.), o povo de Ptolemaida era hostil aos judeus. O cristianismo chegou à cidade durante a terceira viagem missionária de Paulo (At 21.7). Havia ali um bispo cristão de nome Claro em 190 d.C. Algumas áreas na vizinhança da cidade moderna estão sendo escavadas por arqueólogos israelenses com excelentes resultados. Túmulos importantes dos períodos helenista e romano têm sido descobertos há vários anos.

Nos domínios de Herodes Filipe, temos as importantes cidades de Cesaréia de Filipe e Betsaida. A primeira delas foi a cena da grande confissão de Pedro (Mt 16.13-20; Mc 8.27-30). A cidade fora antes conhecida como Pânias, mas, em 3 a.C., Herodes Filipe a chamou de Cesaréia de Filipe, em honra a Augusto. Depois da derrota dos judeus, em 70 d.C., o nome voltou a ser Pânias, que eventualmente passou a Bânias, o seu nome atual.

Há ruínas na área, mas a mais espetacular delas data da Idade Média, quando os cruzados e muçulmanos lutaram na região. Muros e torres medievais podem ser vistos hoje nas alturas acima do moderno povoado; julga-se, porém, que eles foram construídos sobre o sítio da antiga acrópole dos dias romanos. Herodes Filipe permitiu santuários pagãos na área para a sua população predominantemente grega. Os restos de uma gruta cavada na rocha sólida em homenagem a Augusto -- um santuário para Pã, o deus romano da natureza -- podem ainda ser vistos. Inscrições gregas na área, datadas dos dias de Agripa, falam de um altar dedicado às ninfas. Mas tem havido pouca pesquisa arqueológica sistemática no local, embora ele pareça bastante promissor.

Há um problema associado à cidade de Betsaida. Parece provável que Filipe tenha construído a sua capital a uma pequena distância para o norte da velha cidade e chamou-a Júlias, em homenagem à filha de Augusto. Nenhuma escavação foi feita na área (que provavelmente marca o sítio de Júlias), mas temos praticamente certeza de que a antiga cidade de Betsaida está repre-



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Embora esta declaração seja verdadeira no que se refere à posição geográfica, estamos em dificuldade sobre a identificação dos detalhes das cidades. Nazaré é uma cidade cheia de igrejas tradicionais e outros sítios. O visitante é levado à Igreja da Anunciação, à oficina de José, à mesa de Cristo e assim por diante. Não existe evidência sólida para qualquer dessas coisas. O único item autêntico talvez seja o poço do povoado onde Maria ia buscar água, pois é o único poço na área. Uma sinagoga antiga, agora restaurada como igreja, pode talvez prover um elo com os tempos antigos. Mas, o fato é que Nazaré tem pouca coisa de natureza confiável a oferecer-nos hoje. De fato, alguns escritores sugerem que a Nazaré do Novo Testamento pode ter existido a curta distância da cidade moderna.¹⁵

Caná deve ser identificada com a moderna Khirbet Qana (Jo 2.1,11; 4.46). Existem remanescentes do século III d.C. aqui, mas no monte por trás do povoado acham-se espalhados fragmentos de louça de barro do tempo de Cristo e dos primeiros anos do cristianismo.¹⁶

Naim pode ser também identificada hoje com um povoado do mesmo nome. Há alguma evidência de que a escavação para os alicerces de casas sendo construídas ali perturbaram ruínas romanas antigas.¹⁷

A outra parte dos domínios de Herodes Antipas fica na Transjordânia. No extremo sul da área, junto ao reino nabateu, ficava a fortaleza de Maqueros, situada num monte isolado e cercada por um muro e edificada por Alexandre Jancu, mas arrasada pelos romanos em 63 a.C. Herodes o Grande a reconstruiu entre 25 e 13 a.C. Mais tarde passou ao território de Antipas e ali, segundo Josefo, João Batista encontrou a morte.¹⁸ A cidade não é mencionada no Novo Testamento. Uma considerável área de ruínas encontra-se hoje à espera de escavação meticulosa.

Cidades na Província Procuratorial da Judéia

Nos dias de Cristo, a província da Judéia incluía a Samaria e se estendia do norte de Cesaréia, na costa, até abaixo de Hebrom. Ela incluía cidades importantes, tais como Samaria, Siquém (ou



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

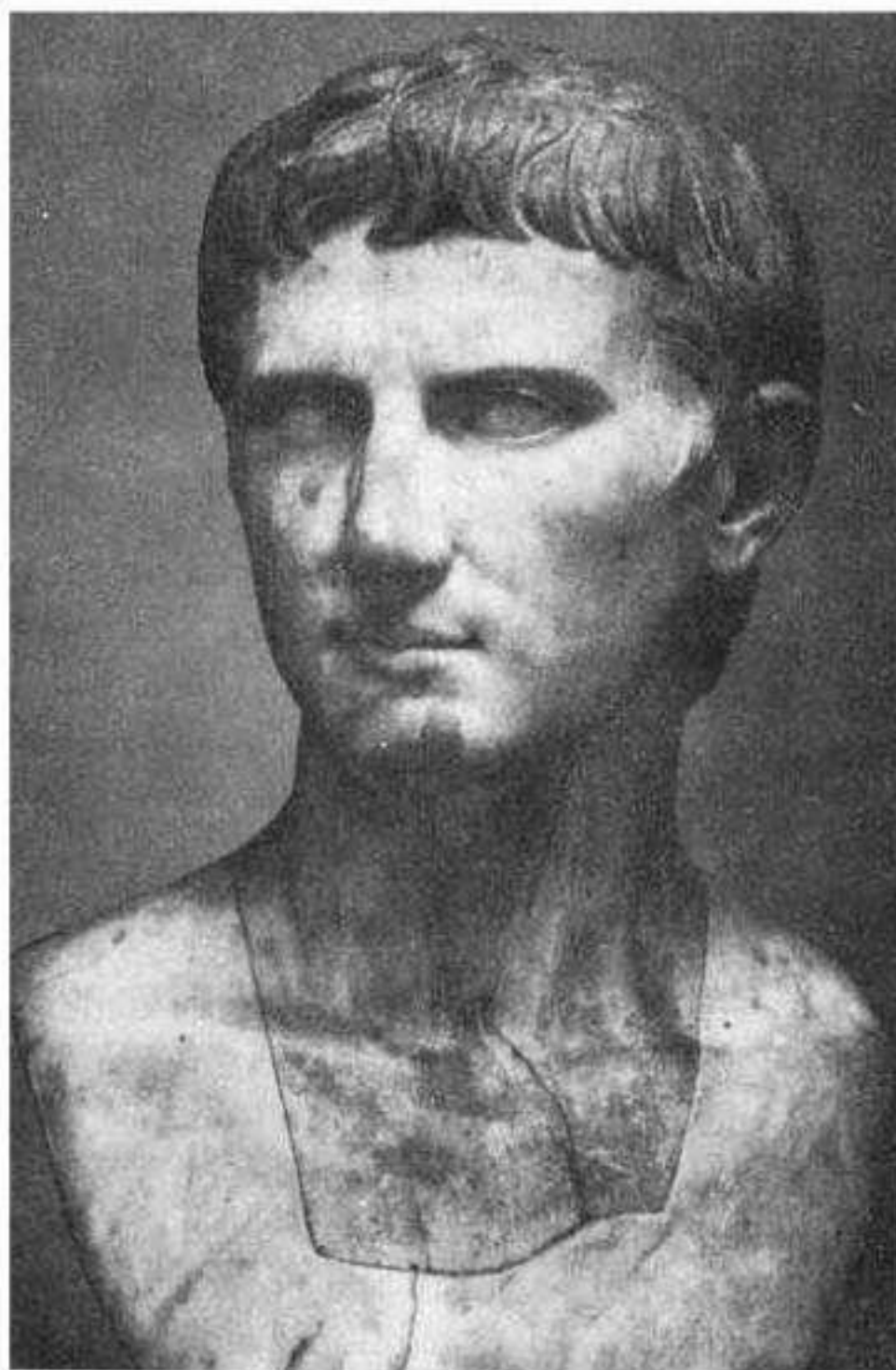


You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Não há dificuldade sobre esses fatos, mas alguns pontos interessantes são levantados em Lucas 2.1s, onde é feita referência ao recenseamento de Augusto e a Cirene. Em primeiro lugar “toda a população” no verso 1 não deve ser tomado literalmente. A frase se refere ao mundo romano daquela época. Nem a passagem exige que um único censo fosse feito de uma só vez, mas sim que o mundo deveria “ser recenseado”. Ramsay destacou que Lucas fez uso do tempo presente deliberadamente e queria dizer que “Augusto ordenou que recenseamentos fossem realizados regularmente”.⁴ Esta interpretação está de acordo com o uso estrito e adequado do tempo presente. O que Augusto fez foi estabelecer o princípio do “recenseamento” sistemático no mundo romano, e não providenciar para a realização de um único censo.



Busto de Augusto César, feito de mármore grego em 14 d.C. Na época do nascimento de Jesus, Augusto decretou que “recenseamentos fossem realizados regularmente”. (Museu Britânico)



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

tipo de coisa fosse inconcebível em Atenas ou numa cidade jônica, estava de acordo com o costume nessas cidades do interior.²⁵ Os missionários se dirigiram para Icônio, uma cidade na mesma região política, mas na extremidade leste da Frígia Gálata. A fronteira aqui era na verdade um tanto artificial e Icônio ficava bem perto de Listra, de modo que as duas cidades tinham relações comerciais estreitas. Este fato é evidente pelo comentário de Lucas em Atos 16.2. Depois de mais problemas em Icônio, Paulo e Barnabé foram para outra “região”, cruzando a fronteira entre a Frígia Gálata e a Licaônia Galática. Ramsay confessou que a descoberta deste fato da geografia levou à sua “primeira mudança de opinião” sobre o livro de Atos, que ele até então considerava de valor incerto.²⁶ O escritor grego Xenofonte, em 401 a.C., referiu-se a Icônio como uma cidade frígia e há evidência tanto literária como epigráfica para mostrar que ela permaneceu frígia até 295 d.C.²⁷ Embora fosse assim associada com Listra e as cidades da Licaônia no que diz respeito ao comércio, ela se achava de fato politicamente na Frígia. Esta evidência apelou muito para Ramsay, já que mostrou que Lucas estava corretamente informado sobre esse detalhe preciso.

A descrição em Atos 14.6 é inteiramente correta. Havia uma região aqui, consistindo de duas grandes cidades, Listra e Derbe, e a área circunjacente. Ambas as cidades se encontravam na Licaônia Galática. Paulo e Barnabé foram pregar nessas cidades estratégicas. Listra se tornara uma colônia romana nos dias de Augusto, em 6 d.C., e se achava a cerca de 29km de Icônio, localizada na Frígia Gálata. Paulo curou um aleijado ali e ganhou a admiração e adoração do povo local, que saiu com ofertas e grinaldas para oferecer a ambos como se fossem deuses, gritando no dialeto deles. As inscrições mostram que o latim era o idioma dos colonos, mas o povo evidentemente continuava falando o seu próprio dialeto quando impelido por fortes emoções.²⁸ Não parece haver inscrições no dialeto local, portanto, talvez não houvesse linguagem escrita.

A menção dos dois deuses, Mercúrio e Júpiter, nos leva a perguntar por que esses dois foram escolhidos dentre todos os possíveis deuses do Panteão. Os nomes na Bíblia são latinos e diferem



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

te religiosos”, é melhor compreendida à luz do nosso conhecimento do número de templos, estátuas e imagens religiosas na cidade. Outros escritores, como Sófocles, Pausânias e Josefo, ficaram igualmente impressionados.⁴¹ Os remanescentes dos templos e esculturas religiosas certamente apóiam o comentário de Paulo. A grande Acrópole, na qual ficava o Partenom, era coberta por uma variedade de templos e santuários, muitos dos quais podem ainda ser vistos, embora estejam em ruínas.⁴²



A Acrópole de Atenas, que possui templos no alto e o Odeon (salão de teatro ou concerto) do Ático de Herodes (ca. 160 d.C.) em sua base, é uma das vistas mais impressionantes da Grécia. Muitos dos grandes prédios, inclusive o Partenom (centro), foram construídos durante a Idade de Ouro de Péricles (séc. V a.C.). (Ewing Galloway)

Outro aspecto que devemos comentar é a referência ao altar com uma inscrição ao “Deus Desconhecido”. O fato desses altares serem conhecidos na Grécia, especialmente em Atenas, é corroborado por dois escritores da antigüidade. Pausânias, que viveu no segundo século d.C. e viajou muito, observou na sua des-



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Diana (gr. *Artemis*). Pesquisas arqueológicas demonstraram que Lucas fez uma descrição fiel desses detalhes em seu relato (At 19.23-41).

Éfeso era o centro do culto de Artemis no oriente. A deusa Artemis (chamada Diana pelos romanos) era, num sentido especial, a “Diana dos efésios” (v. 28). Seu templo veio a ser considerado uma das sete maravilhas do mundo e tão sagrado e inviolável que não só os efésios, mas também estrangeiros, reis e povos deixavam dinheiro depositado nele. O templo era então uma espécie de banco. Além disso, grandes ofertas eram feitas à deusa, o que aumentava a riqueza do seu templo. Uma inscrição fala da oferta de 29 estátuas de prata e ouro feita por um certo Vibius Salutaris, a serem levadas em procissão pública ao templo. De acordo com tudo isto, começamos a apreciar a preocupação de “Demétrio, que fazia de prata nichos de Diana” (v. 24), quando a pregação de Paulo começou a produzir uma porção de convertidos a Cristo. Demétrio “convocou outros da mesma profissão” e enfatizou que Paulo havia “persuadido e desencaminhado muita gente, afirmando não serem deuses os que são feitos por mãos humanas” (vs. 24-26). Em cada centro de turismo ao qual os peregrinos chegavam no mês de Artemision (março-abril) para prestar homenagem a Artemis, um comércio ativo de lembranças e objetos de devoção era sem dúvida realizado. Não foram encontrados nichos de prata nas escavações, embora houvesse alguns de cerâmica, juntamente com uma grande variedade de ofertas votivas.

Artemis, segundo a tradição, caiu do céu e sua imagem foi colocada em seu templo. A origem da crença era possivelmente que um meteorito, parecendo uma mulher de muitos seios, caiu certa vez na região. Apesar da sua antiga glória, o templo ficou perdido durante muitos séculos, mas foi encontrado no fim do século XIX a nordeste da cidade, no terreno baixo na base da colina de Ayassoluk, onde uma igreja cristã tardia foi construída. Hoje é possível desenhar um plano, mostrando uma plataforma de 127m de comprimento por 72m de largura, da qual uma escada de dez degraus levava a um pavimento e mais três degraus levavam à plataforma do templo.⁶⁰ O templo em si tinha 104m de comprimento e 50m de largura, contendo cem colunas com pou-



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

pografia local ou disposição dos prédios nas cidades gregas ou romanas, asiáticas ou européias. A maior parte da nossa informação é produto da pesquisa arqueológica, que apenas deu início à sua monumental tarefa.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

ta forma do gnosticismo brando, que é tido como tendo influenciado João, simplesmente não existia no segundo século, época em que se acreditava que o Evangelho de João tinha sido escrito e quando o apóstolo caiu supostamente sob a sua influência. A essa altura, os gnósticos já eram abusivamente hereges. De onde surgiu então o dualismo simples tão claramente expresso no Evangelho de João? Não dos gnósticos, pois o dualismo deles era fortemente desenvolvido e não-judeu. Em qualquer caso, toda a sua abordagem estava fora de sintonia com o ensino sublime do Evangelho de João.

Um estudo dos materiais de Qumran revela que a seita messiânica que produziu esses documentos possuía um sistema teológico caracterizado por um dualismo de longo alcance. Essas pessoas talvez tivessem sido originalmente influenciadas pelos persas; mas, se fosse assim, o sistema havia sido grandemente modificado. Se os pensadores persas falavam de dois princípios opostos atuando no mundo, o bem e o mal, independentes um do outro, os sectários de Qumran pensavam em dois espíritos opostos, ambos criados por Deus no início do tempo. O dualismo é portanto monoteísta e fortemente ético. De fato, temos aqui um dualismo ético que se assemelha ao encontrado no Novo Testamento e fortemente expresso tanto em João como em Paulo. Tanto João como a seita de Qumran falam de verdade e perversidade (ou mentira), luz e trevas, e assim por diante.

Com respeito ao dualismo da seita de Qumran, W. F. Albright escreveu:

...a sua teologia era caracterizada por um dualismo simples, derivado de fontes iranianas, mas inteiramente judaizado no processo de adaptação. Há um Espírito da Verdade e um Espírito da Mentira, ambos criados por Deus; o dever do homem é escolher entre ambos. O Espírito da Verdade é substancialmente o Espírito Santo cristão, mas faltam todas as ênfases especificamente cristãs. Este dualismo simples, contrastando o bem e o mal, verdade e mentira, luz e trevas, aparece no Evangelho de João; não



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

A cidade foi fundada por Selêuco I (ca. 300 a.C.) como uma cidade-guarnição, embora não possuísse defesas naturais. Ficava numa planície e era um centro comercial importante, cujo maior período de prosperidade estava apenas começando na época em que o Apocalipse foi escrito. Numerosas inscrições de Tiatira mencionam toda sorte de comércio na cidade e falam de operários em lã, linho, roupas, tinturas; também de curtidores, oleiros, padeiros e caldeireiros.¹⁸ Isto nos faz lembrar de Lídia, a mulher de Tiatira, vendedora de púrpura (At 16.14).

A carta a Tiatira é escrita pelo “Filho de Deus, que tem os olhos como chama de fogo, e os pés semelhantes ao bronze polido” (v. 18). O Cristo celestial é contrastado com Apolo, o filho de Zeus, e o imperador, sua encarnação. A igreja de Tiatira é castigada pela sua fraqueza em resistir à sedução desses cultos. O ensino falso do montanismo¹⁹ cresceu na cidade cerca de 150 d.C.

Sardes ficava a 56km ao sul de Tiatira, no centro de várias rotas comerciais. Era uma cidade grande e tinha sido antes a capital do rico reino da Lídia. A Sardes original era uma fortaleza quase inexpugnável, pendurada num monte, mas se espalhou mais tarde para a planície e a velha cidade se tornou uma acrópole. Ciro, o conquistador persa, tomou a cidade de Creso em 546 a.C., mas ela foi tempos depois recapturada pelo rei selêucida Antíoco o Grande. A deusa protetora da cidade era a nativa Cibele, identificada com Artemis. As ruínas do seu templo ainda continuam de pé. Várias colunas quebradas e duas inteiras podem ser vistas hoje numa área de 100m de comprimento e 50m de largura, e no caminho sagrado que leva ao templo o visitante pode ver alguns dos leões que ladeavam o mesmo.

Em 17 d.C., Sardes sofreu grandemente com um terremoto, mas a cidade foi reconstruída com a ajuda do imperador Adriano, que aparece nas moedas mostrando bondade a uma figura ajoelhada. A cidade tinha má fama entre os escritores da época devido à sua luxúria e vida devassa, e a carta de Apocalipse 3.1-6 insiste com a igreja para vigiar, a fim de que o Senhor não venha em juízo. Mais tarde, houve uma igreja no sítio do templo. Escavações feitas por uma expedição americana em Sardes, em 1910,



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

cobriu-se que se tratava de uma coleção de pronunciamentos de Jesus, datada provavelmente do século III d.C.

Pode ser visto facilmente que tal material irá prover evidência muito íntima da vida das pessoas no Egito e em outras partes, pois um pedaço de papiro então era tão importante quanto uma folha de papel hoje. Cartas, recibos, documentos oficiais, licenças de todo tipo, permissões, convocações, títulos de propriedade, ou seja, documentos escritos de toda espécie, quer pessoais ou oficiais, se encontram entre esses papiros. Os documentos propriamente ditos também fornecem informação valiosa sobre a linguagem do povo comum da época e esta descoberta tem enorme importância para o estudo da linguagem do Novo Testamento.

Natureza e Uso do Papiro

O papiro é na verdade uma planta que cresce em profusão nos alagadiços do Egito. Muito cedo, já em 2500 a.C.,² o caule do papiro era cortado em tiras finas e longas, colocado sobre uma superfície plana e encharcado de água. Uma segunda camada era então colocada transversalmente sobre a primeira e as duas camadas comprimidas uma contra a outra a fim de formar uma única folha. Esta secava ao sol e era raspada com uma concha ou osso para remover as asperezas e depois usada para escrever. O tamanho das folhas variava de acordo com a necessidade. Um tamanho médio teria 23 a 28cm de comprimento e 15 a 23cm de largura. As folhas podiam ser unidas de modo a formar um rolo longo, um rolo assim teria cerca de 4m de comprimento. O lado em que a fibra corria horizontalmente, e que era geralmente usado para a escrita, é conhecido como *reto*. O lado de trás da folha, com as fibras correndo verticalmente e que não era normalmente usado para escrever por causa da sua aspereza, é chamado de *verso*. Esta talvez seja uma explicação de algumas referências na Bíblia como Apocalipse 5.1 onde lemos sobre escrita “por dentro e por fora” (cf. Ez 2.10).

O fragmento de papiro mais antigo em existência data da quinta dinastia egípcia (cerca 2500 a 2350 a.C.). A partir de então o papiro continuou a ser usado regularmente até muito depois dos



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

escritores clássicos. Era mais como o grego do Novo Testamento, que representara uma espécie de charada para os eruditos, que consideraram o mesmo uma espécie de grego judaico ou hebraico. Alguns estudiosos chegaram a suspeitar da existência de um dialeto especial grego por trás do Novo Testamento, e existem várias previsões interessantes do ponto de vista moderno nos escritos de eruditos como o Professor Lightfoot e Dean Farrar.⁷

A descoberta dos papiros acrescentou muito ao nosso conhecimento de um tipo de grego que até então parecia deveras estranho. Os estudiosos do Novo Testamento haviam compilado listas de palavras que atribuíram a um grego bíblico ou eclesiástico. Embora esta lista consistia inicialmente de cerca de 500 palavras, ela pôde ser grandemente reduzida à luz desta nova informação. Os papiros, juntamente com inscrições e ostraco, haviam revelado um vocabulário que parecia bastante conhecido no primeiro século d.C. Qual a importância desta descoberta? Esta tarefa foi assumida por um pastor alemão em Marburg, que mais tarde se tornou o famoso Professor Adolf Deissmann e ocupou a cátedra da exegese do Novo Testamento em Berlim. Ele percebeu subitamente a semelhança da linguagem dos papiros com a do Novo Testamento e compreendeu que a chave para muitos dos problemas da linguagem do Novo Testamento se achava ali.⁸ Pareceu-lhe que os papiros davam o grego vernacular de partes consideráveis do oriente, o grego falado e escrito por homens e mulheres comuns da época. Era o grego comum (ou *koine*), e esta era a linguagem constante do Novo Testamento.

A idéia foi aceita por outros eruditos, tais como J. H. Moulton, e embora em seu primeiro zelo esses obreiros chegassem a certas conclusões que foram mais tarde modificadas, suas pesquisas deram, de um modo geral, a interpretação correta da linguagem do Novo Testamento. O estudo subsequente de muitos milhares de documentos colocou os estudiosos numa posição onde passaram a conhecer a gramática do grego *koine* e novos léxicos foram escritos para incluir este último material em seus vocabulários. Um dos mais famosos destes é o *Vocabulário do Novo Testamento Grego*, ilustrado pelos papiros e outras fontes não-literárias, por J. H. Moulton e George Milligan. É aceito hoje que



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

verso de muitas maneiras, temos repetidos casos de profunda preocupação com o bem-estar dos escravos. A manumissão (alforria) de escravos era usada nos escritos cristãos como um exemplo da libertação dos homens da escravidão do pecado para se tornarem escravos de Cristo. Deissmann tem uma seção interessante sobre esses documentos e enfatiza muitos paralelos na fraseologia entre o uso comum e o uso paulino deste vocabulário.¹⁷

Algumas das expressões que se referem à escravatura são encontradas no Novo Testamento, e podemos estudar o uso diário de termos como “escravo”, “redenção” e “resgate” nesses documentos. Os papiros nos ajudam a traduzir passagens difíceis do Novo Testamento. Em Romanos 8.23, por exemplo, existe uma palavra grega (*aparche*), traduzida como “primícias”. No grego clássico ela era empregada para os primeiros frutos ou as primeiras ofertas feitas aos deuses. Um papiro, porém, a interpreta como “imposto sobre legados” e outro como a “taxa de entrada” paga pelos homens de Alexandria que se tornavam cidadãos. Algumas vezes é usada como um “presente” para um deus.¹⁸ Um uso especial é aquele que se refere a uma “certidão de nascimento” de um indivíduo livre. Este último significado foi sugerido como o correto para Romanos 8.23. O ponto é que os filhos de Deus têm a *certidão de nascimento* do Espírito, o que faz deles homens livres mesmo se ainda tiverem de esperar a libertação formal da escravidão da carne.¹⁹

Outros papiros dão informação sobre a vida social. Este, por exemplo, é um convite para que o indivíduo compareça a uma cerimônia:

Antônio, filho de Ptolomeu, o convida para jantar com ele na mesa do Senhor Serapis na casa de Cláudio Serapion no dia 16 às 9 horas.²⁰

A palavra para “convite”, “pedido”, ou “súplica” é regularmente usada no Novo Testamento (e.g., Lc 11.37; 1Ts 4.11), e a palavra “senhor” (gr. *kurios*) é no geral usada como um título divino. Para Paulo só há um Senhor, Jesus Cristo, apesar das reivindicações de soberania de outras “divindades”. Na frase “na



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

ἵνα αὐτοὶ παρῇσι σωσάμενοι ὡς ἐν ἐκκλησίᾳ ἰνα
 δεῖ εἶδεν· ἔτα κατέρχετο πρὸς πάντας τὸν
 ρισεὶ ὑμεῖς τυχὴν ὁρῶντες ἁπλοῦς καὶ
 πιστοὺς διακόνους ἐν τῷ ὄντι τῶν ἀποστόλων
 εἰς αὐτὸ τοῦτο ἵνα γινώσκῃτε τὰς ἐπισημασίας καὶ
 τὰς καλὰς τὰς καρδίας τῶν ἐν τῇ ἐκκλησίᾳ
 καὶ ἀγαπῆτε μετὰ πιστῶς ἀποδοῦναι καὶ ἡ
 χρὺς χάρις μετὰ πάντων τῶν ἀγαπῶντων
 τὸν κνῆ μαῶν ἡμῶν χρὺς ἐν ἐκκλησίᾳ

ΠΡΟΣ ΓΑΛΑΤΑΣ

ΠΑΥΛΟΣ ΑΠΟΣΤΟΛΟΣ ΟΥΚΑΤΑ ΔΕΣΙΩΣΙΝ ΟΥΔΕ
 ΔΙΑ ΔΕΡΜΕΤΟΥ ΑΛΛΑ ΔΙΑ ἡμῶν Χρὺς καὶ ὁ
 τοῦ ἐκείνου αὐτοῦ ἐκ μετῶν καὶ ὁ ἐκ
 πάντων ἐκκλησίᾳ τῶν ἐκκλησιῶν ἰνα
 τὰς χάρις ὑμῶν καὶ ἐπισημασίας τῶν
 καὶ ἡμῶν ἡμῶν χρὺς τοῦ ἀποστόλου
 ἀμαρτιῶν ἡμῶν ἐτιώσῃ ἐν τῇ ἐκκλησίᾳ
 αἰῶνος τοῦ ἐκείνου ὁ ἐκείνου κατὰ τὸν
 τοῦ ἐκείνου καὶ ἡμῶν ὡς ἐκκλησίᾳ
 αἰῶνων ἀμῆν· ὁ ἐκείνου ὁ ἐκείνου
 μετὰ τὴν ἐκκλησίαν τοῦ ἐκείνου
 εἰς ἐκκλησίαν ἐκκλησίαν ἐκκλησίαν
 νεκροῖς ἐκκλησίαν ἐκκλησίαν ἐκκλησίαν
 ἐκκλησίαν ἐκκλησίαν ἐκκλησίαν

O Papiro Chester Beatty (p⁴⁶) é o manuscrito mais antigo das cartas de Paulo (ca. 200 d.C.). Esta página do manuscrito contém Efésios 6.20-24 e Gálatas 1.1-7. (Biblioteca da Universidade de Michigan)



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Saiba um pouco sobre a editora que publicou este livro

A Editora Vida Cristã foi fundada em 1977 com a missão de publicar literatura fiel aos ensinamentos encontrados nas Escrituras Sagradas. Nos últimos anos, tem acumulado diversos prêmios e reconhecimentos:

Prêmio ABEC Autor Revelação
Prêmio ABEC **Melhor Autor Estrangeiro Residente no Brasil**
Prêmio ABEC **Melhor Livro de Evangelização**
Prêmio ABEC **Melhor Livro de Vida Cristã**
Prêmio ABEC **Melhor Capa**
Prêmio Jabuti (finalista)
Mostra Ases da Capa (Museu da Imagem e do Som, SP)

A Vida Cristã é a primeira editora cristã 100% digital no Brasil: todos os seus livros são publicados com tecnologia digital *online* em nosso portal de publicações. Obras de autores nacionais são publicadas também pelo sistema *Print On Demand* (Impressão por Demanda) desenvolvido pela Vida Cristã, possibilitando a divulgação de conteúdo em forma impressa.

Em 2006 estabeleceu uma união com a Arte Editorial para a edição, publicação impressa e promoção de suas obras em todo o território nacional.

Descubra o que alguns arqueólogos não querem que você saiba...

Nos últimos anos, a Bíblia vem sendo desafiada por leigos e eruditos, que têm interpretado achados da arqueologia, história e paleografia como evidências de que a Bíblia não tinha razão. No entanto, tais interpretações não têm se sustentado, mas apontado para o extremo oposto.

Chegou a hora de passar a limpo essas evidências, deixando que falem por si mesmas e compará-las com o que a Bíblia realmente diz sobre cada ponto e passagem.

Com dezenas de fotos de artefatos e locais mencionados na Bíblia, *A Bíblia e a Arqueologia* foi elaborada como um grande panorama das descobertas arqueológicas relacionadas às Escrituras, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento num só volume. Esta edição ilustrada é uma obra essencial para a compreensão dos textos sagrados em seu contexto histórico e cultural.

“A Bíblia não muda, mas a ciência da Arqueologia avança a cada nova escavação, a cada novo documento e interpretação. A Bíblia e a Arqueologia nos presenteia com informações valiosas que trazem vida aos relatos bíblicos.”

Dr. Donald J. Wiseman
Professor de Assiriologia, *University of London*

“Este livro é uma contribuição monumental para o estudo do contexto histórico cultural dos tempos bíblicos e do próprio texto da Bíblia.”

Sidney Alan Leite
Professor de Arqueologia Bíblica, Núcleo de Estudos Avançados

Dr. John A. Thompson é Doutor em Estudos Orientais pela *University of Cambridge* (Reino Unido). Trabalhou em escavações nas cidades de Jericó e Dibon, por meio da *ASOR* (*American Schools of Oriental Research*) e serviu como Diretor do *Australian Institute of Archeology* (Melbourne, Austrália) durante muitos anos.